Adelice da Silveira Barros

Avesso da Vida

CÂNONE
editorial

AVESSO DA VIDA

contos

Adelice da Silveira Barros

AVESSO DA VIDA

contos

CÂNONE
editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

B277a Barros, Adelice da Silveira. Avesso da vida: contos / Adelice da Silveira Barros. – Goiânia : Cânone Editorial, 2013.

170 p. : 21 cm

ISBN 978-85-8058-041-9

1. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD B869.3

1. edição

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem autorização do editor
(sanções previstas na Lei n. 9.610, de 20 de junho de 1998).

Copyright © 2013 Adelice da Silveira Barros

Capa: Luciana Oliveira e Paula

Diagramação e arte-final: Fátima Oliveira

CÂNONE editorial

Todos os direitos desta edição reservados
à Cânone Editoração Ltda
Av. Sucuri, Qd. 137, Lt. 29, sala 9, Setor Jaó
74674-010 - Goiânia-GO - Brasil
Telefone/Fax: (62) 3093 7082
www.canoneeditorial.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Aos que lutam pela paz, ainda que seja no interior de si mesmo.

Meus agradecimentos ao Amor-Exigente pelo apoio durante o período de pesquisa.

Agradeço também a Rede Permanente pela Paz, nossa Rede, por ter me ensinado a pensar a paz.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem, ou ainda por sua religião.

Para odiar as pessoas precisam aprender. E, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

(Nelson Mandela. Discurso de posse como Presidente da África do Sul)

SUMÁRIO

Prefácio: “A vida e seus avessos e reversos” 13
Crack 19
Aprendendo 31
Um raio de sol 42
Plantação 56
Avesso da vida 64
Fachada 74
O tempo e sua pressa 84
Assombro 91
Confissões na noite 98
Confissões II 103
Mudança 112
O olho cego da visão 120
Olhar de primeira vez 127
A decisão 132
Neblina 144
Confissões 153
Necessidade de ser diferente 158

A VIDA E SEUS AVESSOS E REVERSOS

> Opiniões são como pregos: quanto mais se martela sobre elas, mais fazemos com que penetrem.
>
> (A. Dumas Filho)

Adelice da Silveira Barros, romancista de ponta e contista de primeira grandeza, apresenta ao leitor mais uma obra de teor humanístico, com vínculos socio-existenciais, uma coletânea de contos, com a mesma chancela que, desde o primeiro livro (e já são onze), a caracterizou: categoria estilística. Sua narração flui clara, limpa; os diálogos isentam-se de excessos (e, a maior parte, sem os tradicionais travessões ou parágrafos), frases e períodos bem tecidos, tudo escorado na linguagem simples, no dizer sem sofisticações, na contenção vocabular que freia desperdícios, na competência ao manejar as palavras, o que lhe possibilita dar-lhes autonomia, força, e dosar a fala do personagem e a intervenção do narrador.

A intimidade de Adelice com seu instrumento de trabalho, a língua portuguesa, e o zelo que lhe devota são também marcas da escritura *adeliciana*, o que pode até soar pleonástico, mas a verdade, mesmo espantosa, é que, nem sempre, o escritor é cuidadoso com sua responsabilidade em relação ao idioma, nem

sempre seu texto prima pela correção ("licença poética" ou "licença literária" não significa desleixo ortográfico, sintático, linguístico) e, assim, nem sempre ele dá à língua o valor e respeito de que ela carece.

O título do livro, AVESSO DA VIDA, é um alerta ativado e soante. Já no primeiro conto, "Crack", a autora delineia a loucura, a ganância, a compulsão dos jovens pelo perigo, não raro, movidos pelo querer sem medidas, pelo poder aparente, pelo desejo incontrolável de suplantar limites, de subverter valores, de impressionar amigos e colegas. Para tanto, o adolescente entrega-se à aventura de tornar-se poderoso, de angariar prestígio com as garotas, de desafiar o adulto, e paga altíssimos preços para conseguir, apenas (quando consegue), um arremedo de sucesso, para sentir-se "superior", para voar nas asas do desconhecido, para vivenciar o que lhe parece ousado. Ser "o cara", sua proposta de vida. E o resultado é sempre um drama anunciado, pelo menos, para a família, pois desemboca nos delitos, nas infrações, nos crimes de pequeno ou grande porte, estilhaçando sonhos, vidas e contexturas familiares.

Adelice, qual uma cosedora experiente e contumaz, alinhava ideias, abre costuras, desmancha chuleios, rasga pespontos e acha o avesso – face obscura da vida – onde tantos segredos, mistérios e dores se amotinam, levando o jovem a embrenhar-se por sombras e encruzilhadas, ora barganhando sua dignidade, ora colocando à prova sua integridade, ora desvencilhando-se de bens valorosos, atitude que lhe impõe perdas de grande monta, impinge-lhe marcas indesmancháveis e aponta-lhe, quase sempre, o caos.

Infiltrada nos meandros da vida turbulenta e desregrada dos jovens, a escritora devassa-lhes o mundo e descobre sua decadência emocional, afetiva, moral, ponto de partida para se deixarem seduzir pelos desafios,

riscos e oportunidades fáceis, e ponto de chegada ao submundo da vida que as drogas lhes oferecem, haja vista serem eles, potencialmente, presas fáceis do deslumbramento pelo inusitado, já não lhes bastasse o tino para ações arriscadas, aventureiras e radicais.

É certo que a predominância da filosofia do Ter, do desprezo pelo Ser, tão presentes, hoje, no dia a dia de muitos (não só dos jovens), o irresistível impulso pelo desconhecido, pela conquista que infla o ego do poder, tão destacado no jovem, a sanha que separa status, que difere o pai rico do pai sem dinheiro, enfim, esse acervo de ambiguidades e distorções comportamentais estabelece a desigualdade social e acirra curiosidades, invejas, disputas, rivalidades e um empobrecer contínuo de vaticínios para o jovem que se embrenha nessas bifurcações sombrias onde a droga é imperativa. Esse, o mote de AVESSO DA VIDA.

Compromissada com seu ofício de escritora, Adelice não se poupa de emoções, não escaramuça verdades, mesmo as que sobrevivem à clausura das entrelinhas. Com uma visão aguçada e nítida, perfila os conflitos dos jovens, conflitos que escancaram a camuflagem de sua fragilidade, a inconsequência de seu interesse impulsivo para novas experiências, e seu inevitável descambar para o fosso, pousada das drogas e, em consequência, da marginalidade, da deterioração humana, da morte. Essa visão alongada da autora dimensiona os problemas que atormentam a sociedade e envolvem os jovens, pois percebe que esse remoinho devastador arranca-lhes as poucas chances de futuro. Por isso, com o gume afiado da palavra, talha sua temática, desenvolve-a com maestria e deixa, nos quatro cantos do livro, rastos de suas constatações.

Outras abordagens, cada qual com sua devida medida, estão em AVESSO DA VIDA: a força maléfica do

preconceito; os estragos provocados nos dependentes de internet; a importância do esporte na retomada da luz, retratada com acuro no conto "Um raio de sol"; a busca da paz interior como fonte transformadora; a banalização do sexo ao aliar-se às drogas; os danos provocados por pais alcoólicos, mães alienadas, lares desestruturados (para efeito de ilustração, o conto "Necessidade de ser diferente").

O confronto entre o medo (abominado pela maioria dos jovens) e a coragem (travestida em curiosidade) é enfocado, no livro, sob muitas nuanças: o medo do adulto, o medo tímido do jovem, o medo do medo, o medo da solidão, o medo do esvaziamento, o medo de dissecar-se para o terapeuta, o medo que não quer ter medo, o medo que deixa vulnerável o fátuo sentido de superioridade, o medo, fantasma de muitas cabeças, de muitas garras, de muitas artimanhas, que se confunde com o destemor e, muitas vezes, encoraja a omissão, desfigura a coragem, insufla o desejo de autoafirmação e faz do jovem arma poderosa da violência, como bem o ilustra o conto "Confissões". Atiçado pelos embalos da alucinação, atalho que o alonja da realidade, e o conduz à autodestruição, o jovem entrega-se ao desvario, à morte moral.

É inquestionável que a ânsia para fugir dos problemas, das carências várias, da impotência no lidar com as próprias deficiências, não importa de que ordem, alicia o jovem a práticas infratoras ou criminosas. Uma viela estreita e sombria esconde um arsenal de possibilidades para capturá-lo e refugiá-lo nas drogas.

Para o jovem, medo é palavra sem poder, só existe para remetê-lo à submissão, à condição de maricas, de babão, daí, a influência determinante do grupo em sua moldagem. Não se mostrar medroso, não parecer

apegado a princípios, não ceder à pressão familiar, tudo isso, a seu ver, destaca-o, imputa-lhe respeitabilidade, imuniza-o, não o relega à condição de "inferior", de alvo para críticas e menosprezo, e incita-o a aderir ao perigoso chamado dos amigos e colegas, de onde advêm as tragédias em sequência.

Adelice, sempre atenta, expõe, sem muita sutileza, em seus contos, a realidade que deteriora a consciência norteadora dos adultos, de classes variadas, impedindo-os de acompanhar os passos diários dos filhos, comumente sufocados por incertezas e completamente vazios de perspectivas. É fácil perceber, em cada texto, que a vida, na maioria das vezes, parece, a esses jovens, marionetes divertidas, jogos do computador, brinquedos cujo controle remoto é a demonstração de força, arrojo, liberdade sem limites.

No exercício literário de sua cidadania, a autora não se omite frente a outras questões que invadem o cotidiano brasileiro, ao contrário, faz, com certa acidez, críticas aos políticos, à corrupção, à baderna nos gastos públicos, oriunda da má administração, aos desmandos que emperram ações em favor da comunidade. Nada lhe escapa, portanto.

Mas o momento ápice de AVESSO DA VIDA é o conto que dá nome ao livro. De uma singularidade comovente, tamanha a densidade contida na emoção que ensanguenta cada palavra, cada ação, cada cena, cada desesperança pela certeza do desfecho. Trama bem construída, metáforas quase silenciosas, porém, de beleza marcante, um primor! As filigranas que envolvem o tema, como se lhe fossem mortalhas, avalizam a maturidade literária da autora, seu talento e seu domínio sobre as teias que ligam personagens e situações, ora libertando dores, ora cauterizando-as, ora permitindo-lhes explodir.

AVESSO DA VIDA, um conto fantástico. Não só por provocar calafrios na alma, não só por sua tragicidade, não só por referendar o que o livro aborda, mas por apontar, sem condescendência, o destino que abocanha o jovem desertor da vida, que pede asilo à droga, e faz-se presa da morte em sua forma mais desesperadora. Um momento inesquecível, o conto, talhado na singeleza, na condução sutil de cada instante e na discrição tocante da escritora.

Vi-me naquele velório, assombrada com o avesso da vida, ou seja, a própria morte. Ouvi a voz do morto descrevendo cada detalhe daquela cerimônia fúnebre, pilheriando sobre os que dela participavam, zombando das "coroas de carne murcha e de flores frescas", contabilizando, em retrospectiva, sua existência curta e desastrosa. Assustei-me com a perplexidade nos olhos de seus parentes, dos amigos e curiosos. Solidarizei-me com a dor em carne viva de seus pais, escutei a trilha falada do filme rodado na cabeça de cada um. E, cunhadas com ferro em brasa, na minha emoção, as últimas palavras que escaparam da voz sem vida daquele jovem reduzido a corpo, cujo espírito planava sobre a lugubricidade do lugar: "Agora é tarde para avaliações. Naquele momento extremo, de certezas enfraquecidas, dúvidas recém-nascidas, decido trancar-me a qualquer sensação sem desconfiar que aquela é a verdadeira morte, a ausência de sentimentos".

Por tudo isso, Adelice da Silveira Barros integra o espaço reservado aos grandes escritores. A Literatura dá boas-vindas a mais esta obra, que veio para ficar, que deve hospedar-se nas estantes das escolas, das bibliotecas e na cabeceira das famílias, dos educadores e dos próprios jovens.

Goiânia, inverno, 5 de setembro de 2013

Lêda Selma

CRACK

Esse é o cara! Incrível! Todo mundo disse a mesma frase ao mesmo tempo. Falaram e eu fiquei olhando partículas de baba caindo devagar feito neve nos filmes americanos. Estranhei que a voz deles, pastosa e meio enrolada, soasse quase igual. E o mais incrível ainda é que o *esse é o cara* era eu. Isso foi um montão de anos antes da música *Esse cara sou eu* bombar nas paradas. Fiquei inflado como balão em festa de aniversário. Pela primeira vez em um milhão de anos, *eu* era o cara. E ser o cara no meio de um grupo de adolescentes diz muita coisa, mesmo quando eles têm caras espinhentas, aparelhos nos dentes amarelos, são ruins de notas e fedem a sovaco sem lavar. Senti que a partir daquele momento minha popularidade poderia alcançar níveis de bom para cima. Bem, virar uma lenda na cidade como o Zangado estava fora de cogitação. Nenhum de nós tinha cacife para tanto. Mas só de entrar para o time deles já era um grande passo. O pai do Zangado era... bem, o que ele era ninguém falava abertamente, mas o cara *era*. Então você já viu, o filhinho do figurão possuía os melhores e mais possantes veículos motorizados permitidos ou não na sua idade. Tinha autorização para dirigir até mesmo o Porsche vermelho do pai, um carrão quase tão caro quanto um apartamento e que

fazia a galera gemer de inveja e as garotas saltarem para dentro do veículo num estalar de dedos do Zangado. Melissa, uma garota que eu não conheço bem e nem em sonho desconfiava que usa drogas, fez um esforço supremo para levantar a cabeça e me olhou com os olhos revirados iguaizinhos a Jesus Cristo na cruz. Seus cílios gigantes ficaram batendo asas em compasso acelerado feito o beija-flor que toda manhã vem beijar as flores do vaso que temos na varanda da sala. Frank Babão, que no registro recebeu o pomposo nome de Francisco Ludovico Assunção Paraguaçu, levantou num salto bamboleante para explicar com a mesma voz grudenta de antes: "Tô indo mijar". Falou isso com o jeito solene de quem foi encarregado de anunciar aos súditos o nascimento do primogênito do Rei. Depois, deu um passo à frente, dois para trás e caiu de boca no chão poeirento. Vendo o Babão de boca aberta, comendo poeira, eu, que sou neto de agiota, já meio arrependido da decisão de me juntar a eles, pensei: é claro que há um preço a ser pago. No início o cara não sabe exatamente o valor por não se tratar de transação comercial ou coisa assim, onde tudo é previamente estabelecido. Sabe-se da promissória, apenas. Os juros vão surgindo devagar. E sempre se acha que vale a pena arriscar. Daí, arrisca-se. Eu acabei arriscando. E paguei a apólice com juros estratosféricos.

É tudo muito louco, véi. Instalou-se no planeta o estado de loucura. Loucos, os homens apoderam-se do mundo, atracam-se com ele, alvoroçam mudanças, transformações espetaculares e no final perdura a merda de sempre. A vida não passa disso, de um desvario institucionalizado. E quem manda na porra toda é a ganância. A ganância corrompe, estilhaça, mata. Cutucando ferida aberta, a dor te domina, aprisiona. Te leva aonde ela bem entender. A dor é determinada,

lúcida, calculista. Avalia por antecipação o lucro embutido. Quando você vê, cara, tá lá, no gargalo do tornado, o diabo apertando a tua goela, te asfixiando enquanto dança e gargalha e cospe no teu focinho assombrado. O tinhoso te estrangula, esmaga tua carcaça, separa o corpo da mente. Acontece todo dia. Com você ou muito perto de você. Antes, não. Antes, eu era chamado de babaca porque acreditava que havia sentido nas coisas. Um rumo a ser tomado, uma direção, uma meta a perseguir. A gente acreditava. Agora eu sei, acreditar é tudo. Quem não acredita não é, nunca vai ser. A gente queria. Fazia planos. A cabeça da gente funcionava. Agora, a cabeça não manda mais. Envenenado, o corpo age por si. À revelia da mente, o corpo cobra, exige a porra da droga. E para satisfazer a ganância do corpo você vai às últimas consequências: mente, rouba, trai, mata sem colocar seus atos na balança, sem avaliar as perdas e os ganhos. É assim que é pra mim, pra galera toda.

Éramos onze, igual a um time de futebol, em número, saúde, disciplina e disposição. Caímos todos, um a um. Rolamos feito pedra morro abaixo, empurrada pela força do vendaval. O Pente Fino (Cícero, para os professores) foi o primeiro. Cara legal pra caramba. Bom companheiro. "O Pente é bom companheiro! O Pente é bom companheiro! O Pente é bom companheiro, ninguém pode negar!" Era assim que a gente cantava nas tardes de euforia, depois do colégio a galera reunida no clube, nas quadras de esporte. Pente Fino organizava tudo, supervisionava para não faltar nem passar jogador, ninguém ficar chupando o dedo no banco de reserva. Primeiro a chegar e último a sair, ia arrebanhando as coisas que os folgados deixavam para trás. Saúde de corpo e de alma. Tipo *todamãequerpragenro*, Cícero morava com a família:

pai, mãe e uma irmã. Chatinha, a garota era dentuça e meio sardenta, mesmo assim meu faro de garanhão em início de carreira detectava nos gestos da irmãzinha de meu amigo um princípio de sensualidade ainda enrustida. Quando a galera se reunia na casa do Pente, ela circulava pela sala, de minissaia, com um sorriso dengoso na cara inocente.

Aluno de fileira da frente, Pente Fino sentava na segunda carteira, ao lado da Manu, a garota mais cobiçada da classe. Fundo de sala, onde rolava papo solto, troca de sacanagens, nunca. Chegava no horário; apressadinho, ia abrangendo tudo, tomando pé da situação. Ajudando quem fazia de última hora a lição de casa. A cara lavada, dentes escovados, cabelos penteados, o uniforme em ordem; jeito de quem tinha dormido e acordado na hora certa. Nunca foi de navegar até de madrugada, de procurar pornografia na internet, como a maioria da classe fazia. Mauricinho demais para o gosto das meninas; bom no esporte, mas canhestro na hora da paquera. Transitava na coluna do meio: nem feio nem bonitão. Sentar perto da Manu não significava privilégio. Também não sei se ele encarava como tal. Quem sabe aquela tenha sido a forma que a garota encontrou para manter uma certa neutralidade em relação aos colegas de sala. De sinalizar que todos podiam ter esperança, que a bela da turma continuava disponível, não tinha feito sua escolha definitiva. Penso assim, porque um nerd feito o Cícero, indivíduo que vive com a cara fincada nos livros, não conta como rival. Não, de jeito nenhum. No máximo, poderia estar sendo usado pela Manuela, virado seu confidente ou isca para atiçar ainda mais a fome dos outros. Solidário, discreto, amigo até a morte, o Pente Fino tinha o perfil ideal de um bom confidente. Amarrado aos livros, suas notas permaneciam entre o bom e o muito bom; se

não primava, também não envergonhava. Talhado para se dar bem na vida: formar, pós-graduar, casar, viajar com a família uma ou duas vezes por ano. Tudo na medida certa, assim, feito o pai.

Mudanças. Tempestades. Curto circuito na linha da vida, eles ocorrem, cara, e como! Até para quem não está ligado nisso. Algumas são mudanças sutis, acontecem a passos de tartaruga. Outras, bruscamente. Aquela foi um corte abrupto na lâmina de nossos dias, aconteceu num salto vertiginoso. Pegou a galera desprevenida. Como é que um ser pode mudar tanto em tão pouco tempo, virar outra pessoa, alguém que você não conhece, nunca viu na vida? Da noite para o dia, Cícero começou a chegar atrasado para as aulas. Com os olhos estriados, vermelhos, injetados de sono, o uniforme amarrotado, era puro regaço. Mal atingia a primeira fila de carteiras, contando do fim para a mesa do professor, já ia jogando a mochila de qualquer jeito, se esparramando na carteira. Passava a mão pela cabeça, como se ter cabeça fosse uma anomalia, uma aberração; passeava pela classe o olhar estúpido, desfocado. Isso quando olhava. Na maior parte das vezes, desmoronava sobre a carteira, a cara macilenta fincada nos braços, o pescoço desgovernado. Os amigos, de boca aberta, a classe toda abestalhada. Os professores balançavam a cabeça com ar de desconfiança. Daí para a agressividade foi um pulo.

Aconteceu durante uma aula de língua portuguesa. O assunto era conjugação verbal, surgiu o verbo ficar. A classe toda *ficava*. A professora, obviamente, era contra relacionamentos casuais, troca-troca de parceiro. Disse que o ato de *ficar* era uma demonstração clara da debilidade dos laços amorosos nos dias de hoje. Não tinha certeza, mas achava que o consumismo desenfreado, a troca de bens materiais, o descarte podiam estar levan-

do as pessoas a descartar os parceiros, como se gente também fosse material sujeito à troca constante. Se vocês querem que suas irmãs sejam respeitadas, tratem de respeitar as irmãs dos outros, aconselhou a professora. Nada demais, a turma ouviu e acho até que viu uma certa coerência no que a professora dizia, concordaram; se alguém discordou, ficou calado.

De repente, a confusão. Num salto de tigre esfomeado, Pente Fino atravessou a sala, alcançou a mesa da professora e, sem que ninguém esperasse, começou a agredir a mulher que, atarantada, não sabia o que fazer. Passado o assombro geral, a anestesia do susto, a gangue do *deixa disso, qual é, cara, ficou louco?!* conseguiu salvar a desorientada professora.

Ninguém entendeu nada. Logo o Cícero, tão cordato, controlado! Ficamos apavorados, esperando o veredicto. Pente Fino não foi expulso. Bons antecedentes e o prestígio do pai favoreceram-no.

Não sei a sequência exata. A Bianca ou o Mateus? Ou foram os dois ao mesmo tempo? A Laís, o Bento. Parecia coisa encomendada por algum inimigo, alguém interessado em destruir o bom nome do colégio. Desmantelar as equipes de esporte. Talvez um time rival tenha montado a coisa toda, ninguém sabia.

Loira e linda. Tufos de cabelos sedosos emolduravam seu rosto fino onde sobressaíam os lábios quentes e sensuais. Nela, a amabilidade parecia um dom de Deus. E aqueles lábios, Deus do céu! Patricinha de carteira, de repente a Laís transmudou-se em Medeia, e só não matou os próprios filhos porque não os tinha. Agressiva, passou a afrontar colegas e professores. Espremida entre duas forças poderosas, deu para flertar com Deus, sem, no entanto, resistir aos encantos do diabo, figurinha fácil, que, segundo os entendidos, tinha montado praça na escola. Diziam até

que era ele o comandante geral da tropa, o grande general, responsável pela queda da garotada. Caramba! Num estalar de dedos, a garota ia da fé mais extremada no poder de Deus como fonte de cura, ao mais desbragado dos porres. Laís absurdou-se num mundo de contradições. Quando sóbria, arrastada pela família para a ajuda religiosa, andava bem perto da santidade absoluta. Fincava os joelhos no ladrilho frio das igrejas e, de mãos postas, olhos revirados, implorava a ajuda Dele, fazia juras de emenda, fidelidade eterna, propósitos complicados de mudanças radicais. Ia mudar de vida, levar os estudos a sério, respeitar a família, atuar como voluntária em trabalhos sociais. E no final, quem sabe até fincar praça num convento, virar uma daquelas freirinhas descalças que ocupa o tempo rezando pela humanidade tresloucada, cuidando de bebês abandonados. Drogada, com o diabo no corpo, cometia o disparate de tentar aliciar o próprio Deus oferecendo a Ele, seu grande aliado, as pedrinhas mágicas, compradas com dinheiro curto, roubado em casa ou na rua, cada vez mais difícil de conseguir. Coitada da Laís, não alcançou o milagre tantas vezes implorado, morreu de overdose aos quinze anos. Ou foi salva, quem sabe. Coisas piores poderiam acontecer. Morreu como consumidora, antes que chegasse a traficante, como muitos já eram. Não puxou carro. Não dormiu em celas fedorentas nem, num rompante de coragem, meteu um balaço na cabeça de um velhote indefeso que tomava sua cerveja no bar de sempre, na sexta-feira, após o trabalho.

Dos onze, fui o mais resistente, o último a ser arrebanhado pela fala mansa da droga. Foi duro segurar a barra dos outros, tentar a todo custo impedir a queda dos que ainda permaneciam de pé, aguentar a pressão da galera, a pecha de frouxo, a discriminação. Sozinho.

Sem amigos. Estranho aos anseios do grupo. À batalha diária, cada vez mais difícil e promíscua na busca pelo dinheiro sagrado dos traficantes. Fiquei à margem de seus problemas, dos objetivos ou da falta deles. Das confusões com a polícia e os traficantes. Será que não era eu o errado? Os que ainda me procuravam diziam que era bom. Não existia no mundo nada a que se pudesse comparar. Melhor até que sexo. Eu não tinha tanta certeza assim. Na hora, eles ficavam eufóricos, pareciam alegres, felizes, depois calados, tristes, deprimidos. Eu também andava triste, nada era como antes. Muitos deles nem frequentavam mais as aulas. No campo de futebol, de vôlei, a turma era outra. Eu passeava por ali, recolhendo restos de alegrias, moído de saudade.

Caí três dias antes da tragédia na casa do Cícero, da denúncia anônima que acabou com a nossa farra e com o sono de nossos pais. Aquela meleca toda de sirene da polícia, juizado de menores, repórteres, vizinhos armados de paus e de pedras, cada vez mais, mais perto, ameaçando linchar o garoto que, protegido pelo batalhão de polícia, os olhos desfocados, a cabeça meio desgovernada, babava feito um bobo, sem entender que a barra tinha sujado, a coisa era com ele. A turma toda, eu entre eles, apanhada pela polícia, num arrastão escroto, amaldiçoado.

Difícil descrever o que aconteceu naquele dia. Os gritos, pedidos de socorro, vinham de muito longe, numa outra dimensão. Ou vinham de muito perto, mas envoltos na indiferença de quem não tem compromisso com nada, ninguém? No escuro do quarto do Cícero, de onde ele tinha saído logo depois de distribuir a droga e recolher o dinheiro, o tempo estava morto. Apodrecido, fedia. Havia o silêncio. Não o silêncio macio da paz, e, sim, o áspero silêncio do nada absoluto. Drogada, a

galera tinha se esparramado pelo chão. Ninguém ali dava a mínima ao que pudesse acontecer além das quatro paredes daquele quarto. Que se danasse o Brasil com seu PIBINHO de merda, o Oriente com suas guerras. Ninguém, mas ninguém mesmo achava anormal que bombas fossem atiradas sobre bairros residenciais com o claro objetivo de matar pessoas. Ninguém estava nem aí para os rugidos da China contra o Japão, para os acenos da potência amarela com suas exuberantes bombas nucleares. Qual o problema se a Terceira Guerra Mundial virasse realidade? Nenhum de nós acreditava nas forças cósmicas nem temia as pedras que vêm do céu. Tudo bem se um meteoro qualquer resolvesse explodir não lá na gelada Sibéria, mas exatamente aqui no nosso escaldante e destrambelhado Brasil, e escolhesse um ponto determinado e preciso: a mira podia bem ser nossas cabeças enevoadas, dignas de serem esfareladas, divididas em milhões de partículas de merda. Qual é, cara, a morte não passa disso, do avesso da vida, e chega pra todo mundo. Naquele momento de indiferença absoluta, tudo, mas tudo mesmo era irrelevante e natural.

De repente, o ruído surdo dos coturnos, a porta aberta a pontapés e a voz rude, enferrujada do comandante: "Todos juntos, em fila! Se alguém tentar escapar leva chumbo." O interruptor é acionado. Estiletes de luz penetram nossas retinas saltadas. Abobalhada, a galera tenta proteger os olhos com os braços trêmulos. Por alguns momentos, ficamos completamente cegos.

O que minha mente encharcada guardou da invasão dos fardados são cenas confusas, psicodélicas, meio abstratas. Mateus faz com uma das mãos o gesto de *vai se foder* para o policial que parecia ser o comandante da ação, enquanto tentava esconder dentro da cueca o

cachimbo com as incandescentes pedrinhas de crack. Aquilo foi um erro estratégico. Furioso, o que parecia ser o comandante desfechou uma coronhada na cabeça do Mat. Pancada, que tem esse apelido por ser meio retardado, abriu um sorriso que era uma careta desesperada. Aposto que estava pensando na reação de seu pai. O velho dele é um buldogue permanentemente pronto para atacar tudo que ele considera errado. Eu, por minha vez, pensei: meu pai é bem capaz de contratar um psicopata qualquer pra me matar. É que eu não conseguia imaginar meu pai tirando a vida de alguém com as próprias mãos. E menos ainda sendo capaz de me perdoar por uma loucura daquelas. Vi um vulto meio fantasmagórico tentando se esconder no armário do Cícero. Era o Bento, que de tão magro parecia alma penada. Mesmo assim, no momento, senti mais euforia do que medo. Despertado bruscamente da letargia, fiquei meio possesso, ou possesso por inteiro, não sei bem. Minha ânsia era a de correr, furar o cordão de isolamento, de atacar a turba surgida não sei de onde, avançar sobre a multidão de manés, massa trêmula, sem rosto nem identidade, que de punhos erguidos cercava nosso grupo, esgoelando ameaças. Acometido por uma bravata impensada, loucura bestial, força acima de minha vontade, espécie de *amok*, a versão humana da raiva canina, eu estava possuído por uma necessidade visceral de matar, acabar com a raça humana. Matar por matar, aleatoriamente, só para ver a careta do indivíduo, ou indivídua, a cara do grupo que avançava sobre nós esborrifada de sangue, a lama vermelha agredindo o asfalto estremecido. Empurrado por uma obstinação furiosa, eu tentava escapar das mãos de ferro da polícia. A ordem, que vinha não sei de onde era clara: eu precisava correr, e nessa corrida louca ir liquidando quem me surgisse pelo caminho.

Na falta do punhal, matar no porrete mesmo e depois colocar fogo na multidão de boiolas, que, de punhos erguidos, me perseguia. Não consegui meu insensato intento. A polícia foi mais forte.

No dia seguinte, a vergonha. Matéria de capa de jornal. Tudo estampado, escancarado. Nome. Sobrenome. Descendência. Fotos da rua, num bairro tranquilo, assim meio bucólico, a casa grande, porém simples, aconchegante, usada como ponto de venda de drogas. Em letras negras, garrafais: recolhido garoto de dezesseis anos, classe média alta, viciado em crack, acusado de estuprar a própria irmã. E a empregada, por que não socorreu a criança? Tinha sido dispensada pelo garoto com a desculpa de que ele e a irmãzinha iam passar a tarde na casa dos avós.

A vida pode ser tudo e pode não ser nada. Tudo pode acontecer. Ou nada. Depende de você.

Dentro do camburão que nos levava para não sei onde, um policial fracoide com um trabuco que mais parecia uma metralhadora, nos vigiava com olhos sinistros. De vez em quando, ele tirava uma tragada no seu cigarro imaginário. Por que que eu sei que ele fazia isso? Porque o milico abria um pouco os lábios e ia soprando o ar bem devagar, com indisfarçável volúpia. O interior do veículo fedia a bebida de má qualidade e vômito azedo. Acelerado, meu coração batia direto nas têmporas ameaçando romper os ossos do crânio. A corrida desbragada tinha diminuído minha ânsia de destruição. Ainda assim, o espaço era pequeno para tanta agressividade. Comecei a sentir sede. Minha língua estava grossa, os lábios secos e rachados, o nariz ardia como se eu tivesse aspirado pó de pimenta. Procurei uma fenda qualquer que me restituísse o ar fresco. Pela janela minúscula, vi o céu de um azul profundo, impecável, como minha mãe

teria dito. Na distância, um avião rosnava potência, indo para algum lugar. Classe executiva, poltronas que parecem camas. Antes do caviar: *E para beber o que é que o senhor deseja?* Acompanhei sua trajetória até a aeronave se transformar num risco esbranquiçado no firmamento indeciso. Fiquei mirando os confins, sua liberdade infinita. Tamanha pureza me doeu no fundo da alma. Será que eu ainda tenho alma ou não passo de um asqueroso monte de ossos e carne? De repente, assim do nada, a face magoada da irmãzinha do Cícero desfigurou minhas retinas vermelhas, seus gritos por socorro feriram meus ouvidos surdos aos apelos. Tomei consciência de que lidar com aquilo não ia ser exatamente fácil. Algumas coisas duram para sempre ou pelo menos dentro do *para sempre* de cada um.

APRENDENDO

Saquei qual é a sua, cara. Aposto minha mesada inteirinha como o senhor se vê na pele de um tremendo puxa língua. Tem certeza de que pode arrancar tudo de mim, mas tudo *mesmo*, desde o início? Sim, é o que eu espero de meus pacientes. É pra isso que me pagam. Guardar o que não tem valor é pura perda de tempo. Tudo aquilo que nos incomoda, perturba, deve ser jogado no lixo. Sei. Duas questões então: primeira: bebês mijões têm memória? Segunda: por acaso o senhor se considera um lixo? Não foi o que eu disse. Mas como é que vou saber o que *está* e o que *não está* me incomodando? De alguma forma você *sabe*, garoto. Intuição! Já sei. Acontece que intuição é coisa de mulher. Além disso, quem me garante que você, quer dizer, o senhor é um cara confiável? Hum! Vamos ver: está aqui meu relógio que eu ganhei de uma pessoa muito querida. Toma, leva contigo, se um dia você tiver certeza de que não pode confiar em mim, o relógio passa a ser seu e eu enfrento a fúria de minha mulher. Sério? Claro. Casio. Marca japonesa. Não chega a ser um Rolex, mas é legal. Tá, eu falo. Mas vou logo avisando: nem tudo é realmente claro, muitas vezes as coisas ficam bem emboladas aqui na minha cabeça. Tem coisas que eu só sei que vivi porque eles contam que eu vivi. Lembrar mesmo não me lembro. De qualquer forma, acho que ninguém com um mínimo de juízo espera que um bebê mijão tenha memória. Por outro lado, não sou tão bobo assim, sei que existe um registro em algum lugar do nosso corpo, porque se tivesse sido diferente eu não era essa coisa destrambelhada que

acabei me tornando. Acho que lá bem no início andou faltando professor na minha vida, daí aprendi do jeito que deu. O senhor gosta de teatro, pantomina? Muito. Legal. Então vou montar tudo assim como se fosse uma encenação, como eu imagino que tenha sido. Verdade? Mentira? Cabe ao senhor descobrir. E tem mais: não sou artista de verdade, daí não vou bancar o palhaço, que essa história de encenação fique entre nós. Se alguém souber que com quase quatorze anos ainda brinco de *fazdeconta* aí é que tô fodido mesmo. Ah, outra questão: não me chame de garoto, se um dia fui isso faz tanto tempo que até me esqueci. Acordo fechado, vá em frente, rapaz.

Acho que meu registro secreto começa assim:

No ar surdo, rodopiam zunidos de moscas. Mosca é um inseto nojento. Nojento é fácil de aprender, a boca que os adultos fazem quando falam essa palavra diz tudo. Ruídos cotidianos. Uns distantes, outros relativamente próximos. Nenhum ao alcance de meus grunhidos fracotes. Um grito na calçada. Vozes alteradas. Será por que as pessoas brigam tanto? Disparos? Não! Trovões, seu boboca: um atrás do outro. Nem todos os barulhos metem medo, alguns, sim, outros não. Medo. ME-DO. De onde tirei esse conceito? Medo. Todo o resto eles se empenham em me transmitir, ensinar. Do medo ninguém fala. Do medo e da morte. De paz. De paz é bom quando eles falam. A paz é como uma nuvem fofa atravessando o deserto escaldante.

Olha, gente!, ele está rindo! Aprendeu, o danadinho! Rindo uma pinoia, seus retardados, aquilo é reflexo. Reflexo, viu, mané? Vamos cantar uma musiquinha, meu amor? Atirei o pau no gato, tô, tô. Epa! Não é mais assim. Não atire...

O medo não, ninguém ensina o medo. Ele está no rabo baixo do gato. Nos monstros de língua de fogo

que o teto sisudo de meu quarto desenha na insônia da noite. Está no rosto deles, quando pensam que não estou vendo. Quando falam comigo usando a voz de falar com os retardados, fazem aquela careta chamada sorriso que eles garantem que eu também faço, mas é mentira deles, eu ainda não sou capaz. Será que é esse o único método de se aprender o medo? Assim do nada? De tanto ficar sozinho? É, estou aprendendo o medo na solidão monótona das horas. Na paralisia do tempo. No tique-taque do relógio de parede. Na falta de carícias adocicadas. No espaço vazio de vozes, de pessoas. No rosto de pessoas vazias de coragem. Pessoas amedrontadas tentando me esconder a verdade.

Os medos têm nomes, alguns bem esquisitos. Meu pai tem medo da corrupção, da gastança desenfreada de nossos administradores com coisas que não fazem sentido. Quando ele pega o jornal e começa a xingar a gatunagem dos políticos, a ingerência daqueles que são eleitos para defender os direitos do povo e não se envergonham de administrar em causa própria, quando ele começa a reclamar que o salário não cumpre a obrigação de durar até o fim do mês, que os preços estão pela hora da morte por culpa da fome do leão (ainda não consegui entender que que o pobre animal tem a ver com a meleca toda), minha mãe arregala dois olhos deste tamanho. Meio desarvorada vai dizendo que *tudo menos isso*, tem verdadeiro pavor da inflação. Já viveu essa situação e não gostou. Daí, vendo o assombro nos olhos de minha mãe, eu aprendi, sozinho, que o pavor é ainda mais perigoso do que o medo. E não termina aí; existe também o pânico. Esse eu descobri depois, quando já sabia andar. Aprender essa modalidade do medo foi ainda mais complicado do que os anteriores. Envolveu um mundo de gente, e até uma boa porção de histerismo, eu acho.

Para prender o pânico paguei o maior mico de toda a minha vida até hoje. Maior até que aquela vez que a professora me obrigou a declamar, na frente da turma, um poema de amor. No saguão do prédio de minha tia, minha mãe resolveu me meter dentro de um tubo, pouco maior que um caixão de defuntos, só que em pé. Claro que eu não concordei. Daí, ficamos os dois, ela me puxando para dentro do tubo e eu puxando ela para fora do tubo. Para dentro, para fora. Para dentro, para fora. Em volta, um universo de caras espantadas. Nesse puxa-puxa, nossas mãos desgrudaram-se e o tubo se arrancou por conta própria... com minha mãe dentro, claro. Abandonado no meio da multidão de estranhos, abri o maior choro pensando que ela tivesse partido pro espaço, embarcado numa cosmonave ou coisa parecida. Entrei em pânico. Para encurtar a história, acabamos os dois no apartamento do síndico, a mulher dele se desmanchando em amabilidades, minha mãe louca da vida tomando chá de camomila para acalmar os nervos, enquanto se desculpava pelo filho que não era retardado não senhora, apenas meio inseguro. Eu, o panaca, ali do lado, roxo de vergonha. Foi assim que descobri na própria carne o nome e a serventia do elevador. E, de quebra, o pânico, é claro.

Acho que dormi um pouco, o travesseiro está todo babado. Sons estridentes. Vozes de gente miúda feito eu. Oba!, meus irmãos chegaram da escola. Maravilha. Quando eles entram no meu quarto é o maior barato. Eles esfregam seus narizes gelados e melequentos no meu, fazem gracinhas pra mim, às vezes meio bobas, mas gosto do mesmo jeito. Falam alto. O barulhão deles espanta o silêncio amedrontado. Meus irmãos são meio pequenos, mas já sabem falar. Fazem cobranças, exageram um pouco, às vezes. Eu bem que tento. Tento me fazer entender, assim de boa, sem maiores

exigências. Esforço-me de verdade. Todos os dias passo quilômetros de horas movimentando esse orifício maior que tenho abaixo do nariz. Ah! Aahh! Aaahhh! Aaaahhhh!!!!

Na rua, pneus barulhentos passaram levando para longe minha tentativa de ser compreendido, atendido. O cachorro do vizinho, aquele monstro inconveniente, está latindo de novo. Nem sinal dos grandes. Não economizo esforços: buaaaaahhhhhh! Passos apressados. Oba! Deu resultado, alguém está vindo. Agora já sei, é preciso fazer uso da força. Sem a força não se consegue nada. FORÇA. Estou aprendendo a força. Ninguém falou dela, ainda. Não de forma direta, insinuam apenas. Percebi isso outro dia, numa conversa entre meu pai e meu irmão. Meu pai com sua voz vibrante de autoridade suprema da casa: Que marca arroxeada é essa no seu braço, menino? Meu irmão assim meio sem jeito, rezando para aparecer na televisão uma notícia bem escabrosa capaz de desviar a atenção do outro: Foi meu colega, ele me bateu. E você? Eu chorei muito. Chorou, né, seu cagão? Não quero mais você chorando pelos cantos da escola. Da próxima vez, dá uns trancos nele também, ora!

A força é um elemento básico, primário, está em tudo, em todo lugar. Na força da natureza. Na natureza do homem. Força e... medo. Medo da força, que gera a violência. Da falta de força. De não ser capaz de aprender a força. De apanhar porque usou a força primeiro, ou, então, tentou usar a força e não conseguiu. Será que meu irmão aprendeu? E quando chegar a minha vez de socar pra valer a cara de alguém vou ter coragem? Tomara que até lá todos os professores de todas as escolas do mundo tenham aprendido a falar de paz. Parece que em algumas escolas já falam.

Durmo, acordo, acordo, durmo. O tique-taque do relógio de parede, na sala de jantar. Barulhos na rua. Distantes. Nenhuma fala interna para acarinhar meus sustos, as dúvidas. Os grandes, imagino que estejam no trabalho, ganhando dinheiro. Os pequenos na escola, aprendendo a se defender. Sons abafados da televisão. A pessoa grande que troca minhas fraldas melecadas sumiu. Escafedeu-se. Será que ela está dormindo na televisão? Aprendendo alguma inutilidade? Ou também saiu? E se não voltar nunca mais? Se ninguém voltar? Se eu estiver completamente só no Universo inteiro? Não, não é com ele que eu quero contar. Com o medo do silêncio das horas. Das ausências. Não sou covarde nem bundão. Estou aprendendo a força, a força. Estou mesmo? Qual a medida? Tem limites? E o custo benefício? É melhor deixar a criança sozinha enquanto os pais dão duro para garantir o salário do psicólogo, no futuro? Minha avó disse que essa é uma questão complexa. Complexo é ficar no berço com fome, todo mijado, pô! Minha avó aparece de vez em quando, me pega no colo e choraminga umas caretas engraçadas. Diz que não é justo deixar uma criança sozinha daquele jeito. As consequências futuras podem ser graves. Uma pessoa só, para tomar conta da casa e da criança, não é suficiente, eles têm que dar um jeito nisso!, repete todas as vezes.

Tem vez que minha avó me leva para passear de carrinho no parque. Ficamos os dois debaixo das árvores procurando passarinho, enquanto um vento alegre bate na cara da gente. Minha avó sabe imitar a voz de cada um deles. Miúda, magrinha, a avó por si mesma é um passarinho frágil quando me abraça com sua penugem macia. Durante o passeio, não tem relógio para cronometrar o tempo, eu nem vejo que as horas estão passando. É bom quando isso acontece.

Bom mesmo seria se o reumatismo de minha avó não fosse tão exigente.

Nessa minha história bem comum, quem acabou ganhando a batalha foi o relógio. Contra seu poder ninguém luta. Com o tempo, ganhei o ruído das ruas. O burburinho das salas de aula, dos recreios. Finalmente, estou solto no mundo, com meus próprios conceitos. Nisso, os velhos lá de casa são muito liberais.

Por dentro, o silêncio. Enclausurado no peito, na cabeça. Na pele que cresceu, mas não foi trocada. O terapeuta insiste que eu preciso me livrar do silêncio interno. Do silêncio aprisionado. Falar. Só não disse ainda onde é que vou arranjar coragem. Ele, o terapeuta, não é muito de dar palpite. Só fica lá, deitadão, escutando, e isso não ajuda muito. Diz que a iniciativa tem que ser minha. Duro é quando não encontro nada para falar. Outras vezes, a timidez trava o assunto e fica aquela briga entre a vergonha e a necessidade de vomitar a questão, de pôr pra fora o lixo negro, como o doutor se refere aos nossos problemas. Sei que um dia não escapo, vou ter que admitir, falar. O terapeuta dá voltas, tenta entrar no assunto e eu só dando uma de desentendido. No consultório apertado, ficamos espremidos o doutor Frederico, eu, o silêncio e ela, a palavra proibida. Morcego com os radares danificados, a palavra voa de um para o outro, bate contra as paredes, tira rasantes na nossa cabeça. Mas como admitir o gesto se a palavra por si já é horrorosa? MASTURBAÇÃO. Essa é de travar a língua de qualquer um. Nenhum menino que se preza admite o crime. Outro dia, no meio de um daqueles silêncios constrangedores, ouvi um ruído suspeito. Então, olhei assim de meio olho e zaz! peguei o malandro tirando um cochilo como meu pai faz na televisão. Primeiro, pensei em tirar sarro do doutor, deixá-lo sem graça e acumular pontos para

alguma emergência futura. Depois ponderei a questão; afinal de contas, eu sei que o coitado dá um duro danado, o dia inteiro naquela salinha apertada ouvindo as falcatruas dos malandros de consciência pesada, tentando se livrar da culpa, como se ouvido de psicólogo fosse vaso sanitário de passeio público. Além disso, o doutor Frederico ficou todo sem jeito, como se tivesse mijado nas calças. Acabei inocentando o profissional, tomando seu partido: eles entortam a cabeça dos filhos, depois querem que o senhor conserte e isso não é justo, falei pra ele. Cabeça é um troço complicado, eu sei por experiência de anos e anos, ele respondeu. Já que você tocou no assunto, Yan, admito, eu já falei pra essa gente que minha agenda está abarrotada, que não aceito mais nenhum pirralho de miolo mole, que os pais estão transferindo para os educadores e os terapeutas responsabilidades que são suas. Mas não adianta! Todo dia chega mais um serzinho robotizado. Emergência, doutor, diz a secretária, com voz de desculpa, os olhos melados de pena. Já perdi a conta das horas que eu trabalho, não tenho mais tempo nem para dormir direito, para ir ao banheiro, para nada. Tá bom, doutor, não vou contar pra ninguém, não. Fica na sua que eu fico na minha.

Fiquei pensando no tamanho da responsabilidade daquele homem. Não valia a pena destroçar o cara por tão pouco. Acho que, de tanto ouvir histórias esquisitas, sua cabeça anda tão ou mais desparafusada que a dos pacientes.

Acorda, cara, o professor! Que que tem o professor? Tá te fazendo uma pergunta sobre a razão do conflito Irã versus Iraque. E guerra tem razão?

O marasmo das horas passadas no berço, das ausências constantes permanece enclausurado dentro de cada uma de minhas células. Em cada milímetro de

meu crescimento o marasmo vai se reproduzindo, aumentando. Foi um aprendizado lento, penoso. Ainda sinto na boca o gosto azinhavrado da solidão. Tenho ânsia de vômito cada vez que sou obrigado a escutar o silêncio concentrado no burburinho estridente dos sons inominados. Caminhar na multidão sem identidade é um verdadeiro suplício.

Procuro *todo mundo* na zoeira do recreio. O Sílvio, aquele babaca descerebrado, sumiu com minha pesquisa de ciências. Já sei onde encontrar o safado.

No fundão do pátio, num canto bem discreto, encontro a galera toda sentada ou deitada no chão. Um grupo sujo, amarrotado. Fedorento. Rostos amarelos, bochechas afundadas. Olhos sem brilho, desfocados. Feios. Fodidos. Não sei como ainda não foram expulsos do colégio. Juntos, no centro da fumaceira, formam um turbilhão de espasmos e movimentos desconexos. Um deles está tagarelando alto sobre um assunto que ele parece considerar da maior importância. Ninguém presta atenção. Já estou muito próximo quando o Sílvio resvala os olhos para a minha figura, fazendo com dois dedos da mão direita um "V" cambaleante. Vem cá, véi. Tem umas pedrinhas sobrando, experimenta, é bom. Que que vai me acontecer de bom se eu aceitar? Tudo. Experimenta. Mas o quê, exatamente? Você é mesmo um cricas vagabundo! Tem que sentir pra saber, porra! Poder, véi, segurança. Você vai ver, de repente você é o Homem de Ferro, o Super-Homem, o poderoso que imaginar, que quiser ser. Crack cura fobia, medo de elevador, de avião? De ficar sozinho num mundo de ausências? Cê fala esquisito, pô, mas garanto que cura tudo, cara: a timidez, o medo de beijar as meninas. De passar a mão nelas. E do resto tudo, pô.

E depois que o efeito passar? Quando começar aquela tremedeira nas pernas, nas mãos, aquilo tam-

bém é bom? Sem essa, véi! E depois? Depois o quê? Depois é depois, cara, se a vida insistir em te mostrar o mundo em tela cinzenta, meu, é só encarar outro torpedo e outro. É barato. Teu velho tem grana, e o dinheiro compra tudo, pô. Tô vendo o desgosto na tua cara, meu, ninguém precisa ficar sofrendo não, pra que sofrer à toa se tem remédio pra tudo, pô? Bota fé na droga que ela te cura, podes crer!

As palavras do Sílvio me deram a coragem que estava faltando. Principalmente pela questão das garotas que não é nada simples. Quer dizer, é bem complicado mesmo. Às vezes até perigoso. Nunca ter saíndo com ninguém é a situação mais gay que existe. Além de constrangedor, baixa ponto na sua popularidade em geral. Acontece que assumir uma garota da escola tanto pode te dar pontos positivos quanto negativos. A questão é que todos querem as mais populares, e se um garoto gosta da mesma menina que você ele pode puxar briga só para provar a ela que está saindo com um babaca qualquer, enquanto ele é que é o bom. Contam ainda as indiretas dos professores que deixam as meninas vermelhas como salmões descascados. Mulheres são bichos sensíveis, complicados. Aí, elas pegam birra do namorado. No meu caso particular, havia ainda o perigo do exagero. E se de repente eu, que nunca tinha saído com ninguém, desandasse a dar em cima de tudo que era menina? E se depois de uns beijinhos, uns amassos, a garota quisesse chegar ao ponto final, hein? Tenho que admitir que minhas informações sobre sexo são bem rudimentares. Rudimentar é uma palavra que eu gosto de usar. Antiga para o mundo, mas nova para mim, ela se presta a um mundo de coisas. Sob alguns aspectos o Brasil continua sendo um país rudimentar, a opinião de meu pai sobre os direitos dos jovens é completamente rudimentar e assim vai. Voltando ao

assunto principal: além de minha mãe, que não conta, eu nunca vi nenhuma mulher pelada ao vivo e a cores. As da internet eu sei que também não contam. Além disso, as mulheres, todas, gostam de gestos grandiosos e caros e minha mesada mal dá para o boliche e o sorvete do fim de semana. Já vi muitos caras se arruinarem por conta de garotas.

Ah! Que se danem as dúvidas.

Encarei o primeiro. A tragada tem que ser firme e não muito profunda, ensina o Sílvio. A espera é curta. Logo, começo a formigar uma alegria cintilante. O mundo é lindo, cara! O medo do ridículo desaparece. Feito um babaca, persigo com as mãos um enxame de estrelinhas brilhantes. Paro e fico balançando o corpo, dançando uma música imaginária. Breve, irei descobrir o quanto é curta a sensação de euforia. O que perdura mesmo é a espiral de desolação que se forma quando o efeito passa. Tô nessa pro que der e vier! Desconfio que o terapeuta sonolento perdeu mais uma batalha pra porra da droga. Preciso devolver seu relógio antes que a peça vire fumaça.

UM RAIO DE SOL

Chegou em pleno meio da tarde e tinha o semblante esmorecido pela inclemência do calor. Os olhos refletiam o azul intenso de um daqueles dias secos quando as chuvas partiram sem data de retorno, deixando atrás de si um céu impecavelmente lavado. Entre indecisa e espantada, olhava os arredores sem se fixar em nada. Os cabelos soltos eram um tufo de sol.

Quem teve o desplante de trazer a moça sem a devida autorização do prefeito ou qualquer autoridade local foi o Belarmino, filho mais velho de Mariajoana. A visão intempestiva da desconhecida se sacolejando dentro do Jeep enferrujado, no banco do passageiro, ao lado do Belo, o solteiro mais cobiçado da cidade, acordou da madorna a curiosidade dos homens e a revolta das mulheres. Pelas frestas das janelas, de portas parcialmente abertas, mentes curiosas perguntavam quem poderia ser a criatura sofisticada, tão diferente de quantas mulheres os olhos empoeirados do lugarejo tinham visto desde todo o sempre. Namorada? Amante? Esposa? Crianças seminuas interrompiam as brincadeiras e, espantadas, ficavam na dúvida se o correto seria buscar o refúgio seguro da saia das mães ou enfrentar o novo de peito escancarado. Quando os dois desceram do Jeep, um círculo de curiosos já tinha se formado diante da casa do rapaz.

Mãe, ela vai ficar com a gente.

Ela quem?

Ela.

Desculpe, dona Mariajoana, eu não quero causar problemas pra sua família, aliás, estou mesmo é fugindo

de problemas (nem tinha terminado a frase e já estava arrependida. Teve vontade de dizer *erro estratégico, desculpem*). Já disse ao seu filho que posso ficar em qualquer lugar. Se não tem hotel, posso me hospedar numa pensão ou alugo uma casa vazia, quarto, seja o que for.

Olha aqui, moça, neste lugar cada um é dono não só do pedaço onde mora atualmente, como também daquele onde vai morar no futuro. De modo que não temos essas modernidades de hotel, casas de aluguel, nada disso. Meu filho não lhe explicou? E quanto a problemas, os daqui, com a graça de Deus, são poucos, mesmo assim não estamos interessados na aquisição de novos.

Mãe, ela tava lá na parada do ônibus sem ter pra onde ir. Fiquei com pena, sei lá. Onde dormem sete dormem oito, ora.

Onde? No chão?

Ela pode dormir na minha cama.

Mas olha só o atrevimento do rapazinho, trazer uma mulher pra dormir na mesma cama, debaixo do teto onde dormem sua mãe e suas irmãs. Isso é que nunca. Ainda mais alguém com cara de menor.

Eu já tenho dezoito anos.

E nenhum juízo, imagino.

Não é nada disso, mãe. Ela fica com a minha cama e eu durmo por aí, sei lá.

Sem problemas, gente. Eu gostaria muito de aceitar a sua oferta, Belarmino, é muita gentileza de sua parte, mas sua mãe está certa, eu não passo de uma desconhecida. Hei de encontrar outra solução. Alguém com um quarto vazio pra alugar, uma viúva sem filhos, quem sabe.

Viúva sem filhos? Você ainda não entendeu, menina, as viúvas deste lugar se dão ao respeito. Não

vão acolhendo qualquer vigarista que aparece assim do nada. Aqui as leis e os princípios são rigorosamente respeitados.

Mãe, por favor, você está ofendendo a Cíntia.

Ah, então é assim, agora já trata a fulana pelo nome, é? Que nome que nada, quem garante que é verdadeiro, hein? Vai ver a ladra, assassina ou coisa *ainda pior* acaba de inventar esse nome, e você, como um patinho amarelo, ploft! cai na vigarice dela.

Quer saber de uma, dona Mariajoana, a senhora já foi longe demais com seu julgamento precipitado e seus preconceitos podres de velhos. Valeu, galera, de boa, tô me mandando. Nem que o exército brasileiro inteirinho estivesse bem aqui nos meus calcanhares eu não ficaria nessa casa. De todo jeito, essa noia de vir parar na esquina do fim do mundo com a rua onde o Judas perdeu as botas não foi minha, não mesmo. Eu sempre soube que isso ia desandar em confusão e mais nada.

Roxa de indignação, a moça atirou a cabeleira com força, aspergindo raios de ouro nos olhos agradecidos dos homens, estufou o peito avantajado, pegou a mala que devia pesar bem uns sete ou oito quilos, virou tão depressa que quase trombou o nariz com as costas da dona da casa, e saiu batendo o solado das botas contra o chão empoeirado, enquanto os vizinhos escondiam um risinho divertido com a concha das mãos. Ninguém tinha a menor dúvida quanto ao desfecho daquela peleja.

Ei, menina, onde você pensa que vai, hein? A casa é pobre, mas é cristã. Judeu, samaritano, pouco importa a origem ou procedência de quem bate à nossa porta.

Desculpe a sinceridade, mas a senhora deve ser completamente maluca, ou no mínimo bipolar. Por acaso não acabou de me expulsar de sua casa? Pra mim

basta, posso muito bem dormir debaixo de uma árvore qualquer. Se durante a noite despencar uma trovoada e um raio de milhões de volts escolher minha cabeça como alvo preferencial, tanto melhor, assim acabo de vez com essa porcaria de vida e a humanidade inteira começa a viver em paz.

E foi assim que a desconhecida ficou morando na casa de número 13 da Rua 7, de um lugarejo de no máximo umas vinte ruas tortas e esburacadas, na região mais perdida do norte de Minas Gerais, quase na divisa com a Bahia.

Se a senhora me mostrar onde fica o chuveiro, dona Mariajoana, posso ajudá-la com o banho das crianças. Eu gosto de crianças, sabe? Meio que tenho jeito pra lidar com elas, dizem.

Chuveiro? Que chuveiro? E que novidade é essa agora? Aqui cada um toma banho por si. E na bacia.

Vencendo a timidez a caçula pergunta:

Que que é chuveiro, moça?

Chuveiro? É chuveiro. É de onde sai a água para o banho das pessoas.

As crianças caem na risada.

Aqui não tem essa coisa, não.

Agora é minha vez de perguntar: qual o nome de vocês e que é aquilo lá perto da varanda?

Ó, eu sou a Jana, ela é a Janice e a caçula é a Janine. E tem meu irmão Jacob que tá na roça com meu pai. Aquilo lá é a cisterna. Vem cá pra você ver. A nossa dá muita água, não é como a cisterna da casa do Marivaldo e da Belita, que passa a maior parte do ano de fundo seco. Eles são cobras em equilibrar a lata d´água na cabeça. Os moleques vão atrás deles pela rua afora e eles rebolam as ancas pra fazer graça pra molecada.

Naquele momento a forasteira toma consciência da verdadeira dimensão de sua aventura.

Então não é folclore, é verdade que tem gente vivendo nessas condições. E agora, que é que eu faço? Onde a ameaça pesa mais, aqui ou lá? Onde é que vou tomar banho? Lavar meu cabelo? Nem que eu tivesse ganhado o último campeonato de masoquismo ia conseguir fazer o nº 1 e o nº 2 naquele buraco fedorento que eles chamam de casinha. Preciso, com a maior urgência, descobrir se tem algum rio aqui por perto. Como vou enfrentar minhas noites no meio dessa gente intrometida, bisbilhoteira? O negócio é castigar o corpo até à exaustão pra alma não explodir. Mãe leoa, conheço bem esse tipo. As crianças parecem legais. Crianças nada, a Jana já é uma mocinha. São até bonitinhas, mas os cabelos, meu Deus, se eu pudesse distribuir shampoo pra todo mundo. Mas se eu fizer isso, a megera é bem capaz de me esquartejar. Vai dizer que eu estou fomentando a vaidade. E vaidade é um dos sete pecados capitais. Ou não é? Sei lá.

Sua cama está pronta, Cíntia. Os lençóis são grosseiros, mas estão limpinhos de dar gosto. Nem todos os pobres desdenham a higiene.

Eu sei, dona Mariajoana, e agradeço muito sua gentileza, como agradeço. Só não sei como explicar. Acontece que, assim, se não incomodar ninguém, eu prefiro dormir lá fora, na varanda perto da cisterna, sabe? Quando fui conhecer a cisterna vi que tem uma cama onde posso me arranjar muito bem.

Mas nem passando por cima do meu cadáver, que eu prezo demais pela razão de que um dia, com a graça de Deus, ele irá renascer. Você aqui é hóspede e hóspede meu não dorme no terreiro.

Eu sei que vocês são hospitaleiros e isso é muito bonito. Acontece que tenho alguns motivos, sabe?

Insônia. É, olhos abertos como se o dia durasse vinte e quatro horas. Às vezes passo a noite inteirinha em claro. Dai posso incomodar alguém, não sei.

A noite inteira em claro? Mas que claro, criatura? As noites aqui são um verdadeiro breu. Você vai dormir como uma santa. Essa história de insônia é onde o claro nunca apaga. Aqui a luz só vai até certa hora, depois desligam, que a noite ao sono pertence, e, se não tem lua, fica o maior breu.

Vendo a aflição da moça, Belarmino resolve ajudá-la.

Mãe, deixa a Cíntia decidir. Ela tem o direito.

Quando a porta da cozinha foi aberta, na manhã seguinte, a família estacou embasbacada. Ninguém entendia a transformação ocorrida no quintal. Não havia debaixo das árvores uma única fruta podre ou folha seca. Um monturo de lixo quase da altura da casa esperava a autorização dos proprietários para ser incinerado ou transportado. No galinheiro, galinhas cacarejavam alegria comemorando seu novo hotel cinco estrelas. E, no momento, a hóspede colhia frutas no galho mais alto da laranjeira.

Bem que ela avisou que não costuma dormir, falaram ao mesmo tempo, só não mencionou a disposição para o trabalho noturno.

O café já tá pronto, Cíntia, e a xícara sem trincado é sua.

Obrigada.

Janice, sua enxerida! eu é que ia falar pra ela.

Mariajoana interfere: Sem briga, crianças. Vamos fazer o seguinte: como recompensa, a Janine faz a oração de agradecimento pela refeição.

Onde você trabalha, Belo?

Na oficina mecânica.

Posso ir com você? Quem sabe por lá tem alguma coisa que possa fazer.

Ir pra oficina, sem autorização do meu chefe? Não mesmo. Além disso, lá não tem serviço nem pra um, quanto mais pra dois.

E o que que você fica fazendo o dia todo?

No momento, tô montando um fusca com peças antigas.

Sério?! Irado, cara! Posso pelo menos ir ver o fusca?

E daí volta pra cá? Nessas condições dá.

E as crianças não vão pra escola?

Não tem escola.

Quer dizer que aqui não tem escola?!

Escola tem. Só não tem aula.

Como assim? Não tô intendendo.

Eu falo. É assim, Cíntia, a tia ganhou nenê. Daí ela não pode ao mesmo tempo dar aula pra gente, dar o peito pro bebê, trocar as melecas dele, essas coisas. E seu Manoel, o prefeito, garante não ter dinheiro no caixa pra pagar outra professora. O caixa dele *todo mundo* sabe que é debaixo do colchão e nunca fica vazio. Mesmo assim a gente tá sem aula e pronto.

Se é esse o problema, eu posso dar aula de graça na escola de vocês. Não me custa nada.

Sério? Você é professora?

Não exatamente, mas alguma coisa sempre se pode ensinar. Onde fica a prefeitura? Eu passo por lá.

Não tem prefeitura.

Ué, se tem prefeito tem que ter prefeitura.

A prefeitura é na casa do prefeito.

Dona Mariajoana falou com voz de megera contrariada:

É, pelo jeito a mocinha acredita poder abraçar todas as profissões do mundo. E a mais antiga de

todas também você domina? Chegou neste lugar com o intuito único de abafar, modificar, não foi? Que fique bem claro: as mudanças aqui são ainda mais lentas do que lá no Vaticano. Demoram séculos pra acontecer e a população está muito bem assim como está.

Mas antes que a insultada explodisse em indignação, chegou um mensageiro trazendo um recado do prefeito, algo assim como uma intimação, exigindo o imediato comparecimento da forasteira devidamente munida de seus documentos. A coisa ia de mal a pior. Belo se prontificou:

Eu vou com você, Cíntia.

Vai nada, berrou a mãe. Na ausência de seu pai, que agora só pensa na lavoura como se não tivesse mulher e filhos, quem manda na família sou eu.

Enquanto eles caminhavam rumo à prefeitura, Cintia falava para dentro de si mesma: Mulherzinha azeda. Tenho que descobrir outro buraco onde eu possa me meter ou então fico tão ou mais amalucada que ela. O Belo é um fofão em todos os sentidos e pode me ajudar. A questão é descobrir meios de aliciar o cara, trazê-lo pro meu lado. Mesmo sendo ele o mais esperto da família, eu vou tentar, ah se vou. A mãe também não é nada burra, mas tem a desvantagem de agir sob impulso. O Jeep dele pode me ser útil em muitas questões.

Belo, tem, assim, algum barzinho onde a galera costuma se reunir?

Barzinho? Bebida aqui é bicho proibido. Tenta pra ver.

Ué, muita gente frequenta barzinhos só pra conversar, encontrar os amigos. E como é que fica a diversão? Ou divertir também está proibido por lei? E esporte? Alguém aqui pratica alguma modalidade?

Tem o futebol de pés descalços e fundo de quintal como em qualquer buraco esquecido de Deus deste país de tantas misérias.

Você joga?

Dou minhas pernadas como todo mundo.

E você está tranquilo com a vida que leva?

Se disser que estou você vai rir de minha mediocridade, eu sei. Mas sabe que estou? Acho que afinal sou um daqueles caras acomodados, sem grandes ambições, essas coisas. Quando posso, dou minhas escapadas por aí. A região é rica de festas populares, folclore, essas coisas. Aqui mesmo tem um grupo de violeiros bem afinados. Qualquer dia, te levo a uma roda de viola.

Nossa, eu ia adorar.

E você, como veio parar nesse buraco que nem existe no mapa? Por escolha própria garanto que não foi.

No momento não posso falar.

OK, só fala se quiser, pra mim tanto faz. Não vejo em você nenhuma ameaça imediata. Estou certo ou errado?

Como é que eu vou saber? As ameaças vêm quando e de onde menos se espera. As piores são as internas. Contra essas só o...

Completa, vai. Ou você tem vergonha de admitir que acredita no poder divino?

É, você tem razão, Belo, a covardia não leva ninguém a lugar nenhum. Eu acredito Nele, sim, só não sei o grau de intensidade, mas creio. E quanto ao prefeito, você acha que ele vai querer me expulsar da cidade?

Depende do tamanho de seus crimes. O cara é tinhoso. Vai te espremer feito uma laranja madura. Quanto à minha mãe, não esquenta com ela não. Ela

só precisa de tempo. Aqui o novo demora mais pra ser digerido. Ela às vezes pega pesado, eu sei, mas no fundo é uma boa pessoa.

Claro, eu até admiro sua franqueza. Reconheço que estou invadindo a privacidade de vocês, o que não é legal pra ninguém. Espero encontrar logo uma saída. E seu pai, como ele é?

Meu pai é um cara tranquilo. Um agricultor nato. Planta com ou sem garantia das chuvas. Num ano ganha, noutro perde. Só nunca perdeu a crença na terra, isso nunca. A casa do prefeito é aquela de paredes acinzentadas.

OK, pode ir trabalhar. Prefiro enfrentar a fera sozinha. Depois eu passo por lá pra ver seu fusca. Tô morta de curiosidade.

Tem certeza de que pode aguentar os trancos sozinha? O cara não vai deixar mole, e sua eficiência de número um é a tortura.

Deixa comigo. Depois da sua mãe, nada é impossível.

Só mais uma questão: ninguém vai te cobrar abertamente, mas no domingo, durante a missa, a comunidade inteira vai estar de butucas ligadas procurando a figura da forasteira na igreja. Se ganhar pontos for importante pra você, esteja presente.

Valeu, cara!

Na porta da casa do prefeito, uma garota de dezoito anos, menos segura do que tenta parecer, respira fundo, sabendo que aquele momento é definitivo.

(Um ano e cinco meses depois)

Bem, como algumas das atletas já sabem, hoje é meu último dia como treinadora do nosso time de vôlei.

Não, Cíntia, é sério. A gente implora, ajoelha, beija seus pés. Você não pode abandonar o time assim, do nada. Que que vai ser da gente sem você? Logo agora que começamos a aprender o que é espírito de grupo, responsabilidade coletiva, essas coisas todas. Por que você não casa com o Belo, hein?

Porque ele não me pediu.

Mas você volta, não volta?

Claro, então eu ia abandonar meu time preferido? Vou acompanhar cada passo de vocês. E nada de pânico, galera. Nosso time está bombando, reconheço, e parte do sucesso é meu por direito adquirido, disso eu não abro mão. Mas ele pode muito bem andar sem mim. De agora em diante, além do time mirim de futebol masculino, o Belo vai assumir o vôlei feminino. Como vocês sabem, ele participou de todos os treinos, desde o primeiro dia. Além disso, é um cara esperto, ligado, competitivo, honesto. Vai dar certo, vocês vão ver. Logo, logo, nosso time vai participar não só dos campeonatos municipais como foi até agora, como também dos estaduais e de outros maiores. O grande desafio foi a construção deste espaço. Não foi mole. Contra todas as previsões nosso Centro Esportivo foi possível, está aqui, modesto, mas pronto, funcionando como ponto de encontro da juventude. Não é demais? Querem vitória maior do que essa?

É verdade, alguém grita da plateia, e a origem do dinheiro da construção nunca foi devidamente esclarecida. Essa explicação você nos deve, Cíntia.

Isso é o de menos. E agora, meninas, qual é o lema?

Acreditar em si mesmo e no grupo como um todo!

Garotas choravam abraçadas à treinadora, que, emocionada, também chorava.

Por favor, atletas, de volta a seus lugares, que eu devo satisfação a essa comunidade. Foi pra isso que foram convocados.

Sr. Manuel, prefeito desta cidade e meu amigo pessoal, do fundo do coração, eu lhe agradeço o voto de confiança em mim depositado. Como a maioria aqui deve lembrar, minha chegada a este lugar não foi exatamente feliz. Apareci sozinha como ... o quê mesmo? Impostora? Foragida da lei? Bandoleira, sei lá. Houve exageros, mas na verdade as especulações de vocês não eram de todo infundadas. Eu era uma fugitiva.

Um ÓÓÓ geral estremece o espaço.

Fugitiva, sim. Eu fugia de mim mesma. E nesta cidade da qual nunca, nunca vou me esquecer, eu, verdadeiramente, me encontrei. Não só encontrei a mim mesma como também a condição primeira para viver: a PAZ interior.

Na plateia alguém se levanta:

Cíntia, minha filha, ninguém aqui está interessado em nada além daquilo que já sabemos a seu respeito; qualidades que você mesma nos mostrou com gestos e não com palavras. Você é o que estamos vendo, o que fez por nossa gente e pronto. Se um dia te julguei foi movida por sentimentos mesquinhos como o ciúme e a ignorância.

Agradeço sua compreensão, dona Mariajoana, minha mãe adotiva por mais de um ano, mas é necessário que eu fale, falar faz parte da cura, de meu compromisso com a entidade que me deu apoio quando eu precisei. Eu era uma dependente.

Dependente?! Como assim? Nunca apareceu por essas bandas ninguém mais independente, atrevida e abelhuda que você, ora essa!

Seus elogios são muito bem-vindos, pessoal, mas não é só isso, não. É preciso que eu confesse minha inutilidade anterior. Sem crença nem fé e com franca disposição para autodestruição, eu era viciada em jogos eletrônicos. Isso também é dependência. Internauta em tempo integral, eu varava noites desafiando a mim mesma. Quem vicia não consegue parar se não tiver coragem de admitir sua condição de dependente. Dominada pelo vício, passei a negligenciar os estudos e, vivendo fora do mundo real, acabei perdendo a oportunidade de entrar para a faculdade com minha turma, como todo mundo esperava. Deixei de praticar esportes, minha primeira paixão. Virei uma vampira indesejável, a mulher noturna, branquela, flácida, macilenta. Só por milagre meus caninos não cresceram. Eu varava as noites acordada e dormia mal durante o dia. Desenvolvi o gosto pelos jogos violentos e isso acabou fazendo de mim uma pessoa com tendência à agressividade. Depois de muitas tentativas frustradas, uma entidade que cuida de dependentes em várias áreas convenceu meus pais a me mandar para um lugar onde a tentação não tivesse a menor chance de me alcançar. Foi assim que eu vim parar aqui, no meio de vocês.

O povo olhava espantado para a cidadã Cíntia (apenas uma pessoa na plateia conhecia seu sobrenome), uma figura corada, saudável e com uma disposição absurda para abraçar os problemas da comunidade. Ninguém fazia a menor ideia do que ela estava falando. Que diabo de dependência seria aquela? Pegava? Era contagiosa? Os mais espertinhos começaram a desconfiar que o problema tinha relação com computador, internet, essas coisas. Outros nem isso.

Olhavam uns para os outros atrás de um veredito. Em unanimidade resolveram que, fosse lá qual fosse a tal tentação, queriam mantê-la bem longe da amiga querida, para todo o sempre. De que jeito? Com o poder e a força de suas orações e muita, muita vigília.

PLANTAÇÃO

Há exceção, é claro, mas no geral é uma turma de ricos. Filhos de prósperos fazendeiros, pecuaristas e agricultores ligados ao agronegócio, têm franco e aberto convívio com a bonança. Filhinhos de papai, no conceito dos professores. Sancho Pança encabeça o grupo. Gordo, vermelho, ombros largos e pernas finas, cara de padre irlandês, feio como a pobreza e meio tapado, o estudante parece sofrer de perene falta de atenção. Apesar da feiura e permanente leseira, vive rodeado de meninas. A razão é simples: em Chapadão do Céu, cidade nova e rica, localizada no extremo sudoeste de Goiás, próxima ao Parque Nacional das Emas, seu pai é Rei. Rei da soja. Rico, desengonçado e esquisito. Filho único, herdeiro absoluto de um mundão de terras cuja verdadeira extensão o gordo se recusa a revelar, o cara é popular na faculdade. Displicente com as matérias em geral, não diz claramente, mas todos sabem que o riquinho só está na faculdade por imposição do pai. O agricultor, bem-sucedido, mas ainda assim matuto, sonha ver o filho doutor, ao seu lado, fazendo bonito na sólida mesa das intricadas transações comerciais, como mega exportador de soja. Não que Sancho Pança tenha nos dito isso, na verdade ele nunca fala de sua vida, da família, nada. A gente entende. Os verdadeiramente ricos não têm necessidade de se mostrar. Quem solta pincelada de informações são seus amigos de fora da faculdade, uns grandalhões sujos, tatuados e cabeludos que usam correntes grossas no pescoço e nos pulsos e só aparecem de vez em quando. São debochados, inconvenientes e parecem meio broncos.

Sancho Pança é um. Os outros são os outros. Os estudantes que não têm família na cidade se viram como podem. Por obra e graça da ganância imobiliária e do gosto do povo brasileiro pelo modismo arquitetônico, alguns dos estudantes de agronomia moram no Setor Sul, em casarões antigos que foram transformados em repúblicas estudantis. Jovem e determinado a ser feliz a todo custo, o ruidoso grupo dá ao setor casmurro um novo ar de leveza e gaiatice. Hoje, os ricos moram em luxuosos condomínios horizontais ou verticais. Assim, livres da obrigação de nobreza, os casarões velhos onde antes reinava a indolência comportada, aplaudem a algazarra dos novos moradores, rapazes e moças coloridos que não medem esforços para desanuviar o ambiente. Risadas alegres, noitadas barulhentas enxotam os fantasmas alquebrados de sucessivas gerações que viveram, entediaram-se e, finalmente, morreram sob o teto alto e sisudo de suas mansões. Outros dividem o aluguel de barracões de dois ou três quartos, ao longo da Marginal Botafogo no Setor Universitário, eu entre eles. Ali, rodeados de livros, ratos, baratas e um aluvião de mosquitos, vivem amontoados. Há, ainda, os que disputam à tapa cada centímetro quadrado de minúsculos apartamentos no Alto da Glória e Jardim Goiás. Novos e limpos, imóveis de primeiro aluguel, os apartamentos têm a desvantagem da falta de identidade; paredes nuas, mobiliário restrito, guardam a indiferença fria dos escritórios.

A realidade de Sancho Pança é bem diferente, que tamanha envergadura certamente há de cobrar espaço, e muito. Ele mora sozinho em uma cobertura na Avenida 136. Sozinho é modo de dizer. Tem duas empregadas: uma que não faz quase nada e a outra que ajuda a primeira; um magnífico par de dobermanns pretos e lustrosos, devidamente adestrados, uma arara

azul importada diretamente do Pantanal Matogrossense e um gato de rua, encolhido num amarelo doentio. O vira-lata foi parar na cobertura graças ao rompante de humanidade, quer dizer, de gatonidade de um dos estudantes meio chapado na madrugada úmida. Esses são os efetivos. Nos fins de semana, a população triplica. Sábado e domingo, invariavelmente, a galera da faculdade bate ponto na suntuosa cobertura. Bêbados, solteiros ou acompanhados, que não conseguem mais encontrar o caminho de casa, pernoitam no AP do pançudo. Como, no dia seguinte, ninguém consegue saber quem chegou com quem, o gordo faz sua escolha levando para a cama, em *sunset party* memorável, a garota que mais lhe agradar. Tem preferência pelas altas e magrelas, caneludas com jeito de manequim profissional. A cor da pele é irrelevante, uma vez que, como bom brasileiro, o rapaz não padece de racismo.

Na sala, um ambiente tão espaçoso quanto o auditório da faculdade, o bar está sempre abastecido, mas o dono da casa raramente bebe. Quanto a outros vícios, ninguém sabe. Ninguém fala. Entretanto, para alguns, os invejosos – quem sabe –, seu cinismo distraído, a doçura estúpida sugerindo lembranças de momentos indivisíveis, o jeito bovino de ser aventa algum tipo de tara obscena. Bebedores inveterados, irresponsáveis de fim de semana, porém estudantes sérios nos dias restantes, nenhum dos frequentadores da cobertura é dependente químico. Bem, talvez o Lousa, talvez haja nele uma incontrolável compulsão ao álcool, ninguém nunca parou para analisar, que isso é assunto para profissionais. O Lousa é uns cinco anos mais velho que o resto da turma, em razão de ter abandonado pela metade dois cursos universitários. Chega à cobertura entre três horas e três e meia, invariavelmente. Coxo e magro, a boca espumando álcool e ira, vai xingando

a classe do dia, que tanto pode ser o governo, os professores, banqueiros, ambientalistas. Corruptos de toda laia, os ricos, em geral, e até os pobres que vão na conversa dos populistas. Tudo depende da última leitura do jornal. Depois, mais calmo, pergunta: que que vocês estão bebendo? Para, também, invariavelmente, tomar em goles generosos uísque sem gelo.

Calado e meio tristonho, esporadicamente eufórico, jeito de filho que perdeu a mãe muito cedo, o gordo, arrastando sua magra de ocasião pela cintura, vagueia aluado entre os pares esparramados pela maciez branca de tapetes felpudos, desviando-se de migalhas de comida, copos vazios, fazendo vista grossa às marcas de vômito. Outras vezes, senta-se na poltrona azul brilhante, sob a lâmpada mais forte, com um livro ou simplesmente quieto e à parte, o olhar parado fitando os colegas por um tempo infinito, com uma expressão vaga e distante no rosto vermelho.

Da casa, conhecemos apenas a sala, cozinha, o banheiro social e a churrasqueira que fica numa espécie de hall, entre a sala e a cozinha. Ali, entre acaloradas discussões, comemos picanhas sangrentas, quase berrando de cruas. O assunto predileto, depois do futebol, é o descaso com a agricultura, a falta de uma política séria para a área. Será que o governo não percebe que sem a agricultura e a pecuária o PIB brasileiro estaria ainda mais nanico?

Por medida de segurança, talvez, a porta que dá entrada à área de lazer, no pavimento superior (vai que um mais chapado resolva debruçar sobre a mureta da varanda...), fica sempre trancada e sem a chave.

Cedo da noite, depois de uma briga feia com a namorada do momento, sem disposição para voltar para minha pocilga na Marginal Botafogo, decido ir para o apartamento do Gordo. Como sempre, a porta da frente

está destrancada. Um dos cães dormita atravancando a passagem. Monta guarda o pobre animal. Tento, com minha mão meio trêmula, um carinho canhestro no pelo brilhante do cão. De cabeça erguida o animal olha minha figura em franco desalinho, com olhos frios de exame, como se olha um intruso. Não arreda pé da entrada. Ficamos ali, os dois sem ação. Finalmente, apesar da má vontade, o cão se digna a fazer uso de seu infalível olfato. Começa a me cheirar, pelas pernas. O odor de álcool irremediavelmente entranhado na pele me dá o alvará de entrada: sou reconhecido como de casa, tenho licença para entrar.

Vazia. Sem a presença dos boca-livres, limpa e organizada, ostentando mobiliário moderno e requintado, a sala parece ainda maior. É, finalmente, a sala de visitas de uma família convencional. Apelos comerciais fixados nos prédios vizinhos lançam intermitências de sombras multicoloridas sobre o sofá mostarda. No vazio triste do ambiente, sem a vibração de vozes alegres, as cores perdem o brilho, o sentido. Abafados pela distância, chegam até mim os ruídos esparsos da avenida, vozes isoladas de raros transeuntes. Algumas doses de vodka e a briga com a namorada me levam a uma vaga nostalgia de minha casa, lá no interior. Nunca me senti tão solitário. Com lágrimas enxeridas pedindo passagem, zonzeio por ali, meio perdido, descobrindo detalhes que a confusão dos dias normais encobre. Na parte interna do bar, assim meio camuflado, o retrato de uma mulher simpática usando roupas caseiras. Vejam só! Sancho Pança afinal é humano! Guarda o retrato da ama de leite ou da primeira babá, penso, divertido. Continuo bisbilhotando.

Já ia sentar por ali e esperar o grosso da turma, quando, para minha surpresa, descubro que, ao contrário do usual, a porta de entrada para a cobertura

está destrancada. Abro-a, com naturalidade. Recebo na cara uma lufada de ar fresco, impregnado de odor. Já meio desconfiado, aspiro o ar com força. O cheiro é suspeito. Inconfundível, me dá a verdadeira dimensão de meu delito e do tamanho da encrenca na qual acabo de me meter. Atarantado e confuso, movido pela curiosidade, subo as escadas. No último degrau, paro, estarrecido. Onde eu esperava encontrar o azul celeste da piscina, cadeira de descanso e mesas de apoio vejo, protegidos de qualquer intromissão, muitos canteiros, uma verdadeira flora. Robustos e bonitos, poderiam passar por canteiros de plantas ornamentais. Sob forte iluminação, vigorosas, uniformes e muito verdes, numa exuberância de dar gosto, crescem... ervas.

Antes que eu consiga adaptar-me à constrangedora situação de bisbilhoteiro, Sancho Pança, triplicado em tamanho e agressividade, surge não sei de onde. A cara amarrada e a pança descomunal barram ostensivamente minha passagem. Não vejo no colega de sala, como era de se esperar, nenhum sinal de constrangimento; pelo contrário, o constrangido sou eu. Olha-me, imóvel e frio, mantendo sem esforço o desprezo intenso e a ironia calculada. Só posso estar enganado, como é que alguém com tamanho poder, tanto dinheiro nas mãos, pode sentir algum ressentimento pela vida? Mas é essa a sensação que me invade por um momento, enquanto o dono da casa me olha, teso, com calma e desdenhosa provocação. Se eu conseguisse, certamente sustentaria meu olhar por tempo indefinido. Fico ali, parado, os braços compridos ao longo do corpo, as mãos soltas, inúteis, os ombros caídos, segurando na cara um ar idiota. Compreendo, então, que o gordo está armado, que sempre esteve. Não tenho a menor dúvida de que se fosse preciso sacar da arma ele o faria, sem pestanejar. Ao lado do dono, em posição de alerta, sacudindo a

cabeça e grunhindo de vez em quando, ansioso pela oportunidade da ação, o dobermann parece aguardar ordens. Sancho Pança não cansava de se vangloriar da obediência e fidelidade de seus cães. Sem coragem para enfrentar o colega de faculdade, pedir satisfação, em sinal de rendição, quem sabe, afago a cabeça do dobermann, enquanto penso: ora, ora, afinal o filho não foge à regra; assim como o pai, o garoto sabe cuidar de sua rendosa plantação. Forço um sorriso que acaba sendo uma careta e digo: desculpe, cara, foi mal, a porta estava aberta e eu acabei subindo.

A partir daquele dia, a verdade vai surgindo aos poucos. Sancho Pança nunca afundou os pés gorduchos e miúdos na vermelhidão das terras férteis de Chapadão do Céu. Seu pai, um pequeno sitiante de Caiapônia, jamais, em toda a vida, plantou um único pé de soja. Tampouco entendeu a escolha que o filho, urbano por nascimento e convicção, fez ao prestar o vestibular para agronomia. Acima de tudo, ignorava a dinheirama que o gordo vinha ganhando com o cultivo de maconha na cobertura de um prédio em uma das mais nobres regiões de Goiânia.

Sorrateiramente, sem querer magoar ninguém, mas com pavor de ver nossos nomes envolvidos na tramoia, vamos sumindo do endereço sinistro, cujo verdadeiro dono, por uma questão de segurança até, fizemos questão de ignorar. Seja lá quem for, não é de nossa conta. Único problema até agora é a nostalgia. Não dá para negar o banzo, uma dorzinha funda roendo o coração da gente, saudade danada da mordomia que desfrutávamos no apartamento do gordo. Sancho Pança, agora declaradamente cínico e arrogante, continua na faculdade, aprendendo novas técnicas de plantio. Fala em fazer mestrado, doutorado. Isso se o uso da droga não reduzir a zero sua capacidade de aprendizado e

memorização. A gente duvida. Todos os dias, escalado por ordem alfabética, um de nós vasculha os jornais pensando encontrar com estardalhaço a notícia escabrosa. Até agora, nada.

AVESSO DA VIDA

Canalhas! Agora, na presença da família, dão uma de bonzinhos, humanos, prestativos. Mas antes, longe dos olhos atentos dos interessados, fui tratado como um boneco de trapos. Fico imaginando o tipo de tratamento que deram ao pobre diabo que chegou depois de mim, sujo, quase maltrapilho. Colocam-me no lugar exato, nem para a direita nem para a esquerda. Milimetricamente correto como um quadro na parede, sobre o sofá da sala de visitas. Acendem as velas. Com mãos enluvadas, o chefe da equipe retira um fiapo invisível no castiçal de prata, enquanto, tesos, os outros aguardam. Compõem a cara antes de perguntar se está tudo bem, conforme a vontade da família. Resolvo avaliar, eu mesmo. É o maior barato, cara. Como era previsível, há um certo exagero em tudo. Tanto em qualidade quanto em quantidade. Penso assim, no início. Depois, começo a gostar de minha condição de figura central, devidamente paramentada. Logo eu que, como vocês sabem muito bem, nunca gostei de holofotes. Pelo contrário, o negócio era mantê-los o mais distante possível.

A chegada conjunta de vocês, a galera da tatoo, da fumaça e da seringa, um grupo feio, encardido, áspero e meio defensivo, é o maior barato, cara, causa o frenesi que era de se esperar. Desleixo total em contraste com a pompa reinante. Rostos cinzentos. Roupas largas cobrindo esqueletos descarnados. Velhos antes do tempo. Alguns ainda meio chapados, outros trêmulos, com o corpo despedaçado e a mente meio alucinada, exigindo com urgência uma tragada, não dá

para disfarçar. Chego a perceber no ar agitado o início da indignação que antecede os linchamentos. Um ti-ti-ti dos diabos. Aos poucos, depois dos comentários, demonstrado o repúdio coletivo, os ânimos vão se acalmando. Restam os olhares de rabo de olhos. Alguns notadamente dúbios.

Do alto de minha neutralidade, divirto-me pra valer. Uma coisa me surpreende: o espanto esbugalhando os olhos de vocês. Pô, eu avisei tantas vezes e ninguém acreditou? Não fui o primeiro nem vou ser o último. Eu falava sério. Não tinha saída, cara, era peso demais para um esqueleto tão frágil. Há um limite para tudo, para todos. Até para os desregrados. Eu não tinha saída, cara. Suportei o desespero da família, a apreensão, a angústia da procura inútil pela cura, o pavor de ser preso. Aguentei a tortura maior que é o esvaziamento do saco plástico, o pânico diante da visão das bolinhas sumindo inexoravelmente e a incerteza quanto à possibilidade de uma nova aquisição. Essa é a grande tortura, a que enlouquece e mata. Depois não deu mais. Como muitos outros, desdenhei o perigo. E, como eles também, cheguei ao fundo do poço. A justiça pode até inocentar, e inocenta. Basta o sujeito contratar um advogado bom de lábia. Mas e o resto? Não tive saída, era sangue por sangue. O deles pelo meu. Saí da prensa e não me arrependo. O que vejo nas caras amarelas de vocês, nas pupilas dilatadas, nos gestos descontrolados, além de assombro? De medo? Medo do que possa vir a acontecer. Desse estou livre. E estou melhor. Parei de morrer. A fumaça corrompeu o céu de minha vida. Morri em quartos escuros encrespados de fumaça. Quem não morreu? Morri na morte precoce de cada um dos amigos que se foram. Morri nas mortes anunciadas pelos jornais. Sei que a morte nunca mais

será controlada. Essa certeza foi o golpe final, o tiro de misericórdia.

Que que eu posso dizer? A coisa em si é um BUM!, quando você percebe já aconteceu. O depois, ainda não sei. A lucidez monstra, abrangente, é imediata. Vejo em dimensão total e absoluta. Por exemplo, percebo muitas ausências. Onde estão os outros amigos? Só agora o motivo começa a ficar evidente. Caramba, impressionante a abertura de minha visão. Vejo tudo, numa clareza espantosa. Nenhuma viagem, por mais louca que seja, dá a abertura que eu gozo neste momento. São três grupos: o A, o B e o C, é isso? No grupo A estão os panacas, donos da grana que sustenta o B e C, sendo que o último, com raras exceções, apenas se beneficia. São os profissionais, estes estão livres do mais remoto resquício de consciência, acertei? Quem são eles, hein? Gente sei que não são. Monstros além de qualquer ficção. Pelo celular, um de nós? ou deles?, cujo rosto não consigo ver, é advertido. Te manda daí analfabeto. Tu não vê que o figurão, o pai do panaca (o panaca no caso sou eu), pode implicar contigo? Os outros, eu já avisei, ninguém pretende comparecer. Te manda enquanto é tempo, brother! Figurão, tu sabe, é figurão, tem lá suas escoras, seus meios de livrar a cara. Qualquer complicação, tu já sabe, quem voa primeiro é tu, meu irmão. Te manda daí enquanto é tempo!

Dentro daquilo que minhas condições permitiam, me preparei. Tanto é que o pranto silencioso e seco de meu pai, toda vez que abraça alguém mais próximo, era esperado por mim, não há de me balançar a estrutura capenga. O de minha mãe, escancarado, como sempre, é quase ridículo. Chegou a babar na blusa de seda de uma das amigas. Mas ela sempre foi chorona, chora por qualquer contrariedade. Chora quando perde, quando teima em ganhar. De alegria, de tristeza. Uma chorona,

a minha mãe. Mantenho-me indiferente a suas lágrimas, mesmo porque sei que, com a espontaneidade com que elas vieram, irão embora. Foi assim durante esses anos todos, quase quatro anos oscilando entre a esperança extrema e a desilusão completa. Descabelava, chorava, rezava. Depois, por uma razão misteriosa, voltava a acreditar. Com uma vitalidade descabida me arrastava para um programa novo, numa igreja diferente, para os centros de tratamento, reabilitação, o diabo. Reconhecendo que tinha perdido o tempo, voltava ao choro. Com isso acho que acabei banalizando sua reação. Não, fútil, irresponsável ela não é. Quem passa pelos transtornos por que ela passou, sem sucumbir, é porque tem energia, é valente. De qualquer forma, agora Inês é morta, qualquer questionamento redunda em dor inútil.

Sobre um tripé gigante surge uma coroa de flores, a primeira. Foi enviada pelo prefeito. O cara é rápido no gatilho, chega em primeiro lugar, sempre. Pelo jeito a coisa já se espalhou, atingiu o alto escalão. Imagino o alívio daqueles que, muitas vezes, seguraram minha barra em deferência ao dinheiro do velho. Uma mistura infeliz de roxo com vermelho. A coroa é grande, vistosa, feita para aparecer. A segunda, assinada pelo grupo de oração de minha mãe, é mais discretinha. Coitado do grupo. Gastou todas as cores, o brilho, o viço, rezando pelo filho perdido da amiga. Branca, a coroa faz alusão ao céu, eu acho. Outra perda de tempo. O céu não foi feito para os transgressores, senão onde é que ficava a justiça? O céu foi feito para os puros de coração, dizem os entendidos de assuntos póstumos, ainda não tive tempo para esclarecer a questão. Deve ser a etapa imediata ao cerimonial.

Vão chegando, sozinhos, aos pares, em grupo. Óculos escuros, caras compostas, todos demonstram

uma pressa inexplicável, uma urgência descabida como se o evento pudesse acabar de um momento para o outro; têm uma necessidade absurda de se mostrar, de dizer que compareceram levando nas mãos abertas seu apoio incondicional. Apesar de ajustarem as máscaras na entrada, suas caras não disfarçam a surpresa. A indignação contra o ato que julgam impensado. Menino rico, tratado a pão de ló, francamente! Que que pode ter acontecido, dado errado, hein, gente? Faltou ou passou? Mais fácil ter passado. Dinheiro em mãos jovens é um perigo. Começam por curiosidade, brincadeira, falta de coragem de dizer não ao grupo. Quando dão pela coisa, é tarde. Tenho ido a muitos velórios como este. Não é que a linguaruda tem razão?, penso, foi exatamente assim, brincadeira de amigos. Necessidade de ser igual aos outros, fazer parte do grupo. Panaquice barata, agora eu sei.

Coroas, aos montes. De carne murcha e de flores frescas. De repente, o espaço fica pequeno para tantos curiosos. Vejo, lá atrás, a figura desolada de Lorena, uma das poucas a guardar uma discrição correta. No rosto vermelho, uma cortina branca de lágrimas silenciosas. Nem tenta se aproximar. Fala comigo, de longe, em voz baixa, macia, de ninar criança. Diz coisas que ela nunca havia falado. Sabia de minha indiferença em relação a si. Dos chifres. Mas garante que me ama de qualquer jeito. Vai amar para sempre. Que nunca transou com nenhum outro, aquela história sórdida com o Dan é pura fofoca de invejosos. Fico dividido entre o ceticismo e a vaidade. Custava ter confessado antes, pô? Quando eu ainda tinha voz, poder de resposta? Isso de ter capacidade para ouvir mas não de responder é terrível. Acreditar, confiar verdadeiramente em alguém pode fazer a diferença, ou não? Alguns passos atrás da Lorena, o Dan. Cínico! Faz a maior

cara de piedade, como se ninguém soubesse que ele dá em cima de minha namorada. Começo a descobrir coisas que nunca passaram pela minha cabeça. Muitos falam verdades ignoradas por mim. Outros, que eu considerava verdadeiros, mentem descaradamente. Muitos safados se tornam verdadeiros diante das circunstâncias. Vão surgindo coisas. São muitas as questões que eu gostaria de esclarecer, consertar. Estou meio atordoado com o zum-zum-zum de opiniões, comentários, críticas. Alguns, bem divertidos, como o da coroa de carne murcha, ali do lado direito. Você viu que desperdício, Carmem? Um pedaço de pecado ir embora assim, na flor da idade. É, companheira, pode colocar sua mantilha preta, somos as viúvas da insensatez, da violência. As viúvas da droga que mata nossa ilusão de um dia ter um homem pra chamar de meu. A continuar assim, nosso jejum não vai acabar é nunca.

Estava tudo bem cara, tudo sob controle, ou pelo menos parecia. A complicação começa com a chegada deles. Fico puto da vida. Quem lhes deu permissão para virem aqui? Ele, na cadeira de rodas, ombros largos, porém curvados ao peso de uma vida dedicada ao trabalho. Ela, ossos grandes numa figura frágil, cabeça branca, olhos parados, fitos no fundo escuro de uma tristeza sem volta, caminha com esforço. A multidão vai abrindo alas. Vão se aproximando devagar. É sério, cara. À medida que eles se aproximam, o mal-estar, uma fadiga sem saída começa a me oprimir. A mesma ansiedade de quando a droga acaba no início da manhã e a gente sabe que os celulares dos fornecedores só começam a atender depois das dezoito horas. A razão de minha angústia é profunda e verdadeira. Sou o único neto do casal. Filho único da única filha, nascida da teimosia de minha avó, que fez questão de ignorar

os riscos de uma gravidez tardia. Os outros ficaram perdidos na longínqua Europa Oriental. Viraram insumo nas estepes, as terras vermelhas da Ucrânia, como se aquele chão não fosse fértil o bastante para matar a fome de seu povo. Vô tinha altos planos para o babaca que me tornei. Universidade nos Estados Unidos ou Canadá, pós-graduação na Inglaterra ou até mesmo na Alemanha, país que um dia ele odiou. Por mim, herdeiro e única possibilidade de perpetuação, faria qualquer sacrifício.

O casal veio para o Brasil logo depois que a Ucrânia foi ocupada pelos alemães. Membro do subterrâneo nacionalista ucraniano, meu avô lutara contra nazistas e soviéticos, indiscriminadamente. Depois da ocupação nazista, viu-se em apuros, na iminência de ser deportado para a Alemanha ou até mesmo de ser executado. Tratou de dar no pé, antes que fosse tarde. Da guerra só obteve perdas e prejuízos. Além dos filhos, perdeu todos os bens materiais. Sem falar na saúde e na mocidade soterradas em esconderijos estreitos, buracos de rato. À força de passar fome, o casal perdeu também alguns centímetros de estatura. Entretanto, diziam com o maior orgulho que três coisas tinham sobrevivido: a vida, bem maior, o nome limpo e a fé inabalável – primeiro em um Ente superior; depois, em si mesmos. Conversa de velhos saudosistas. No começo, eu gostava de ouvir as histórias daquela terra rica e gelada, nos confins da Eurásia. Da fome e da fuga corajosa debaixo de artilharias pesadas. Denúncias covardes. Depois, me cansei daquilo tudo. Agora, após anos de trabalho duro na lavoura, em terras paranaenses, sem nunca terem desdenhado ocupações as mais rudes e pesadas, os velhos são novamente um casal rico. Não vejo razão para ficarem remoendo tragédias antigas.

Estão bem próximos agora. Os curiosos se afastam para dar lugar aos velhos. Estou encurralado, sem ação. Paralisado de vergonha. Ficar cara a cara com os dois, tendo pleno conhecimento de tudo que eles passaram para preservar suas vidas, estava além de minha coragem. Espero, tremendo. Chegam. Solícito, alguém oferece cadeiras. Em respeito a mim, meu avô tira a desgastada boina de lã xadrez. Seus lábios chacoalham uma oração no idioma oficial ucraniano que, infelizmente, não sei traduzir. Vovó me olha com seus olhos de céu claro, doces e amáveis. Tem a alma aberta em chagas, posso sentir. Vai levantando devagarinho a mão trêmula em direção ao meu rosto enfaixado. Vou recuando, recuando, a cabeça afundada quase atravessando o travesseiro macio. Sinto que me será pesado, insuportável o toque suave daquela mão que tantas vezes acariciou meus cabelos crespos, avermelhados. Limpou minha bunda melecada. Por que vieram, porra? Não tinham o direito. Ou tinham?

Não foi mole aturá-los ali, inconsoláveis, sem reprimendas nem julgamento, apenas repetindo, incrédulos: Tudo acabado, termina aqui nosso nome, nossa árvore, o nome a que dediquei minha existência. Depois de tantos e tão grandes sacrifícios, o nada como recompensa. Nada. O futuro acaba aqui. Mamãe abraça os dois pelas costas, inundando com suas lágrimas quentes a tristeza fria dos velhos. Se eu tivesse imaginado, pai, teria arrastado esse menino a um posto de inseminação, teria congelado algumas sementes suas. Apesar de tantos indícios, faltou previsão. Fiz a opção errada, a mais fácil, optei pela ilusão. Calado, vovô roda nas mãos ossudas a agitada e trêmula boina xadrez, adquirida quando de nossa visita ao seu país de origem.

Foi uma viagem de sonhos. Principalmente para os velhos que nem sempre tiveram confiança de que um dia teriam a oportunidade de voltar ao seu país. Aconteceu quando completei doze anos, idade que, segundo meu avô, dava início ao meu ingresso no mundo dos adultos. Eufóricos, os velhos iam engolindo sofregamente cada pedaço de paisagem, recanto de cidades, lugares preferidos. Pisavam com reverência as calçadas de sua infância, local de retorno incerto, desde o dia da partida apressada. E nós, meus pais e eu, caminhávamos tontos, nossas cabeças entulhadas de visões raras, informações. A Catedral de Santa Sofia de Kiev, tombada pela Unesco. Minha avó quase nos mata de susto ao cair de joelhos em frente ao monumento, soluçando feito criança. A Praça da Independência, em Kiev, palco da Revolução Laranja em 2004. Lviv, a cidade natal, localizada na Ucrânia Ocidental, é tida como um dos grandes centros culturais do país. Foi ali que o namoro começou quando eram jovens com espírito de criança. A casa onde cada um deles tinha nascido, separadas por alguns quarteirões. A de minha avó não existia mais. No local, plantaram uma vivenda nova, quase moderna. Seus olhos incrédulos levaram dias para absorver a realidade. Diante da nova casa, olhou para o fato consumado com o mesmo horror que agora encara minha inércia. No país, cujos costumes nos pareciam exóticos, experimentamos por experimentar pratos estranhos ao nosso paladar, enquanto eles saboreavam saudades. Gostei mais ou menos do holutsy, um prato feito com folha de repolho, e de uma sopa de beterraba de nome impossível. O resto, engoli quadrado, louco para voltar aos sabores que matavam minha fome.

Aproxima-se a hora fatal. A despedida. Já vi esse filme, cara, e confesso que não gostei. Endureço. Não,

não posso sentir remorso nem arrependimento. A vida era minha. Ninguém, além de mim, tinha direito sobre ela. Não é bem assim! Soa a voz da multidão, juiz implacável. Queria muito contar com a compreensão da turba enraivecida. Não foi fácil a decisão, não foi mesmo. Nunca houve intenção de bravata. Quanto à covardia, o que dizer? Não vislumbrei saída, simplesmente. Pelo menos foi o que eu pensei, acreditei. Agora é tarde para avaliações. Naquele momento extremo, de certezas enfraquecidas, dúvidas recém-nascidas, decido trancar-me a qualquer sensação sem desconfiar que aquela é a verdadeira morte, a ausência de sentimentos.

FACHADA

Obediente, o Gol desbotado aninha-se no espaço exíguo entre a pilastra e a reluzente BMW. Depois de pegar a pasta marrom e o jaleco branco, o motorista salta do veículo. Embora a profissão não lhe faculte uma pontualidade exatamente britânica, tanto o relógio do painel quanto o de pulso atestam que ele está uns cinquenta ou sessenta minutos atrasado. A demora é parte da estratégia que vem adotando, sem resultado, há três semanas. Sem vontade, pega o elevador, vazio naquele momento. Os demais moradores já se encontram em casa. Provavelmente, os homens rolem no tapete com os filhos pequenos ou estão na cozinha com a mulher. Enquanto ajudam na lavagem da louça, comentam fatos do dia. Desanimado, abre a porta sabendo de antemão o que o aguarda: os filhos entediados diante da televisão chupando o dedo polegar da mão esquerda. E oriundo do quarto, o cheiro. Sutil. Velada mensagem anunciando o quanto sua mulher é infeliz. Com o coração apertado, simula uma alegria que está longe de sentir; abraça os filhos. Inicia com o mais robusto uma queda de braços. Ri. As crianças riem, apesar de tudo.

Conheceram-se no primeiro ano da faculdade. Ela: inteligente, de uma beleza tranquila, porém expressiva. Tão marcante que sua entrada na sala de aula em passos comedidos, uma ginga inconsciente balançando seus cabelos longos acordando a imaginação dos colegas, era detectada pelo rapaz tímido mesmo antes de ela passar pela carteira do colega, na penúltima fila, contando da frente para trás. Cumprimentava um ou outro colega

mais chegado, passava por ele, atravessava a sala e ia sentar-se na fila da frente. No começo, a moça bonita não se dava conta da presença encolhida do aluno de número vinte e dois na lista de chamada. O número dela era o vinte e um. Em razão da proximidade dos nomes, passaram a fazer parte do mesmo grupo quando os trabalhos eram feitos em conjunto. Firmou-se como redator. Redigia com rapidez e concisão. Ela foi, desde o início, a relatora oficial dos trabalhos. Falava com precisão, a voz pausada, a entonação correta para cada assunto. Além de saber falar, era ótima ouvinte. Compenetrada, absorvia qualquer conteúdo como quem é designado para uma missão especial. Nas aulas de anatomia ele ficava encabulado diante da nudez dos cadáveres. Ela, tranquila, manipulava os defuntos como se fossem bonecos de pano. Como os opostos se atraem, começaram a namorar. No último ano de residência dos dois, Dora se descobriu grávida do namorado. Casaram-se. Esperavam uma criança. Vieram gêmeos. A carreira dele deslanchou. Envolvida com as crianças, trabalhando em regime de meio expediente, a dela engatinhava.

Dori, fala sério, camarada, quando é que você vai se abrir com a gente, hein? Ofereço meu cocuruto à primeira pedra. Atire quem nunca passou por uma crise matrimonial. A quem vocês querem enganar, hein? Tá na sua cara, tá na cara da Dorinha que a relação de vocês vai de mal a pior. Desabafa, meu! Põe tudo pra fora! Vomita a porra toda que tá te amargurando a vida, cara! Pra que servem os amigos? Estamos aqui, a galera toda unida no firme propósito de ajudá-los a vencer essa crise que não deve passar de uma bobagem boba, pô!

Se é assim tão evidente, se nossa desarmonia salta aos olhos de qualquer um, não preciso falar merda

nenhuma, ora! É simples, a gente não se entende mais, só isso. Acabou a harmonia, o desejo, a fase do namoro. Não somos mais o par perfeito e pronto.

Você tem razão. Nada de confabulações, pedido de conselhos. Paliativos. A dramaticidade do momento cobra é ação e rápida. Galera! De repente uma ideia amalucada começa a fervilhar aqui na minha cachola: que que vocês acham do Dori entrar pra nossa banda, hein?

É isso aí, Dorival, vamos oficializar a imposição: a partir desse momento, momento solene, especial, você passa a fazer parte da Cuca Maluca, nossa mui destrambelhada banda musical! E estamos conversados!

Que é isso, gente, eu não toco instrumento nenhum, nunca toquei.

E precisa? Por uma boa causa, a gente abre concessões. Você fica com a bateria. Aposto que fazer barulho você sabe. Compromisso assumido, companheiro. Galera, segunda-feira, ensaio geral na casa do Dori. E fim de papo!

Avisou a mulher. Chegou mais cedo em casa. A cena era a de sempre. Ignorando o desalento que o consumia, empurrou as crianças para o banho, colocou a bebida pra gelar, preparou sanduíches naturais. Por fim, disfarçou como pôde o cheiro inconveniente que a porta trancada do quarto de casal não conseguia abafar.

Os músicos, entre aspas, chegaram pontualmente. Muito à vontade, foram arrastando móveis, juntando cadeiras, localizando pontos de luz. Finalmente, abriram os instrumentos musicais e um barulho infernal tomou conta do apartamento e adjacências. Contagiado pelo entusiasmo dos colegas, Dorival mandou ver na bateria. Batia com força, como se esmurrasse um inimigo longamente odiado.

Muito bem, Dori! Você leva jeito pra coisa, camarada! Tô gostando de ver!, incentivavam os companheiros.

Levo nada!

Leva sim. Você é bom nisso. Aliás, você é bom em tudo que faz. Sempre foi o nerd da turma. Durante a faculdade, carregou a galera toda nas costas. Quer dizer, a do fundo da sala. Sem seus papelotes, meu, nem sei se eu seria portador de um diploma de médico. O que ainda hoje me pergunto é: onde você foi arranjar tanto juízo numa época em que todos nós tínhamos apenas merda na cabeça, hein, Dori?

Sem essa, João! Você mudou muito, está se revelando um mentiroso de marca, um tremendo dum puxa-saco, comigo não!

Pudera, Dorival, o que ele vem treinando com o sogrão não é mole. O coitado do velho não sabe mais onde guardar tanta bajulação.

Peraí! No caso do Dorival, não. Com o sogrão, a história é outra: é mera questão de ajuste familiar. De conveniência. Essas coisinhas básicas de todo núcleo familiar. O velho é chegado num puxãozinho de saco. Adora ser adulado. E não me custa absolutamente nada afagar seu ego, massagear a vaidade do homem. Pelo contrário, quem sai ganhando sou eu. Tô de olho na partilha, como não? Até agora, sou o favorito, lidero o ranking com uma distância folgada. Agora, voltando ao instrumento: na próxima semana, você vai estar muito melhor, Dorival. Mas tem que praticar, fazer o dever de casa. Tédio, nostalgia a gente espanta é com barulho. E muita risada. A vida pode não ser grande coisa, mas tudo... *vale a pena quando a alma não é pequena*, completou a turma.

Que próxima semana que nada! Na emergência, a gente faz hora extra, encara um plantão. Sexta-feira,

no mesmo horário, aqui, na sua casa, Dori. Até porque a gente nem esteve com a Dorinha. Cadê sua mulher, está de plantão?

Não, está em casa. Ela pediu desculpas a vocês. Acontece que minha mulher não anda lá muito bem.

A gente entende. A vida é dura e a tentação não deixa mole. O médico e o paciente acabam reféns do mesmo medicamento, da mesma droga. É mais comum do que se imagina. Não é bom, mas acontece. No nosso meio, infelizmente é comum.

É por aí, companheiros. Ando preocupado. Tenho tentado adverti-la do perigo de uma dependência maior e definitiva. As crianças não merecem isso.

Nenhum de vocês merece. Ninguém merece. Faz tempo que começou?

Alguns meses. Você conhece o grau de exigência de minha mulher. Quer tudo perfeito, como se a perfeição existisse. Anda frustrada com o casamento, a profissão. Parece que ela ignora que crianças crescem, saem de casa. Que ela tem a vida inteira pra trabalhar, conquistar seu espaço e até mesmo para se encher da carreira. Embora nunca tenha verbalizado, sei que a Dorinha me responsabiliza pela gravidez precoce, como se eu tivesse feito tudo sozinho. Que merda, ela foi tão negligente quanto eu e agora fica dando uma de vítima.

É foda, amigo. Então, até sexta. A bateria fica aqui pra você ir treinando, ir pegando o jeito. Até amanhã, no hospital, companheiro. Conte com a gente até o último alento, tá bom?

Carregou para a cama as crianças que dormiam no sofá. Entrou para o quarto na ponta dos pés. A mulher soltou um suspiro fundo, mas não reclamou.

Apesar da intenção, de um certo entusiasmo, o médico não teve oportunidade de botar a mão no

instrumento musical, que se transformou no brinquedo predileto dos garotos.

Parem, crianças! Chega! Já tivemos barulho suficiente por hoje! Quando é que essa coisa volta para as mãos dos donos, hein, Dorival?, perguntou a mulher.

Bem, como eles não tiveram oportunidade de te ver, ficaram de voltar na sexta-feira. Daí, vamos saber...

Me ver?! Pra que me ver se estamos sempre nos esbarrando no hospital?

Saudades, talvez, respondeu ele com ironia. Antes não éramos apenas colegas. Éramos amigos, companheiros, estávamos sempre juntos para o que desse e viesse. Dividíamos as carteiras duras da faculdade e os problemas raquíticos de estudantes entusiasmados, iludidos. Quem foi que nos ajudou a segurar a barra quando você engravidou, hein, Dora? Quem foi que fez vaquinha para ajudar na compra dos móveis do apartamento? Quando, apertados até a garganta, sem um puto no bolso, descobrimos, estarrecidos, que eram duas crianças, eles fizeram sozinhos o segundo enxoval. Solidariedade como aquela não se vê todos os dias. Agora, somos o quê? Colegas de profissão, homens sisudos que, como você bem o disse, eventualmente se esbarram pelos corredores apressados de hospitais abarrotados. Cada um com seus problemas, suas dificuldades, as frustrações. As vitórias, eventuais sucessos são brindados na solidão do individualismo.

Na sexta, ao entrar em casa, encontrou o quarto de porta aberta e o cheiro menos agressivo.

Excitados, os garotos corriam pela sala, disputando a bateria.

Pai, que bom que você chegou! E os tios, cadê eles?

Estão quase chegando. E vocês? Estão prontos para mais uma sessão de barulho?

Tamos, pai, a gente tomou banho e tudo. Sabe, pai, eu já tomei minha decisão definitiva.

É mesmo?!

É. Já tenho profissão definida, vou ser roqueiro. Vou ter o cabelo assim doidão. E também vou fazer tatoo no corpo inteirinho e vou bombar tocando na minha própria banda. Só não sei ainda se escolho guitarra ou bateria, tem tempo, né? Também quero dançar igualzinho ao Justin Bieber.

Ora, ora! Mas isso é traição das graves. Você não ia ser médico como o papai e a mamãe?

É, pai, mas isso foi antes, quando eu ainda não tinha aprendido a ser músico. Roqueiro bomba muito mais que médico. Então você não sabe que as garotas agarram os caras das bandas e tudo?

Mas então isso é muito perigoso.

Perigoso nada, é animal.

É, pai, a gente gosta de verdade dos tios donos da banda, a gente nem brigou no chuveiro, não foi, mãe?

Não, Sérgio, não vai me dizer que você também pretende trair seu pai e sua mãe, e virar músico profissional.

Ainda tô pensando, pai.

Tá danado. Você viu, meu amor? Acabamos de perder nossos futuros sócios.

Dorinha dá uma risadinha amarela. Ressabiada, ela vagava pela casa, atropelando brinquedos espalhados pelo chão.

Como da vez anterior, o grupo foi pontual e, igualmente, pródigo em barulho.

Dorinha, que bom te ver, menina! Como é que você está?

Vou indo.

Eu sei. Nosso ofício não é exatamente fácil. Quem nos mandou meter a mão em cumbuca de serpentes,

não é mesmo? Agora é digladiar com a morte, e seja o que Deus quiser. Acabo de perder uma paciente. Uma joia de menina. Dezenove anos, aluna brilhante do curso de oceanografia.

Sinto muito, Jésus.

Eu também. A garota prometia. Câncer de língua. Coisa dura de ser vista, acompanhada. Mas a vida continua, minha amiga. Novos casos virão. Algumas vitórias, muitas derrotas. E nós? Bem, nós temos a obrigação de tocar a vida pra frente, na alegria e na tristeza. Não foi isso que prometemos um dia? É, bons tempos aqueles. Com a voz mais ingênua desse mundo embargada por uma emoção descomunal, a gente jurou, não jurou? Agora é cumprir. Falando de outra coisa: em que pé está a doença do filho do deputado?

Último estágio.

Fase da morfina!

Sim. Fase da morfina.

Essa é braba. Ainda bem que você é forte, Dorinha, psicologicamente preparada.

Forte, eu?! Você está por fora, meu amigo, redondamente enganado!

Não, não tô, não. Você é forte. Mulher guerreira como poucas. A galera da universidade babava diante de seu autocontrole, da determinação. Da habilidade para lidar com situações complexas, doloridas. É de gente assim que os terminais precisam, Dorinha. Se os assistentes amolecem, eles viram trapos, molambos nos braços da morte. E isso não é bom pra ninguém. A convivência íntima com os terminais levou-me à seguinte conclusão: a dignidade é a primeira e última razão do indivíduo. Você pode perder tudo, tudo mesmo, desde que se mantenha digno. A perda da dignidade no momento final, a covardia diante do inevitável, pode invalidar toda uma vida de sucesso. Estou sendo

exigente além da conta? Não sei. Deixa pra lá, né? Mas, cadê o novo integrante da banda? Vamos ao trabalho, galera? O espaço de vocês nos é conveniente, Dorinha. Acústica boa, vizinhos tolerantes. Daqui pra frente, só vamos ensaiar na sua casa. Concorda, galera?

Todos fingiram ignorar o olhar de horror da dona da casa.

Os dias iam passando sem que ocorressem maiores incidentes nem mudanças acentuadas. Mas o domingo foi diferente. Em vez de passar o dia na cama, conforme o costume dos últimos tempos, Dorinha passeava pela casa, visivelmente agitada. Quando um dos garotos se aproximou da bateria, a mãe perdeu o autocontrole.

Para com isso, André! Barulho infernal! Esse som não me sai da cabeça! Não saiu a semana inteirinha. Parece maldição, coisa do diabo.

Antes de botar as crianças para dormir, criou coragem e perguntou ao marido se a turma da banda viria no dia seguinte. Sua voz estava calma, entretanto o marido percebeu nela um leve tom de súplica.

Você tem dúvidas? Animados como eles estão, com certeza vão aparecer! Você tem algo em contrário? Desagrada-lhe a ideia?

Não, de jeito nenhum. Mas se eles agissem com menos entusiasmo, fizessem menos barulho, eu agradeceria.

Vou ver o que posso fazer sem esbarrar na indelicadeza. Talvez o melhor seja você ficar por perto, Dorinha. Assim, quando eles passarem dos limites você avisa.

Não, isso eu não faço, de jeito nenhum!

Os ensaios continuaram com assombrosa assiduidade. Com o tempo, as mulheres começaram a acompanhar os maridos. Às vezes até cantavam, in-

diferentes ao desafino de suas vozes. Entretanto, o tempo dedicado aos ensaios da banda foi ficando cada dia mais curto. Pontuais, os integrantes chegavam juntos, às vezes com as esposas, outras não. Dorinha começou servindo drinks com azeitonas. Evoluiu para os suflês. Finalmente, chegou ao requinte de servir fumegantes risotos, feitos na hora. Falavam sobre os pacientes, discutiam casos clínicos. Problemas ligados à profissão. Contavam as gracinhas dos filhos, os pequenos sucessos das crianças. Falavam mal do governo. Louvavam, em altos brados, o desempenho medíocre do time preferido. Cada um acusava seu cônjuge de egoísmo, falta de consideração, de ser desorganizado, e outros defeitos ainda mais graves. Todos, sem exceção, defendiam com unhas e dentes o parceiro alheio. Mas por uma razão misteriosa, os casais permaneciam juntos.

Com o tempo, os instrumentos musicais viraram sucatas nas mãos das crianças. A casa agora respira leveza. No ar buliçoso, predominam o odor adocicado da amizade verdadeira e o cheiro de comida preparada com carinho. Tons agudos só acontecem quando o assunto é futebol.

O TEMPO E SUA PRESSA

O professor de língua portuguesa pediu aos alunos do 8º ano para escreverem sua impressão sobre o mundo atual (com suas bestialidades; quer dizer, isso ele não falou, o cara ainda acredita na humanidade; o acréscimo é de minha autoria e inteira responsabilidade). Ficamos estarrecidos com a complexidade do assunto, mas ninguém chiou. Acontece que naquele dia o professor de língua portuguesa tinha desentocado sua voz reserva: *aqui quem manda sou eu*. Nessas ocasiões, todo mundo sabe que não há a menor chance de apelação. Pensei bem uns dez, doze minutos, enquanto, na minha frente, o On the Farm, que tem esse apelido apesar de nunca ter botado seus pés de barata descascada numa fazenda de verdade, escarafunchava o nariz com o dedo indicador da mão esquerda como se estivesse no seu próprio banheiro, se é que ele tem seu próprio banheiro, coisa que eu duvido muito por causa do cheiro que vem da sua nuca. Com a mão direita o On the Farm ia enchendo as páginas de seu caderno com uns garranchos absolutamente ininteligíveis. Depois de uns tantos minutos tentando decifrar o que ele escrevia com tanta segurança, fui bater na porta da inspiração. Também não tenho certeza de que me baseando nos escritos do Farm eu tinha a mínima chance de me dar bem. Em questões que dependem dos livros ele sempre foi um desastre total, e de uns tempos pra cá seu cérebro resolveu dar umas travadas, daí o garoto fica olhando o mundo com jeito de retardado.

De qualquer forma, acho que me dei mal. Desconfio que o professor não gostou da ótica sob a qual eu vejo as coisas. Enquanto organizava minha mochila o professor lia meu trabalho, e pela sua cara ia se espalhando aquele ar de dúvida que gela na veia o sangue do aluno. Isso de meu trabalho não agradar em cheio é péssimo não só pra minha autoconfiança, como pra vida em geral. Minha desconfiança nº 2 é que o professor de português anda muito atarefado na correção dos trabalhos e desconhece a realidade do mundo atual. Ainda acredita em contos de fada. Aposto meu lanche de uma semana que se de repente eu apresentar ao professor essa proposta – QUER TRANSAR COMIGO? – o queixo dele vai cair e ele vai pensar que sou gay e estou dando uma cantada nele. Não vai nem sacar que se trata *da mais nova ousadia da revolução sexual e comportamental promovida pela internet*. Outra pessoa: se minha mãe descobrisse que um de seus filhinhos pretende iniciar um relacionamento usando o Bang With Friends, ela ia ter um ataque epilético e quando voltasse dele, se voltasse, a primeira coisa que ia dizer era: "Que horror, meu Deus, voltamos para o tempo das cavernas. Então foi pra *isso* que me sacrifiquei tanto pelos meus filhos?" A realidade brutal é que nossos pontos de vista, do professor e meu, não bateram, eu acho. Ou melhor, tenho quase certeza. Mas isso não quer dizer que *eu* esteja certo e ele errado. Ponto de vista é ponto de vista. O que conta mesmo é que *esse* é o meu tempo e é nele que preciso viver. Tornar meu tempo menos absurdo talvez seja o verdadeiro e único motivo pelo qual estou aqui. Isso se nascer for uma questão de motivo, o que ninguém sabe ao certo. No futuro, quando estiver menos ocupado, pretendo voltar ao assunto. Talvez eu tenha exagerado um pouco na minha escrita, tenha me

baseado apenas em ideias adultas que andei lendo por aí, não sei. O que escrevi ficou assim:

"O homem não é mais aquele. Mudou. Não de raça ou espécie. Só de hábitos. É outro o homem do agora. É noturno. Não é mais terrestre. É aéreo. É satélico. Dependurado em fios, aperta botões e voa e navega. Via satélite. Ignora o ar e não vê o mar. Conhece o mundo sem nunca ter ido lá. Está irremediavelmente conectado, amarrado, pregado no lugar. Não precisa sair, ir lá. Bastam uns poucos toques e o lá é que vem até ele. Com a rapidez de um raio, o acontecido, qualquer um, se espalha mundo afora. O homem sabe tudo. Tudo vai até ele. Está conectado. É só buscar. Não precisa andar, correr, nem sair do lugar. O lugar está ali, basta clicar. Conversa, mas não fala. Namora pelo Skype. Não toca, nem acarinha a namorada ou o namorado. De longe, como os *muito* antigos faziam.

Havia papel e havia leitor que abraçava, acariciava e até beijava as folhas do livro de papel. Agora, fala a verdade, dá pra você imaginar alguém beijando a tela fria de uma máquina? E havia também as bibliotecas, um espaço gigante, fresco e silencioso, onde a gente entrava sem sapatos, em passos miúdos, de chapéu na mão e a alma engasgada. As bibliotecas eram o reino dos livros. Os escritos e os ainda por escrever. Ali, almas de poemas não escritos ficavam à espera de um corpo. Só alguém muito sensível pode dar corpo a um poema exigente, verdadeiro. Alguém muito sabido disse até que *existem* poemas que *nunca* serão escritos. Deduzi que esses são poemas espermatozoides e óvulos. Escrever não é só alinhar palavras bonitas, escrever é insinuar para que o cara adivinhe o que o outro cara quis dizer. Isso me deixou meio triste e bastante confuso. A gente tem que aprofundar muito nesse assunto. Carpetadas, com acústica especial, as bibliotecas eram o máximo

do requinte literário. Guardas com sapatos de veludo desmontavam com olhos de aço qualquer engraçadinho que falasse mais alto. O livro era o amigo, a fonte, a informação e diversão. Calmo, desapressado, o livro se mostrava, escondia. Intrigava. Emocionava. Esquecido da vida, o homem escarafunchava as páginas do livro e, admirado, descobria razões, intenções. Belezas que a mente ativa do homem ajudava o autor a construir. Cada um via de um jeito e essa liberdade de visão era permitida. A pressa inexistia.

O leitor do papel migrou para as telas brilhantes e frias do aparelho. Now he browses. Na busca desenfreada pelo futuro, que num segundo já é passado, o homem perdeu o foco. Sabe tudo e não sabe nada. É dia ou é noite? Que diferença faz? Almoço ou janto? Que diferença faz? Boceja. Chateia-se. É chato saber tudo, ser dono de tudo, mas não possuir, não sonhar em adquirir.

O noturno homem que detém o conhecimento, e nada sabe e nada tem, mora na sua caverna entulhada de aparelhos. Dependente do satélite que fabricou, está amarrado aos fios que ele mesmo construiu. Só. Tão solitário quanto o outro, o da caverna cavada na rocha. Vive sozinho, escravo da tecnologia. Só, porém não triste. A tristeza foi abolida, é coisa do passado. Apenas os babacas permanecem tristes. Contra a tristeza existe saída. A saída é a droga. O homem só se droga. A droga, como toda droga, é uma droga. A droga como toda droga, cobra. Caro. E um dia acaba. Sem a droga o homem se desespera. E vai pra cama do terapeuta. Acontece que o terapeuta tem que terapeutar tanta gente que anda meio maluco.

Com a nova tecnologia, o homem novo construiu o novo mundo inundado de luz e cores. Sem dores. Olhou, viu e não sorriu. Ué, cadê a felicidade? O homem

frio sentiu frio. Faltou algum componente? A felicidade depende da sensibilidade, está nela. O homem sentiu, mas não sabe sentir.

Explorada, agredida, massacrada, a natureza reagiu. Distraído com seus brinquedos eletrônicos, o homem não viu. A tecnologia ruiu. A energia acabou. O mundo, que gira na velocidade do globo da morte, mudou. Restou o preço: o breu. Agora, o mundo é escuro, sem brilho. Triste. Perdido, o homem volta à caverna. A verdadeira. Está calmo, quase feliz. Os olhos do homem se acostumam à escuridão do lugar. Sentado na pedra, joelhos dobrados, costas encostadas na parede pontiaguda, sobram-lhe as mãos e a imaginação. Com as mãos e a mente desocupadas, olha em volta. Intrigado, percebe nas paredes úmidas da caverna indícios de uma escrita rudimentar. É preciso desvendar a escrita. Pronto, começa tudo de novo. Acabou a paz. Ponto final."

Escrevi isso meio que baseado no meu irmão mais velho, que se transformou em homem noturno e seu quarto virou uma caverna individual e impenetrável para os outros indivíduos que são sua família e agregados. Isolado, meu irmão é o problemaço lá de casa. Passa a noite inteira navegando, xafegando por SMS, consumindo droga e sei lá mais o quê. Só sei que meu irmão tá dando um trabalho danado pra humanidade inteira que tenta puxar os freios da sanidade mental para um nível razoável. Se fosse filho meu eu dava um Google no nome dele e pronto, mas não é. Pelo fato de me basear na realidade, eu sentia uma certa segurança enquanto escrevia aquilo. Escrevi e fiquei esperando o resultado, ou seja, a nota, que nem sob tortura pode ser ruim. A encrenca é que tenho obrigatoriamente que me sair bem nas provas escritas, uma vez que nas orais sou um pacote completo de desastre.

Por enquanto estou conseguindo manter mais ou menos em surdina meu defeito de fábrica nº 1. Apenas os professores desconfiam. Por isso, minha popularidade se mantém em níveis aceitáveis. Mas se meu defeito congênito vier a brilhar sob a luz do mundo sei que vão me jogar na lixeira da escola. O meu defeito é não poder pronunciar certas palavras em público. E substituir palavras não é tão simples assim. No tempo que deve durar uma resposta, você precisa pensar na frase inteira, ver que palavra cabe no lugar da impronunciável, isso tudo sem que a frase pareça feita por um retardado mental. É foda. Se os colegas descobrirem que eu tropeço em algumas letras eu viro o gago oficial da escola ou coisa pior. E sei que é mais fácil se esquecer do primeiro beijo, aquele assim meio de raspão trocado entre a saída de um professor e a entrada do outro, que do apelido de um colega. Meu pai vê de longe um indivíduo e o apelido tá ali, de prontidão: Aquele é o Curinga, meu colega da primeira fase; cabia em qualquer lugar, o malandro. Por causa desse meu defeito já troquei de colégio não sei quantas vezes.

Antes não, com algum esforço eu até conseguia falar de carreirinha como todo mundo faz. Mas lá em casa as coisas só foram piorando. Depois que aquilo que pra muita gente é lar para mim se transformou em espaço de convívio de loucos, minha língua meio que travou. Agora, é só a coisa apertar um pouquinho pro meu lado, eu já começo a gaguejar. Meninas então, só num raio de quilômetros. Quer dizer, talvez exista uma razão anterior a isso, não sei. A razão não confirmada é que eu saí de dentro de minha mãe cedo demais. E porque foi que eu fiz isso? Acontece que num tempo inconveniente para qualquer bebê nascer, minha mãe foi obrigada a se atracar com meu irmão que, com uma navalha bem afiada como todas as navalhas o

são, ameaçava cortar aquela veia grossa e saltada que a gente tem no pescoço. Nessa de se atracarem, ele, um homem mais forte que qualquer ser humano normal, jogou minha mãe no chão comigo dentro dela e tudo. Daí correu sangue pra tudo que foi lado e eu resolvi ir lá fora ver que bagunça era aquela. Isso parece que não foi exatamente uma boa ideia. E coisas piores ainda podem acontecer: se o professor resolver dar um Google na minha redação a barra vai pesar pro meu lado.

ASSOMBRO

Mais tarde, ao descrevê-lo, os ex-colegas serão coerentes: O mesmo lugar. Na arquibancada do ginásio, primeira vaga, lado direito. Gestos repetitivos, atitudes iguais. Pernas separadas, braços apoiados sobre as coxas magras. Firmes, em concha, os dedos longos seguram uma bola imaginária. Olhar melancólico, porém atento. Fixo como o de um felino prestes a dar o bote mortal.

No futuro, quando ficar parado não for mais possível, aqueles braços e mãos irão se agitar com uma velocidade espantosa. As pernas também, cada vez mais magras, aprenderão a se mexer, cruzar e descruzar por si mesmas, independentemente de sua vontade. Ele todo vai ser entregue nas mãos de uma espécie de titereiro invisível que, sem o menor constrangimento, irá manipulá-lo como bem entender, transformando-o numa confusão bizarra de espasmos e movimentos involuntários. Por enquanto, é, ou parece ser, calmo, passivo, quase inerte. Sentado ou em pé, a mesma postura encurvada. Serviçal, amedrontada.

Ei, Anzol, vai ou não vai buscar a bola, pô?! Rápido, mané! A voz imperiosa vem do capitão do time e filho do prefeito, que acaba de marcar mais um ponto para o seu time. Os aplausos vêm do lado esquerdo, lugar cativo da galera popular da escola. Os riquinhos bonitos e cobiçados. Os que não são ricos nem bonitos, mas que possuem jogo de cintura. No futuro, muitos deles estarão sentados à mesa da diretoria de algum órgão pouco ou nada exigente com a ética profissional.

O garoto que foi chamado de Anzol corre, desajeitado, tentando acompanhar a pressa da bola de basquete, que quica, mas não para. O menino tropeça, cai, levanta. A galera ri. Assovia. Goza. O filho do prefeito rosna: Ô Vírgula! Pega logo essa porra de bola, pô! É pra hoje! Vír-gu-lá! Vír-gu-lá!, zomba a plateia. Com a bola espremida no peito, o menino titubeia, indeciso. E por que não? Sente uma vontade furiosa de sair em disparada e, do fundo do campo, arremessar a bola. Tem certeza absoluta da vitória. Já treinou mais de mil vezes no quintal de sua casa, solitário de amigos, de público. Entretanto, falta-lhe o principal que é a coragem. A audácia necessária. Garotos que são azucrinados têm a fragilidade de árvores plantadas em terreno ruim. Agem com a leveza dos espantalhos de árvores. São espantalhos conduzidos por mãos opressivas. Deus do céu, mais um apelido? Entrega a bola para o irritado capitão, que, em lugar do agradecimento, dá-lhe um soco na virilha. A galera aplaude. Ri, assovia. Enrolado sobre si mesmo, o menino volta para o lugar de sempre. Para a mesma posição. A mesma raiva concentrada. A dor de não ser capaz de reagir, pagar o soco com a mesma moeda. Só porque meu pai é mecânico eles acham que são melhores do que eu? Meu pai pelo menos é honesto, e o deles, quem garante? Conhece todas as manhas do esporte. Se tivesse chance de entrar para o time, poderia mostrar quem era o Anzol, o Vírgula. Um dia, no futuro, eles irão conhecer sua destreza, a habilidade. Ah, se vão!

Foi assim durante o Fundamental um e dois, tempo que passou no Colégio Arruda Pacheco. Ali, parece que ninguém se preocupava verdadeiramente com a forma como cada aluno, cada ser era tratado; iam se desenvolvendo do jeito que desse. No seu caso, a cabeça crescia mais que o corpo. Ele acha que de tanto

pensar, questionar: Por quê? Por que eles podem e eu não? O ginásio é do colégio, não é só deles. Onde há diferença entre a gente? Por que eles andam de cabeça erguida e eu não posso? Não consigo? Nutria pelo grupo uma mistura confusa de admiração e repulsa, desejo de se tornar igual a eles, gana de liquidá-los, um a um.

Essa mesma perplexidade ele veria no semblante triste de um aluno negro no segundo grau.

Um dia, o pai morre, a mãe vai morar nos Estados Unidos. Na casa da avó, onde passa a viver, o garoto faz o que bem entende. Tipo navegar na internet até de manhã, batendo papo no MSN, lendo mensagens no You Tube, comunicando-se com integrantes do Twitter. Está no Face mas tem poucos seguidores. No universo cibernético, o adolescente descobre que não está sozinho na exclusão. Na diversidade. Em número, os esquisitos e os babacas equivocados estão empatados. No gigantismo desse mundo de todos e de ninguém, tanto há nerds quanto esquisitões de todo feitio. Bonitos e babacas. Feios e inteligentes. Loucos de toda espécie. Descobre também que na internet, ao contrário do colégio, todas as modalidades de esportes estão ao seu inteiro dispor. Aos poucos vai descobrindo, não sem espanto, que o mundo, com suas belezas irresistíveis e a feiura que agride e incomoda, com suas glórias e misérias, cabe todinho ali dentro daquela caixa minúscula. Qualquer um pode ter a seu inteiro dispor, pelo tempo que desejar, tudo o que já existe e ainda vai existir. Confuso, equivocado, embarca na ilusão da independência total e absoluta. Não precisa de mais nada, de ninguém. O mundo é seu. Abandona os estudos e não sai mais de casa. Navegando, aprende uma civilização cada dia mais descivilizada. Distancia-se dos mecanismos de interação direta com o outro, com o mundo real, perfeito ou não. Solitário, parece

em paz consigo. Jura que está. Entretanto, o futuro se encarregará de solapar suas convicções. Existe uma força maior. Algo anterior. Forte e não resolvido. O desejo de ser popular, admirado, aceito pelos outros e beijado pelas garotas estremece os alicerces de sua mentira. Confuso, vê balançada a convicção de ampla e irrestrita independência.

Na esperança de encontrar algo que dê sustentabilidade à incômoda imprecisão que sua vida é, inicia com a maconha, passa para a cocaína, o ecstasy. Finalmente se fixa no crack. A primeira sensação, um quase orgasmo, implanta-se na vontade do adolescente, que vai ter que buscá-la com frequência cada vez maior. Ele ainda não sabe que a primeira volúpia é única, irrepetível. A droga passa a ser seu passaporte, o documento que lhe escancara as fronteiras, franqueia o trânsito. Graças a ela, pode frequentar os salões requintados do céu, comer do manjar reservado aos deuses. Depois... vem a alucinação. O embarque no túnel sem freios que desce direto ao submundo do inferno.

A passagem de volta é sempre um transtorno. Torturado, encurralado, muitas e muitas vezes jura a si mesmo abandonar o vício. Entretanto, faltam razões verdadeiras, um pedido concreto, o tom implorativo de uma voz querida. Sem obstáculos, segue em frente. O misterioso desaparecimento de objetos de valor na casa da avó é facilmente absorvido pela visão distorcida que a velha tem da realidade. Deve estar por aí, um dia a gente acha.

Uma noite, no MSN, envolto em espessa fumaça, o navegante encontra Cleópatra, a lendária e fogosa Rainha do Egito, morta em 30 a.C., mas que continua vivíssima no coração e na imaginação dos homens. Instantânea, avassaladora, a paixão explode como um

raio na tempestade. On-line, o romance prospera. Um dia, depois de umas tantas transas cibernéticas, única modalidade de sexo que ele conhece, resolvem marcar encontro para a noite seguinte, uma sexta-feira, treze. O local escolhido por ela é a porta do principal cemitério da cidade. Como cemitérios são recheados de defuntos frescos e esqueletos antigos, é meio óbvio que não seja o melhor lugar para se trocar beijinhos, mas se ela escolheu, está escolhido. Ansioso, ele é pontualíssimo, ela, nem tanto. A demora não provoca os danos que poderia. Duas horas de espera servem para aguçar a curiosidade do rapaz. A necessidade dolorida de, finalmente, tocar num ser de carne e osso. Sentimentos. De ser aceito, amado.

Finalmente ela chega. A aprovação é total e imediata. Ama o nariz adunco de Cleópatra, vermelho pelo hábito de inalar a droga, o queixo proeminente, os olhos grandes e fundos, grotescamente borrados com a forte e gosmenta mistura de tinta azul e preta. Gosta até mesmo do chapéu esdrúxulo, uma espécie de cone invertido com um cabo atrás, que a garota usa na cabeça bem plantada sobre o pescoço longo. Todo o exotismo que vê na sublime aparição é atribuído à sua história, pouco ou nada convencional. Nem por um segundo considera a possibilidade de o odor apurado que se exala do corpo de Cleópatra vir a ter origem no descaso com a higiene. Não, de jeito nenhum. Mulher de sangue forte, certamente fabricada com o húmus negro das margens do Nilo, é natural, e até louvável, que carregue consigo o cheiro de sua ancestralidade. Caso houvesse nela algum pecado, ele, de coração, perdoaria. Cléo, como tinha decidido chamá-la, olha o parceiro de baixo a cima, estica os lábios grossos, num gesto que, apreensivo, ele não sabe definir se lhe é favorável ou não. Em seguida, pergunta se ele tem

cocaína. Não tem. Cada um com suas escolhas. Mesmo assim, lamenta profundamente o que considera um erro grosseiro de sua parte. Como não ter pensado em algo mais que óbvio? Custava ter presenteado a amada com um ramalhete de rosas vermelhas besuntadas com o pó branco da coca? Ele mesmo fica arrepiado só de imaginar a volúpia de Cleópatra ao mergulhar o nariz vermelho nas flores orvalhadas de branco. Então, apesar de julgar ter, pela primeira vez, encontrado um bom motivo para abandonar o vício, acaba confessando carregar no bolso da jaqueta ensebada algumas pedras de crack, as últimas. Portanto, as maiores e mais bonitas, cujo valor apenas outro dependente como ele pode avaliar. Contra todas as previsões, Cleópatra não aceita o sublime presente, as enormes pedras, oferecidas de coração. Gosta mesmo é de cheirar, confessa com desdém. Daí em diante, não há meios de a garota sossegar. Por descuido, tinha deixado em casa a bolsinha com o pó. E, junto, a cabeça. Em poucos minutos ela se despede do namorado sem beijos nem nada. Deixa atrás de si a poeira murcha da frustração. Contrariando a expectativa do rapaz, Cleópatra não tinha falado de si, nem feito perguntas a respeito dele. Antes de sair quase correndo, soltara apenas umas poucas frases desconexas: somos a geração do zapping frenético e da esquizofrenia existencial. É a lei, nada mais pode ser feito, mudar a realidade. E ele que estava ali com o firme propósito de mudanças, hein? Tamanha desilusão requer atitude. Na porta do cemitério, perante uma multidão de honoráveis esqueletos, o rapaz faz a jura. Arma e munição ele já tinha adquirido. Destreza também.

O portão de entrada permanece igualzinho. O guarda, bem mais velho, continua distraído. Caminha direto para o ginásio de esportes, modesto, se com-

parado ao que estava na sua memória. Mede a distância. Estuda, com o cuidado de um profissional, a postura e cada um dos movimentos. Dominando o tremor das mãos, arremessa sem titubear. Tamanha é a velocidade, que ele nem consegue acompanhar a trajetória da bola que vai direto para a cesta. Como num sonho bom, vê realizado o desejo antigo de acertar de primeira. Não abre mão nem mesmo dos aplausos que ele imagina verdadeiros.

O primeiro disparo, confundido com o estouro de um foguete, acontece ali. Atinge, em cheio, a bola de basquete que não tem tempo nem para um gemido. Na sala da oitava série, onde entra de mansinho, sorriso nos lábios, escolhe a dedo cada um dos alvos. É exigente na escolha: cabeças loiras, bem cuidadas. Não erra um único disparo. Os oito tiros matam oito garotos fortes, número suficiente para aquietar sua revolta contra os donos da bola que, no passado, renegaram sua fragilidade. Depois, arma na mão, o esqueleto magríssimo milagrosamente firme continua parado. Exibindo o triste sorriso dos perdidos, desesperançados, permanece no mesmo lugar. Diferente de todos os outros atiradores, e o número é assustador, não explode a própria cabeça. Agora, no mundo inteiro, profissionais da área de saúde mental especulam, buscam a razão misteriosa da diferença de atitude.

CONFISSÕES NA NOITE

O cara não devia ser nada bobo. Eu também, se precisasse de uma mulher paciente, forte e determinada, além de bonita, teria escolhido aquela. Sem titubear.

Éramos umas quinze pessoas, se tanto. Desde o início, ela me chamou a atenção. Apesar de momentaneamente perturbada, como todos ali, tinha um ar de sofrimento domesticado e aquela serenidade que faz de certas mulheres seres especiais. Morena, os cabelos longos e fartos, presos em um rabo no alto da cabeça, com alguns fios soltos à mercê do ventilador. De tempo em tempo, ela ajeitava os fios rebeldes atrás da orelha. No momento, nenhuma mulher que seja minimamente ligada em modismo tem cabelos anelados. Os da garota formavam ondas suaves desde a raiz até as pontas. Calça jeans, blusa de seda nude. Tênis e meias de cano curto. Sem maquiagem ou adornos. Aliança no anular esquerdo. Esperou com paciência seu momento de falar. No meio de tantas outras, sua história é quase banal. Seria se não fosse a transformação gradual que se ia operando na expressão de seu rosto, nos gestos abrangentes, à medida que ela ia expondo o cotidiano de seu casamento. A segura determinação de se livrar do incômodo que a está destruindo por dentro.

Tinha sido combinado que falaríamos um de cada vez, em seu devido tempo, começando no sentido horário, sem direito a interrupções. Isso de ninguém poder meter o bedelho no relato do outro era simplesmente irritante. Muitas vezes, dava vontade de dizer: pô, cara, deixa de ser trouxa, isso já é abuso! Mas o pessoal da coordenação sabia das coisas. No tempo

certo, cada um acaba descobrindo a medida justa da tolerância. Ao meu lado, um rapaz de olhos febris, um meio sorriso nervoso, inquieto, cruzava e descruzava as pernas, balançando freneticamente o pé. Era evidente sua pressa em falar. Ou, quem sabe, uma vontade doida de se mandar dali, deixar o problema seguir em frente.

No silêncio respeitoso de todos nós, o timbre forte e ponderado da voz teve o poder de eliminar os ruídos paralelos. Fez-se um silêncio pesado, quase constrangedor. E, pendente de suas palavras, passei a caminhar com ela, fazendo-me íntimo da casa onde nunca tinha botado os pés. Absorvia a narrativa, vivendo cada fato, aturando os detalhes, e, apressado, antecipava acontecimentos, antevia com absoluta precisão o que viria em seguida. Caminhava com a voz, cômodo a cômodo, fazendo do drama problema meu: pessoal, urgente e intransferível.

Nunca fui enganada por ele. Tapeou antes a si, porque não é um safado, como querem meus amigos. Isso ele não é. Sua dependência química faz parte de nosso relacionamento desde o primeiro dia. Já o conheci na sarjeta. Morava alguns quarteirões abaixo de meu endereço, uma casinha de fundos que eu dividia com duas amigas. Eu o encontrava pela manhã caído em frente ao portão, com a chave inútil, apertada na mão, os braços abertos em cruz como um crucificado. Um dia, ele me agarrou pelas pernas. Olhou-me, de baixo para cima, com uns olhos tão infelizes, de cão sem dono, que me apertou o coração como se fosse eu a responsável por aquele estado de coisas. Não tive medo, nem desprezo, apenas dó. Ampará-lo foi decisão minha. Meu erro foi ter acreditado no poder de cura e transformação que eu realmente não tenho. Sozinha, não. É por isso que estou aqui. Na força do amor entre duas pessoas como meio eficaz e definitivo de reabilitação. É preciso

mais. Alguma coisa verdadeiramente sublime. Um amor maior que o humano, capaz de uma renúncia total e absoluta. Mas isso a pessoa só descobre depois de muito sofrimento. Acreditei ou fingi acreditar em suas falsas promessas de emenda, remissão, quando, no mais íntimo de si, ele ansiava pela continuidade. E, bem no fundo, acho que eu também tinha, tenho, não sei... medo de sua transformação radical. Quem há de vir em substituição ao homem que eu amo? Conhecido meu? Um estranho? Cada uma das poucas e abençoadas manhãs em que tivemos o privilégio de acordar juntos, constituiu um susto e uma conquista. O calor de seu corpo ao lado do meu, até quando? Não adianta mentir, a incerteza é a chama que me anima, que nos anima a levar avante nossa farsa. Aí, de mãos dadas, olhos brilhantes de intenções, efetuamos o ritual repetido há dois anos e nove meses, os dois em idêntica e vergonhosa situação de reincidência. Ele, carinhoso como no primeiro dia: juro, por tudo que há de mais sagrado, que nunca mais vou cair na tentação! Agora é pra valer, te juro! E eu, feliz, faço que acredito, para, em seguida, como um fantasma apaixonado e inseguro do outro, seguir seus passos, espreitando-o, cômodo a cômodo, pela casa inteira. Uma sombra humilhada e humilhante. Trancar portas e janelas e guardar nos seios as chaves, sabendo que, debaixo de porradas, acabo cedendo. Cheguei ao cúmulo de mandar alargar o furo das fechaduras para espioná-lo em todos os lugares, até no banheiro. Será que o amor, mesmo sendo firme e verdadeiro, pode resistir ao impacto de ver o outro se espremendo no vaso sanitário? Fico pensando nisso. E em muitas outras coisas, como na impossibilidade de a gente vir a ter filhos, levar uma vida normal, ter um grupo de amigos saudáveis, atravessar o lago a nado sem vomitar o coração no barranco, comer pizza

aos domingos, frequentar um clube. Em tudo isso, eu penso. Na vida que não estou vivendo, enquanto, precariamente, tento segurar a mão do outro que capenga na borda do precipício.

À medida que aumentava o grau de dramaticidade do relato, crescia no grupo uma espécie de ansiedade eufórica, a necessidade de cada um expor as próprias mazelas. De contar para a moça que ela não estava sozinha no drama, que a crosta da terra está encharcada de miséria, muitas delas bem maiores que a sua. O rapaz, ao meu lado, além de cruzar e descruzar as pernas, de balançar freneticamente o pé, agora também roía as unhas da mão direita. Estive a ponto de pedir a ele para se acalmar antes que a ponta de seus dedos começasse a sangrar. Depois consegui segurar meu ímpeto enxerido. A senhora que tinha confessado estar ali para tentar salvar a filha adolescente piscava o olho esquerdo, repuxando exageradamente os lábios. De repente, comecei a duvidar do motivo que me levara ao grupo. Senti que era preciso exagerar nos detalhes, aumentar o tamanho de meu sofrimento, sei lá, criar um elo de cumplicidade entre mim e a relatora.

Não sei mais se estamos unidos pelo amor ou pelo ódio, não sei, continuou a dona da voz. Sei da impossibilidade de continuarmos levando a vida que estamos. Disso eu sei. E tenho medo. Muito medo. Medo dele, de mim. De ficar a sós com ele no espaço minúsculo de nossa casa, ouvindo o roçar áspero de nossos sentimentos, sensações contraditórias se esbarrando, chocando-se. Entre nós instalou-se o estado de guerra. Sinto que, entrincheirados em nossas convicções, esperneando em luta corporal, cada um está disposto a matar na defesa de sua posição irredutível. Sei da loucura. Como toda loucura, a de meu marido é contagiante. Vocês duvidam? Alguém aqui duvida? Pois

eu afirmo que estamos loucos, os dois. Quando, depois de quebrar a casa, a pressão continua insuportável, a única válvula possível é a agressão física. Muitas vezes, ele descarrega sua mão pesada sobre meu rosto crispado de ódio e desprezo. E eu revido, sabendo que atiçando sua ira apanho mais ainda. Tudo isso é muito doido, eu sei. Degradante mesmo. Só alguém muito pirado pode achar isso normal.

Neste ponto da narrativa, eu pensei: coitada, apesar de tudo, ela ainda não deu a entrada definitiva no asqueroso e fedorento mundo dos adultos. Há nela uns restos de atitudes infantis, de doçura, de esperança. Senti meus dedos crispados pela ansiedade de abraçar a criatura, aconchegá-la ao meu peito, e com um carinho infinito, beijar seus olhos marejados de súplica.

Foi quando a coordenadora do grupo avisou que o tempo tinha se esgotado. Do fundo de meu coração disparado, agradeci a existência daquele instrumento feito para medir intervalos de tempo e mostrar a hora. Bendito seja, para sempre, o inventor do relógio.

De repente, percebi que, com exceção do rapaz ao meu lado e de mim, todos estavam calmos e quase contentes, como se acabassem de assistir ao fantástico desempenho de um grande ator na execução de um papel complicado. E que, em nome da paz, todos ali estavam dispostos a abrir mão de seus segredos, por mais cabeludos que eles fossem. A coordenadora do grupo sorria para a garota, em atitude de benéfica proteção. Falou algumas coisas que o atordoamento não me permitiu guardar. Mas algo na expressão da moça, seu corpo aquietado em gestos de abandono e sossego me deram a certeza de que ela voltaria na semana seguinte. Em seguida, a palavra foi dada ao próximo no círculo.

CONFISSÕES II

Quando te vi amei-te já muito antes.
Tornei a achar-te quando te encontrei.
(Fernando Pessoa)

"O dia amanheceu cinza. Em mim. Muito antes de ele amanhecer, eu já sabia. Ontem, hoje, amanhã. Não há mais alternância de cor, de ânimo. O tom acinzentado é o aviso de que estamos caminhando a passos largos para o desfecho. A mim pouco importa qual seja ele. Qualquer coisa é melhor do que o ácido e obsessivo gosto de cinza na boca. Tranquei portas e janelas e, por uma questão de pudor, quem sabe, deixei de fora o sol. Não saímos mais de casa, a não ser quando meu marido consegue burlar minha constante e furiosa vigilância. Sem ele, eu escancaro portas e janelas. Com autoridade de dona, convido o vento para levar de roldão o veneno acumulado nas cortinas rasgadas, nos móveis quebrados, nas paredes com marcas de pontapés. Na minha pele coberta de escoriações. Abro ao máximo os sentidos, prendo a respiração (quando áspera, a respiração produz um som agoniado) e, muda, fico à espreita de algum sinal seu, o som distante de sua voz em acaloradas discussões em alguma perdida boca de fumo. Dívidas antigas que ele nunca vai cumprir, e eles sabem. Súplica por novos fornecimentos, o pavor de que ele se meta em encrenca grossa. Tudo isso me aflige ao ponto do desespero. Muitas vezes, em total desvario, sem a certeza de que ele continua vivo, se não foi apanhado pela polícia, saio

na noite escura. Percorro becos pontilhados de sinais luminosos, seringas e agulhas espalhadas pelo chão imundo, corpos largados em poças de excrementos, o insuportável odor do vício empanando o fulgor das estrelas, empapelando o brilho da lua. Como tenho consciência de minha loucura, e aos loucos tudo é permitido, paro num banco de praça. Indiferente ao perigo de alguma abordagem inconveniente, fico ali sentada, tentando empurrar para dentro a alma em agonia de fuga. Os braços macios da noite afagam meu desânimo, o cansaço. Arregalo os olhos até o limite e com eles abraço o firmamento aceso. Como é que pode tamanha beleza, perfeição, cobrir tanta miséria? Cabe na cabeça de alguém tão grande discrepância? Se há harmonia na natureza criada para o prazer dos homens, por que a cegueira? Por que tanta rebeldia, insatisfação em nossos corações, a busca desenfreada por prazeres escusos, a absoluta falta de senso? Daí, na minha loucura consentida, solto a manivela do tempo e, retrocedendo, alcanço a gloriosa época em que todo o mundo tinha o direito de ser feliz, desde que se dispusesse a isso. Visto-me de pureza e romantismo. Simplicidade. Com a cumplicidade da natureza, que oferece sem nada pedir, consigo, por alguns segundos, ser quase feliz.

Às vezes, tenho a sorte de encontrá-lo, noutras é ele quem volta para casa, tão humilde e maltratado como da primeira vez. Respiro fundo, aliviada. No entanto, falta em mim a disposição de antes. A fé inabalável, a crença incondicional. Em qualquer das situações, não há leveza possível no reencontro. O que resta é uma felicidade agoniada, a ânsia de esmurrá-lo até à morte. Em nosso cativeiro, retomamos a rotina. Batemos apanhando. Ele jura que nunca mais. Eu faço que acredito. Fazemos amor, amor de verdade, mas

com gosto de sangue e de morte. O nosso é um amor desesperado, desesperançado. Um amor pegajoso, doentio. Como já disse Platão: *Amor: uma perigosa doença mental*. Somos doentes terminais caminhando com passos afoitos direto para a fatalidade."

Sim, como vocês podem ver, ela voltou na semana seguinte. E eu estava lá à sua espera. Recebo-a com o alívio e o entusiasmo dispensado a um amigo querido que retorna da guerra. Meu medo é de que alguém tenha percebido. Talvez não. É certo que há uma curiosidade alerta, mas o grupo como um todo é uma banheira de sentimentos profundos, cada um nadando a seu modo, tentando alcançar a margem. Com o intuito de compensar a sordidez do presente, eu tinha consumido cada minuto da semana inventando para ela um passado decente e um futuro glorioso. Nem todos voltaram. Imagino-os batendo em outras portas. Em situações limite, atira-se em todas as direções. Aposta-se em qualquer coisa que possa remotamente resultar em melhora. Esperei que ela se sentasse primeiro para depois me posicionar de modo a poder observá-la de frente. Estava mais magra, mais descrente. Mais bonita. A auréola de melancolia lhe fica bem. Tive também o cuidado de me colocar de forma que ela falasse antes de mim. Percebo uma mudança sutil no tom de sua voz melodiosa porém forte, agora mais suave, sussurrante. Tinha perdido muito da eloquência da semana anterior que tanto impressionara o grupo.

"Eu disse, no outro dia, que ele me agarrou pelas pernas, me imobilizou. Só não disse que ele me beijou os pés e me olhou de baixo para cima com olhos de cão sem dono. Ou disse? Não sei, não tenho certeza. Vi na criatura decaída muita sensibilidade e um amor infinito que comecei a cobiçar com a gula dos carentes, dos esfomeados. Quanto a mim, não havia dúvidas:

amava aquele homem bonito, frágil e infeliz desde sempre. Para alguém que convivia intimamente com a solidão, ter de repente meu homem aos pés, puxa, era tudo, representava o fim da longa espera. Retirei de suas mãos crispadas as chaves. Abri o portãozinho. E carregada de boas intenções, tão dadivosa quanto uma mulher prenha do primeiro filho, fui entregando a ele, sem nada pedir, tudo que eu tinha sido, era e viria a ser. Antes de me tornar namorada, amante, esposa, fui mãe de meu marido. Descansei sua cabeça no meu colo e, com dedos pacientes, aplaquei a febre de suas têmporas latejantes. Lambi suas feridas, coloquei cataplasmas, ataduras. Por dias e noites ninei seu sono atormentado. Negligenciei meu trabalho, me esqueci da própria vida."

Quando chegou minha vez de falar, entrei em pânico. Sentia-me um perfeito idiota. Um crápula. Estava ali advogando em causa própria, com o objetivo único de me livrar de uma alcoólatra irremediável que tinha invadido minha casa, minha boa vida de solteiro. Em momento algum eu tinha pensado nela, em ajudá-la a sair do vício. Queria antes livrar minha pele, descartar aquela hóspede incômoda que se empenhava, com afinco sempre renovado, em esvaziar minha adega no menor espaço de tempo possível. Aquilo parecia um campeonato individual; talvez seu intuito fosse o de quebrar o próprio recorde. Pouco me importava as razões de sua bebedeira. Tudo que eu queria era encontrar um lugar seguro para interná-la, entregar aos médicos o problema, lavar minhas mãos e esquecer aquela história que tinha começado como um romance banal, porém prazeroso, e que, no final, só me trazia aborrecimentos e medos.

Na primeira semana eu tinha falado coisas vagas, imprecisas. Naquele segundo encontro, comecei as-

sim: conheci a Martine no Glória, em plena quarta-feira, numa roda de cervejeiros – uns absolutamente convictos, outros, nem tanto. Formávamos uma mesa grande, barulhenta, mais ou menos homogênea, mais ou menos alcoolizada. Quem tinha sido escalado para dirigir ria das piadas nem sempre espirituosas, um riso amarelo, sem muita convicção enquanto tomava devagar seu copo de refri. Amigos de banco de escola, do primeiro emprego, variávamos entre 38 e 45 anos. Lá pelas tantas, Christian, com o paletó jogado no ombro, anunciou:

Bem, gente, eu pego cedo amanhã, alguém vem comigo?

Tava demorando! Que é isso, cara, a noite é uma criança, esquece a porra do trabalho, pô! Só mais uma rodada, a saideira! Eu pago!

Conta outra, a Lana disse, você conhece algum yuppie que seja relaxado no trabalho? Olhem bem pra ele! O Chistian é exatamente aquele que se pode chamar de dressed for success. Vem cá, amigo, diz pra gente, é verdade que você tem um legítimo Kenneth Cole no armário?

Não, não tenho não. Compro minhas roupas por aqui mesmo. Yuppie? É, pode ser. Tá bom, eu assumo. Sou da geração Work hard, play hard, e daí? Trabalho duro para ter o direito de viver a vida do jeito que eu gosto. Ganhando bem, posso gastar melhor ainda, essa é a questão. Não tenho problemas com o trabalho nem traumas de consciência com o uso do cartão. Trabalho para gastar, é isso.

Década de 80, nada de filosofias utópicas, envolvimentos com o social. Gostei cara!, falei e comecei a cantar: My Adidas and me, close as can be, we make a mean team, my Adidas and me.

A garota sentada na ponta da mesa, uma loira gostosa e desconhecida que tinha se juntado ao grupo antes de minha chegada, gritou com a voz meio alterada: Os Rum DMC e seu *rap* de 1985! Cara, fazia tempo que eu não encontrava um grupo tão divertido, juro.

Daí pra frente, a conversa girou em torno de break dance, Madonna, Michael Jackson e outros personagens e temas dos anos 80. Percebi que tomávamos a mesma cerveja: Devassa ruiva. Mas o ritmo de Martine, a garota da ponta da mesa, agora sentada ao meu lado, era bem superior ao meu; enquanto eu tomava um copo de cerveja, ela virava dois ou três. Caí na besteira de declarar que eu tinha vários CDs da Grace Jones.

NÃO ACREDITO!, ela falou eufórica. E imediatamente da mesma forma que havia se oferecido para juntar-se a nós, se convidou para ir à minha casa, na noite seguinte.

Providenciei uns canapés, separei os CDs e mal tive tempo de tomar uma chuveirada. Martine chegou às oito em ponto e parecia meio excitada. Bastou um olhar de raspão pela minha adega relativamente abastecida, que por uma questão de vaidade besta eu tinha deixado aberta, para ela esquecer completamente a razão de sua ida à minha casa. Naquela noite, tomamos vinho chileno encorpado, falamos da vida em geral e não dormimos juntos. Mas pouco tempo depois, quando dei pela coisa, Martine tinha se instalado em meu apartamento com malas, virtudes, defeitos, vícios, o sotaque sulista, um charme extra, e aquele corpão que Deus me livre. O diagnóstico eu já tenho: a garota é alcoólatra com inúmeras passagens por instituições. Fora da bebida é uma grande pessoa: inteligente, simpática, prestativa, amorosa. É por isso

que estou aqui. Será que vocês podem me ajudar, quer dizer, ajudá-la a sair dessa?

O grupo permaneceu mais ou menos estável. Alguns bem assíduos. Dentre eles, a menina triste e eu. Nunca faltamos. Quanto aos doentes, acontecia de tudo: internações com sucesso, fugas, desaparecimentos, execuções sumárias, suicídios. Durante três meses, seguramos nossas inseguranças, com momentos de depressão e euforia. Contabilizamos ganhos e perdas. Aprendemos o significado da solidariedade. A importância de saber falar e de ficar calado. Ouvir.

Na primeira terça-feira do quarto mês, ela não apareceu. Entrei em pânico. Tinha adquirido o hábito de visitá-la todas as noites, daí conhecia sua casa, cômodo a cômodo. Esconderijos de pequenos tesouros (as alianças de casamento, um colar de pérolas, o primeiro par de brincos de ouro), objetos que corriam o risco de virar pó, transformados em papelotes de crack. Os locais onde ela se sentia mais protegida dos ataques do marido. Mas não conhecia seu endereço, não tinha o telefone nem o e-mail. E ela, obviamente, não estava no Facebook. Ninguém do grupo se preocupou, todos tinham liberdade de ir e vir como bem entendessem. E eu não tive coragem de levantar a questão. Saí murcho da reunião e passei a semana toda dormindo mal, atormentado por pesadelos horríveis. Vasculhava os jornais à procura de notícias de pessoas encontradas mortas dentro de casa. Via seu corpo inchado, horrivelmente deformado pela morte.

Há duas semanas Martine tinha sido internada, após uma tremenda crise de alucinação que me custou consideráveis estragos de ordem física e moral, sendo os últimos mais graves. Dizendo-se perseguida por fantasmas, a moça, usando apenas calcinha e soutien, desceu pelas escadas aos trambolhões, atropelando

moradores com seus cães de estimação, crianças com pastas escolares e tudo o mais que estava em sua frente. No saguão, se refugiou chorando nos braços do atarantado porteiro do prédio. Fui chamado às pressas pelo síndico, atravessei a fúria dos condôminos, peguei a doente no colo, levei o maior carão, e fiquei ali com focinho de tacho sem saber o que fazer com minha hóspede amalucada. Finalmente, uma senhora caridosa, vizinha de porta que vinha acompanhando meu martírio, perguntou baixinho se eu não queria que ela ligasse para a coordenadora do grupo. Foi minha salvação. Agora, sozinho e angustiado, chego a sentir falta dos transtornos que Martine me proporcionava e que, certamente, encurtariam e muito os riscos de eu pensar em fatalidades, desgraças irremediáveis.

Estou trêmulo como um adolescente diante da primeira namorada. A menina triste voltou! Finalmente, ela voltou! Está ainda mais magra, triste, mas há nela um distante ar de alívio. Toda vestida de preto, traz nas mãos um jornal amarfanhado. Pela primeira vez, os cabelos, fartos e anelados, estão soltos. Percebo no alvoroço deles uma tímida intenção de voo. Ninguém faz perguntas nem ela fala até o momento que é seu por direito. Então, abre o jornal e todos veem um jovem bonito, sou obrigado a reconhecer, estendido na calçada. Parece que ainda não se acostumou com sua recente condição de morto. Seus olhos abertos demonstram espanto. Quando a menina começa a chorar convulsivamente, me vejo atacado pela paralisia dos covardes. Dos apaixonados.

Morto pelos traficantes, é tudo que ela consegue falar.

Saímos juntos, na noite iluminada.

E a Martine?, ela pergunta.

A mãe veio buscá-la. Está internada numa casa de recuperação em Porto Alegre. Ficou de me mandar notícias, vamos ver se dessa vez dá certo.

Sei. E você, já reabasteceu a adega?

Não, nem pretendo. Resolvi fazer melhor uso do espaço. Meu amigo que é arquiteto vai transformá-lo em depósito para meus apetrechos esportivos.

Meio tímido, desajeitado, tento pegar sua mão. Ela recusa:

Não, ainda não.

A avenida ampla e reta, com canteiros arborizados no centro, parece tão infinita quanto o horizonte que a menina sonhou tocar um dia, na eternidade de um amor imorrível. Cruzamos duas ruas quase desertas. Em uma delas, um bêbado cambaleante tenta nos alcançar, na certa atrás de uns trocados para nova dose de cachaça. Caminha, para, volta a caminhar, desiste. Sinto no rosto o toque suave dos dedos da brisa aplainando sulcos, apagando rugas precoces. Esculpindo nossas faces futuras. Na calçada, duas sombras compridas caminham em passos comedidos, porém seguros. Amanhã eu volto para buscar o carro, penso sem preocupação.

MUDANÇA

O novo lugar. Sem manchas, cicatrizes, culpas. Tecido em fios de esperança, ele me espera. Chama. Um lugar intermediário entre o que vivi antes e o que vivo agora. De onde existe, o lugar me acena com cálidos beijos de sol e mansas carícias lunares. Perfumes multicoloridos de pétalas de certezas. E a pobreza digna para a qual estou preparada. Agora estou no campo, deitada sob e sobre uma copiosa árvore cujo nome desconheço. Ignoro o nome, apesar da copiosa árvore, de nome desconhecido, me oferecer, sem nada pedir em troca (tal condição existe?), a amenidade e o frescor de sua sombra, o cheiro esverdeado de suas folhas brilhantes e aquela gorda e perfumada raiz onde deposito todas as misérias contidas em meu cérebro cansado. Descarrego também os disparates, as obscenidades que, por absoluta falta de espaço no mundo e respeito aos menores, guardei ali, na minha cabeça.

Houve um longo e meticuloso preparo. Eu só não sabia para que servia o rigoroso treinamento. Antes. Pediam e eu obedecia. A obediência faz parte do jogo. Mas isso eu só fui compreender depois. Não fugi à regra. Toda criança gosta de ser elogiada, bajulada, e isso ela sabia fazer. E muito bem. Domina ainda muitas outras artes. Em mim, as coisas estavam por acontecer. Madrasta. Má. Ela não!, ele acreditava. Precisava acreditar. Minha mãe morreu. Morreu assim, sem aviso, preparo, nem nada, como ninguém que é mãe tem o direito de morrer. AVC fulminante. Com desvelo, uma abnegação que deixava olhos espertos

esbugalhados, ela cuidou da gente. Falava macio, palavras doces e apropriadas, do jeito certo, na hora certa. Meu pai se deixou levar. Atordoado. Uma tristeza de cortar corações. Morte precoce, sem anúncio, a de minha mãe. Eu? Bem, para uma criança todo colo é colo. Quando me penteava os cabelos longos e rebeldes, a madrasta tinha um ar distraído de mãe cuidadosa. Depois, afastando-me um pouco, inclinava a cabeça como se procurasse o melhor ângulo para uma fotografia. Separava parte do cabelo e prendia com uma liguinha, no alto da cabeça.

Você tem cabelo demais, menina, é preciso prender um pouco para soltar os traços delicados de seu rosto.

Cresci assim, sendo estudada, analisada. Nunca imaginei que nela doçura e maldade pudessem conviver em total entendimento, harmonia.

Meu pai encontrou nas drogas o refúgio de túmulo que ele precisava. Contra tudo, passado, presente e futuro, contra qualquer verdade ou suspeita que exigisse tomada de atitude. Nas drogas parecia buscar por livre vontade, antecipadamente, todas as emoções, crises e dores que o futuro incerto pudesse obrigá-lo a viver. Faltava-lhe energia, disposição para batalhas. Não seria pego desprevenido. Nunca mais. Abstrato, quase contente, passou a exibir sua decadência com a naturalidade de quem representa um papel vagamente escabroso. Que se danem os outros, parecia dizer. Ninguém teve piedade de mim, por que devo me preocupar com os outros? Violento, às vezes, metia medo. Quando, altas horas da noite, ele começava a quebrar tudo, eu tinha debaixo da cama um refúgio seguro, e ali, no escuro, suportava melhor a escalada da angústia sobre meu peito raquítico, pancadas violentas, ameaças, golpes de martelo nos tímpanos. Apertava

o travesseiro contra os ouvidos até sentir na dor insuportável o alívio para continuar tendo esperanças. Constrangia-me um pouco o fato de ela viver me analisando como se eu fosse mercadoria exposta no balcão; pesava minhas chances, as possibilidades, mas eu mesma não o fazia. Nem em relação a mim nem a ela. Fui sendo levada como um carro novo e veloz pela avenida larga, em declive.

Talvez o desastre pudesse ter sido evitado. Quem sabe, subjugada pela magia do faz-de-conta, pelo pavor de que meu mundo voltasse a se desmoronar, a ânsia para que as coisas caminhassem em trilhos seguros, tenham embotado em mim o germe da perspicácia que alavancaria o princípio da desconfiança tão necessário. Inúteis, agora, confabulações, tentativas de erguer a máscara do culpado. Nada encanta uma criança mais que a magia, o truque. Toda garota gosta de ser maquiada. De ver no espelho a lenta e milagrosa transformação. Ver os olhos normais abrirem-se em espanto e profundidade. Lábios vermelhos, repentina e precocemente sedutores. No começo, era brincadeira, parecia ser. Depois, quando já era tarde, percebi tratar-se de jogo. Jogo sujo.

Peito erguido, bunda arrebitada! Rebola! Rebola! Rebola, menina! Você tem um corpo perfeito, as medidas certas. E se há algum exagero, tanto melhor. Sente os olhos deles te acariciando a pele, te explorando o corpo, minuciosamente? Ah! Como é bom ser desejada, cobiçada como um objeto precioso, uma joia rara exposta na vitrine! O vestido vermelho, justo, é bem apropriado. Agora a maquiagem. Uau! Como você está bonita, sedutora! Agradeça a mim, viu? Sem meu esforço você não seria nem a metade do que é. Agora é sua vez de retribuir. Está pronta, pode ir. Só não volte de mãos vazias.

Ir? Como assim, ir? Não se faça de boba, menina, você cresceu. Nosso dinheiro anda curto. Seu pai, nem preciso dizer, aposentado por invalidez. Três pessoas vivendo de uma aposentadoriazinha de merda! Tudo que fiz por você teve custos e altos. Agora é sua vez de cooperar, de retribuir.

Acontece que eu nunca saí sozinha assim, na noite. Eu tenho medo, todo mundo sabe que é perigoso.

Chega de melindres! Vá, é fácil! Os homens são generosos quando a mercadoria vale a pena.

Acontece que eu não sou mercadoria nem sei onde ir!

Não sabe?! Com tantos bares, cafés, nightclubs, boates. É lá que eles ficam, à espreita, aguardando a melhor oportunidade. Mas não me volte de mãos vazias, hein! A vida tá cara e o que você me deve não é pouca coisa. Você e esse traste de seu pai, sempre internado, em recuperação. Já perdi a conta das vezes. Vá logo! E de mãos vazias, te garanto que você não atravessa aquela porta!

Mas, assim, com esse vestido espalhafatoso, o rosto pintado? Não, eu não consigo, tenho vergonha.

Vergonha?

Vergonha é ser pobre! Com dinheiro todo mundo é respeitado. Nesse país de tolerância máxima ninguém pergunta de onde vem o dinheiro, basta tê-lo e pronto, as portas se escancaram, os braços da nobreza, entre aspas, se abrem para receber o novo rico. Vá por mim que já vivi o suficiente pra saber das coisas.

O espelho é grande. A cama. O quarto é todo claro, como deve ser também o local de trabalho do cirurgião plástico. Venezianas abertas para jardins bem tratados. Flores frescas nos vasos. Recostado sobre travesseiros macios, ele me olha, de olhos apertados, entre um gole e outro de água. Tem olhos claros e

profundos, verdadeiros como os de meu pai, quando meu pai ainda tinha olhos de olhar as coisas com franca convicção. Percebo que a avaliação me é favorável. O ambiente calmo e a franca aprovação me animam a falar. Normalmente não falo, eles não falam. Quando muito bêbados, perdem o pudor e falam além da conta. Vomitam safadezas para expurgar suas misérias, expô-las a alguém que eles julgam mais miserável ainda. O desastre acontece quando a bebedeira exagerada toca o lado sentimental do homem. Aí é fera! Aí eles choram feito crianças, pedem colo. Muitos nunca tiveram. Paciente, ofereço-lhes o que eles mais necessitam: um seio, meu peito seco para a maternidade, eu sei. Fazem cena, choram um arrependimento falso, os casados. Normalmente, depois de amamentados, eu seco, com desvelo de mãe, suas lágrimas de criança. Depois, os acompanho à loja mais próxima da H. Stern. Redimidos, felizes, eles voltam para casa. Com a polpuda comissão me queimando os dedos, caminho a passos apressados na multidão, uma angústia descabida no peito vazio, adulterado, como se ali ainda vivesse a alma. Ladra. Vagabunda. Aproveitadora. Se você encontrar mais algum adjetivo pode acrescentar, não ligo não. Sei que mereço, que é nisso que me transformei.

Respirei fundo, olhei para lugar nenhum e comecei: não quero, quer dizer, não posso continuar nesta vida! Talvez eu consiga um emprego, estou à beira de conseguir, tenho muita fé. Só falta um detalhe, a carta de apresentação. Fé! Você está certa. Ter fé já é meio caminho andado, menina. O verdadeiro, o grande desastre está na perda da fé. Posso te fazer um pedido? Claro! Com que direito eu iria negar, fosse lá o que fosse? Já me pediram tanta coisa... Não se trata disso, de direito. Se eu pedir você retira a maquiagem? Rosto lavado, é isso? Eu sei, a síndrome do rosto lavado, ninfetas,

crianças. Você é... Sim, rosto lavado, jeito de menina, mas não sou pedófilo, não. Só quero saber como, quem você é. Te conhecer verdadeiramente. Posso? Ou isso está proibido? Conhecer verdadeiramente. Será que alguém se conhece? Eu me conheço, vou me conhecer um dia?

Sigo por uma rua simpática, em declive. A pé. Na estação quase deserta, o homenzinho prestativo, de fala engraçada, disse que a chácara ficava longe da cidade, ainda mais com a mala, eu ia depender de uma condução. O único táxi a atender os raros viajantes voltaria em uma hora, quando muito. O funcionário da estação desconhece minha urgência. Mas se eu quisesse poderia deixar a mala ali, para buscar mais tarde.

Agora, em franco aclive, raras, pequenas e desbotadas casas me olham com simpatia, interesse. Junto ao portão de uma delas, dois garotos me contemplam, curiosos. O que parece ser mais velho desenha no chão vermelho da rua, com o dedão do pé, quadrados para o jogo da amarelinha. Nu da cintura para cima, braços e pernas sujos, parece contente. O outro espera com um elástico ensebado na mão encardida. Sorrio, um sorriso ainda meio canhestro, vagamente envergonhado, sem muita convicção para as crianças.

Não há mais casas, apenas a estrada de terra estreita, porém limpa. E reta. Caminho sem pressa, com meu andar despreocupado de antes. Tão natural! Ofereço meu rosto lavado ao vento, que me afaga os olhos, a boca, os cabelos, um carinho de dedos macios que vai retirando camadas superpostas de maquiagem. De não eu. De impressões digitais sujas de nicotina, suor, saliva e esperma. Crianças. Milhares delas. Filhos por que ansiei, desejei guardar no ventre vazio e que foram jogadas no ralo de múltiplos e desconhecidos

banheiros em hotéis baratos ou de alto luxo. O bafo podre do dinheiro fácil, falso. Fui deixando tudo isso para trás, como quem muda de clima e vai retirando abrigos, trajes pesados, desnecessários.

Leve, estou quase correndo agora contra o vento, o vestido colado ao corpo. Pode me golpear, se quiser, não sinto medo, nem cansaço. Só o prazer da liberdade. Meu corpo jovem, branco de sombras pela vida vivida entre paredes, escuridão, de repente liberto para o prazer do sol, aquietado numa postura conveniente, repleta de sossego e naturalidade. Plenitude e paz. Paz. Sorrio, apaziguada. Eu sou a mãe e sou a filha, pari a mim mesma, ali na beira do caminho, mistura forte de terra úmida e suave perfume de relva. A voz ainda é esganiçada. É preciso que eu encontre o tom, que cante à criança a nova canção. Num repente, a enorme casa de campo, rodeada de árvores centenárias, gigantes pelo tempo. Uma área externa de gramado ainda mais verde que o resto. Alguns cavalos de pelos reluzentes, na cocheira. Canteiros de flores depois da cerquinha branca de madeira. Ao longe, esboços avermelhados de cumeeiras de galpões.

Eu vim pelo anúncio. Ah! O anúncio. Estamos pedindo carta de apresentação. Eu trago, sim senhora. Mas antes vamos entrar, tomar um copo d'água. Dr. Eusébio, o cirurgião plástico. Coitado, perdeu a esposa em situação dramática, há coisa de um ano, ou pouco mais. Você trabalhava com eles? Não exatamente. Ele me restituiu o rosto original. Te operou a face, você quer dizer? Desculpe, mas eu não vejo cicatrizes, nenhum sinal. Tem gente que se esmera no trabalho, mesmo quando é feito de graça. Em mim ele retirou as marcas antigas sem deixar novas, sou imensamente grata ao doutor. Gosta de crianças? Às vezes sou obrigada a passar o dia todo fora. Sem problemas. O anúncio

mencionava o fato. O que são aqueles galpões do outro lado do rio? Ali fica um centro de recuperação para dependentes químicos. Mas não precisa ter medo se por acaso esbarrar em um deles por aí. São, no máximo, meio esquisitos, alguns; outros, nem isso. Sou artista plástica e voluntária do Projeto, duas vezes por semana trabalho com os internos. E há esperança de cura para eles? Alguns se recuperam. Os que persistem no tratamento. Mas é preciso um bom motivo para que eles sintam que a permuta vale a pena, senão...

Meu pai. Tão perto e tão distante. Perdido para mim. Perdido para si mesmo. Enquanto caminhamos rumo ao quarto que será meu, nos fundos da casa, penso: será que ele percebe minha proximidade? Sente que estamos livres do poder maligno da bruxa? Preciso encontrar um jeito de ir até lá.

O OLHO CEGO DA VISÃO

Pô, meu, não tô acreditando. Então é assim que age um macho sacramentado que acaba de assentar praça na malandragem? Se soubesse da tua fraqueza, que tu não passa de um incapaz, um inepto, não tinha indicado teu nome pra Corporação. Faz o serviço e depois fica aí lamuriando em cima do presunto? Ainda se fosse o primeiro... O sangue, doce que nem mel, te garanto que é de primeira. Pena que coagula depressa. Toma a tua parte, companheiro, antes que o sangue do merdinha vire chouriço.

Inepto! Senti um raio me transportando direto a outro mundo. Caí de focinho na casa sisuda de meu padrasto, na penumbra da sala de cortinas fechadas, um milhão de anos atrás. Era assim mesmo que o canalha falava, nas minhas fuças: Você não passa de um incapaz, um INEPTO. Nasceu fadado ao fracasso. Vencer na vida exige sorte e coragem. A primeira você já tem, garoto, teve a sorte de encontrar um padrasto como eu. A segunda parte vai depender de você, da sua eficiência, e é aí que está o nó da questão.

Você não podia ter falado essa palavra, Gavião. Não podia. Ele também não. Foi com essa palavra que o desgraçado selou meu destino, quando eu não passava de um pirralho assustado diante da prepotência de um adulto ignorante.

De que palavra tu tá falando, camarada? Quem é o outro que não podia falar e falou? Só tamos nós dois aqui, Serpente, mais ninguém. Eu não ouvi nada, ninguém. O presuntinho tá lá, na dele, não abriu a boca nem nada. Tu é meio esquisito todo dia, mas hoje tá

esquisito além da conta, acho melhor tu te explicar, Serpente, antes que...

Antes que o quê, hein? Você não me manda, não, seu panaca. Eu choro, faço o que quiser, chorar não desmerece ninguém. Lamentando esse aqui choro todos os outros. Foram tantos que até perdi a conta. Mas esse é diferente, merece toneladas de lágrimas. Choro por ele e pelos outros. Ou você pensa que foi fácil me transformar num morcego chupador de sangue, algumas vezes sangue impuro, vá lá, outros genuinamente inocentes. Não tenho jeito pra essa vida não, Gavião, não mesmo.

É? E pra que tipo de vida tu leva jeito, hein, malandro? Pra comer merda num casebre desconjuntado de uma periferia qualquer, é isso que te atrai?

Ainda prefiro comer merda do que fazer o que ando fazendo. De que me adiantou a sala revestida de meu padrasto? Ali só tive sustos e medos, como estou tendo agora. Dúvidas quanto a mim mesmo. A frase preferida do empanturrado era: Eu trabalho praticamente todos os dias do ano para sustentar esta casa. Olhando de baixo para cima, eu ficava atarantado sem saber se *praticamente o ano inteiro* exigia de minha parte uma cara de muito, muito espanto, ou se só admiração seria suficiente.

Pô, cara, fala a verdade, tu também vai bater os cascos um dia, não vai? Então qual é? É a lei da natureza, ou tu pensa que é imortal? Imortais só os iludidos das Academias de Letras. Imortais! Isso tem nome: medo de se igualar aos outros porque eles sabem que é na morte que todo mundo se iguala, se equivale. Imortal, ninguém é. Nem de verdade nem no papel. É tudo uma questão de tempo, de momento. Tem gente sobrando no mundo, meu. Matar é nossa profissão, nossa obrigação, o ganha-pão. É nosso jeito de aliviar a carga do Planeta

abarrotado de malandros. Quem mandou o cujo se envolver com a facção quando ainda nem tinha tirado as fraldas? Não pagou, dançou. Essa é a regra, a lei. Um vagabundo a menos. A população agradece, meu. Os de aluguel têm seu valor, sua utilidade social. A gente colabora com a sociedade, com a lei, com o próprio indivíduo, ou tu pensa que não? Esse unzinho aí que tu tanto lamuria não vale uma única das tuas lágrimas, porque já não era nada antes mesmo de morrer. Se iluda não, meu irmão, um desqualificado reconhece o outro pelo cheiro, a quilômetros de distância. Esse aí já nasceu fodido, condenado. Ou tu pensa que vivendo na rua, na escola da malandragem, o moleque tinha salvação? O derradeiro dos tipos é o iludido. Quanto mais cedo o indivíduo perde a ilusão, mais cedo ele encontra o caminho. Vida de bandido é isso aí: prisão, soltura. Prisão, fuga. Prisão. E nesse some volta, tu vai ganhando uns enfeites na testa calejada, que mulher de bandido não tem dono. Até que um dia um tiro desgovernado te acerta em cheio. Aí, é o fim que tu sempre soube, esperou.

Cala essa boca, miserável, antes que eu te arrebente os poucos dentes que ainda te restam! Você não vê que era apenas uma criança? Um menino brincando de bandido, feito eu, feito você, quando a gente começou? Por que foi que ele se envolveu? Porque nunca teve ninguém que cuidasse dele. A mãe, uma puta desclassificada, mandava o moleque pra rua, pra frequentar a escola da bandidagem. O pobre acabou viciado antes de aprender as manhas da gatunagem, os meios de livrar a cara sem sair machucado. Pobre criança abandonada de pai e mãe. Talvez tivesse tido salvação se a porra do Estado cumprisse sua obrigação de Estado que é dar segurança, oportunidade ao cida-

dão. E os pais cumprissem a obrigação de pais que é dar proteção, carinho e exemplo.

Pobre criança! Mané criança! Não tô te reconhecendo, Serpente! Cadê a tua valentia? Que representação é essa agora, criatura? Pobre criança! Mané criança! Para com isso, bundão! Tira logo a bermuda do presunto, único bem que lhe restava. Deixa o malandrinho pelado, do jeito que veio ao mundo. E não te esquece de cortar a orelha do fedelho conforme ordem do chefe. Mas antes eu tenho um servicinho a cumprir. Antes, vou comer o rabinho dele. Não vou cair fora sem minha recompensa. Esse aí tá com cara de virgem. Rabinho tenro feito carne de novilho criado no cercado, prato servido em mesa de ricaço que funciona dos dois lados.

Presta atenção ao que estou lhe dizendo, Gavião! Se você tocar no garoto, é um homem morto!

Epa! Que valentia é essa agora, camarada? Tá pensando o quê, hein? Isso aí nem gente é. Esse não passa de bicho, vale menos que um bicho. Tem gente sobrando no mundo. Logo vai faltar bicho pra matar a fome de tanta gente. Tudo tem limite. Minha paciência escafedeu-se. Tira logo a bermuda do traste ou ficam os dois, tu e ele, estendidos na mesma poça de sangue, que valentão pra mim não passa de alvo, e tu não é diferente dos outros. Meu compromisso, a diversão é acertar o alvo, mais nada. Palavra de Gavião!

Olha bem pra mim, se você bulir no menino já é um homem morto! Nessa carne, malandro, você não mexe, não! Já bebeu o sangue, mas da carne não come! Palavra do Serpente, que eu também tenho cá a minha valentia. Essa é carne sagrada, intocada e intocável. Só a terra tem o direito de comer. A terra é sua mãe, a única, a verdadeira. Aquela que ama sem distinção, que purifica. Não trai nem abandona. No seio morno

da terra ele vai se redimir, vai nascer de planta, de fruto, de flor. Vai ser puro como foi um dia, recebendo o abraço macio do vento na cara alegre.

Tu é besta mesmo, Serpente, agora deu pra poetar, é? Não come?! Mané não come! Quem tem peito pra impedir ação minha, seja ela de que natureza for? Tu é meu subordinado, Serpente, capacho subjugado a meus pés, ao meu mando. Tu esqueceu de tudo que te fiz, de como foi que tu ingressou na Corporação? Sem mim tu não é nada, ninguém.

Capacho. Já fui muita coisa nessa vida, Gavião. Hoje eu sei, na época duvidei. Faltou fé, crença em mim mesmo. A voz dele, do miserável, falou mais alto. Inepto. Hoje sou merda. Viver ou morrer tanto faz. Essa criança pode não valer nada pra você, pra mãe dele, pro mundo inteiro, mas pra mim ela é sagrada. Você pode fazer muita besteira, e faz, mas renegar a própria carne só os muito desgraçados são capazes. Carne de minha carne, sangue do meu sangue. E acho até que Dele também. É isso aí.

Como é que é, malandro?!

Isso que você acaba de ouvir: filho meu com aquela puta, mas filho de todo jeito. Na época, ela apregoou, descabelou, exigiu mundos e fundos, ameaçou. Pensei que tivesse blefando, querendo garantir o futuro do menino. Naquele tempo eu tinha profissão, mulher, casa própria. Não era um miserável traficante como hoje, um pistoleiro de aluguel. Só agora eu vi a prova. Foi preciso ver com os próprios olhos. Mas vi tarde. Essa é a sentença, a vingança que a vida me reservou, um desgraçado que não soube respeitar a vida que lhe foi dada, confiada.

Calma, companheiro, vamos por partes. Tu fala de prova, mas que porra de prova é essa? O que foi que tu viu que te deixou nesse estado deliratório?

A mancha cabeluda nas costas, sinuosa feito uma serpente na areia quente, igualzinha a que eu tenho aqui nas costas e que me rendeu o apelido. Mesma cor, mesmo lugar. Aqui se faz, aqui se paga, Gavião. Matei na própria carne minha miséria, o desregramento, a vilania.

Caralho! Nem me fale, estou bestificado! Vamos com calma e jeito. Pode não passar de coincidência, casualidade.

Antes fosse, mas não é. Meu coração diz que é ele, meu filho. Matei numa emboscada sórdida meu próprio filho, uma criança que da vida só conheceu a podridão.

Mas isso é fatalidade das brabas, meu irmão, desacerto nos entroncamentos da vida. Coisa lá da televisão, do teatro. Inacontecível no mundo dos mortais. Vamos com calma, pode não passar de coincidência, casualidade.

Antes fosse. Se quer atirar em mim, atira, Gavião, é um favor que você me faz. Mas saiba que vai gastar bala à toa, vai matar um morto. Morrer é o quê? Então só porque respiro, ainda vivo? Eu morri, Gavião. Venho morrendo na morte de todo aquele que foi morto por mim, faz é tempo. Desde o primeiro. Não nasci pra essa vida. Não nasci de um útero qualquer. Tive pai, tive mãe, tive esposa, emprego decente. Na morte de cada um que eu matei, morri um pouco. Assim, venho encolhendo a linha do meu tempo nesse inferno de mundo, adiantando minha chegada ao outro. A morte prematura de meu único filho foi o golpe fatal, o de misericórdia, o derradeiro. Morremos os dois, Gavião. Dois equívocos. Dois abortos. Dois azarentos que não tinham o direito de atender o chamado da vida. Pode enterrar, Gavião, enterra os dois na cova fofa dos que foram alforriados. A terra tem poder de cura. É na

paz, na justiça da terra que eu confio. A terra anula a desigualdade inventada pelo homem. Iguala o pobre ao rico ao mais ou menos.

OLHAR DE PRIMEIRA VEZ

Seguia em linha reta, indiferente aos relevos, às reentrâncias, completamente segura dos próprios passos, do caminho. De repente, sem nenhum motivo visível, deu uma guinada de uns trezentos e trinta, trezentos e quarenta graus, mais ou menos. Parou, orientando-se, talvez. Optou pela esquerda. Mas, agora, seguia ziguezagueando como um bêbado na calçada. Depois, novamente segura. Com o rolar do tempo, surgiu o primeiro grande obstáculo. De um gigantismo aterrador. Forçar a passagem por baixo, rastejando a barriga na pedra áspera, ou escalar a montanha peluda? Ou ainda morrer de inércia, anestesiada pelo domínio da indecisão? Absurdamente covarde o poder do observando sobre o observado. A esmagadora vantagem do primeiro, que vai trabalhando a ideia sem que o outro sequer desconfie da intenção. Esticou a mão esquerda e, devagar, foi cobrindo a presa, que continuava no dilema: rastejar ou escalar? Rastejar ou escalar? Ou morrer ali, vitimada pela hesitação? Agora a sombra agiganta-se cobrindo a coisa observada. Ergue, desce quase tocando a coisa. Para. Paradas as duas. A coisa e a mão. Proteção? Ameaça? Perigo? O poder absoluto da mão. Simples como o arroto depois da coca-cola. Por que matar? Por que não matar? No gigantismo e diversidade do universo, onde há diferença? O prejuízo? Um a mais... Tudo resumido a quatro elementos: o observando, o observado, o obstáculo e a vontade soberana, a mão. Cinco!, retruca o sol por testemunha! Porque não se iluda: no bem ou no mal, haverá sempre uma testemunha.

Sentada no banco de madeira, costas apoiadas na almofada verde, pés sobre a cadeira de vime marrom e bege, lança, ao redor, um longo e especulativo olhar de primeira vez. Está ali por decisão, dever e falta de opção. É ali, talvez não obrigatoriamente naquele lugar, mas naquela casa, que ela vai estar nos próximos e últimos anos de sua vida. É decisão irrevogável. Nada, ninguém a aguarda lá fora. Nenhuma expectativa. Possibilidade. Nada. A varanda é ampla e clara como devem ser os espaços de lazer. O sol da tarde, filtrado pelas plantas bem cuidadas, lambe (lambe, não beija) a face entristecida da mulher, flácida face, destituída de vontade. De dignidade. Depois, oscilante no balanço das folhas, o raio de sol desce para as mãos, onde a velhice precoce começa a deixar seus recados em forma de manchas escuras. E, com um brilho curioso, o mesmo sol analisa a página aberta do livro esquecido sobre os joelhos esticados da mulher. Leio? Não, não leio, não! Afinal não sou bisbilhoteiro. Quer dizer, depende do grau de cobiça que a matéria desperta, se o assunto é irresistível ou não. Em situação extrema, já bisbilhotei, sim, a intimidade exposta de muita gente. Dar uma espiadinha boba sob o biquíni folgado de um corpo jovem esparramado na areia da praia, ah!, que delícia!; afinal de contas, a matéria que me sustenta é o fogo, não o ferro da obediência. Passando do geral para o particular, ela analisa o teto branco. Aqui e ali, sinais de indesejáveis insetos e de diligentes aranhas empenhadas no eterno e imudável ofício de fiar a teia. Naquele ponto, o olhar inquiridor se fixa, analisando com interesse clínico o pequeno animal cercado de alimentos capturados pela rede de seda construída por ele. Ao alcance da mão, o fio condutor, a linha da vida por onde, em caso de perigo, pode escapar. Escapar. O aracnídeo tem seu meio tecido por ele. O animal

conhece e faz uso da precaução. Simples, confortável e seguro o cotidiano das aranhas. Usar a teia em benefício próprio sem se complicar no emaranhado absurdo dos fios da vida. Sente inveja da independência e liberdade da aranha, dona e senhora do próprio nariz. De sua verdade simples e eterna. Ao alcance da mão, a linha salvadora que, em caso de perigo, lhe permitirá a fuga. Do ritmo imutável da vida da aranha sem mudanças nem complicações desnecessárias.

O tempo. Sem manchas nas mãos. Sem rugas na alma. Sem arrependimento no coração. Que tempo foi aquele? Qual o tempo do agora? Foi. Foi numa varanda, perdida na memória imprecisa, com bancos de madeira laqueados de branco, trepadeiras floridas e o Sol. Sol estatelado, que ardia na pele. Acendia a vontade. Diferente do sol de agora que esquenta mas não aquece. E bumbunzar descontrolado de corações. A pressão dos lábios macios e fortes de Max contra os da adolescente. A língua afoita cortando a respiração. O primeiro de muitos beijos. Nesse tempo de brilho e de loucura, de sol e de amassos, os dois, cabeças erguidas, peitos empinados, pés no chão, caminhavam em linha reta em direção ao colégio. Mãos dadas, rumo a um futuro inventado, planejado. O futuro que não quis ou eles não souberam fazer acontecer. Não eram aranhas com fios de seda à mão sempre que a ameaça surgisse, nem formigas que nascem com objetivos concretos e estabelecidos, determinadas a cumprir sua imutável missão de formiga, apenas.

Vai do teto ao piso, sem se deter na parede que separa a varanda da casa dividida em quartos pequenos. Com visível esforço, levanta-se do banco, ao ver a formiga. Leva no trajeto entre o assento e o piso o tempo que levaria um idoso, embora não o seja. Vai sentando devagar com as pernas cruzadas, na posição

de buda. É dela, da mulher, a mão suspensa sobre a formiga. O braço que interrompe o caminhar do vivente. Mato? Não mato? Uma formiga a mais ou a menos na vastidão do universo, qual a diferença? Pá! Plof! Uma formiga a menos no universo repleto de formigas. Apenas.

E se não for tão simples assim? Se houver consequências, represálias? Qual é, cara, tudo que nasce tem que morrer um dia. Poderia acontecer de a formiga cair na teia da aranha. Ou na língua ágil do tamanduá. Mas aí seria um fato natural, a cadeia alimentar cumprindo sua função.

Naquele dia, véspera do vestibular, depois do colégio, deitados debaixo do tamboril da praça, feia, meio abandonada. Num banco próximo, um adolescente chapadérrimo persegue uma mosca imaginária. Ou o imaginário é o adolescente? Ela olha para o alto. Ele, para lugar nenhum. Max, você já reparou que os dois são iguais? De quem você tá falando? Tô falando do Sol e da vida, são redondos e lançam raios pra tudo que é lado. Não entendi. Deixa pra lá. Só tô com medo, medo de pegar o fio errado. É foda, né? Que que é foda? O vestibular. Tomar uma decisão entre tantas opções, possibilidades, é foda, né? Eu queria ter certeza, sabe? Certeza de que a ponta da linha que tô pegando agora é a que vai me dar sustentação, não vai romper um dia. Pra que medo, pô? Se der errado começa de novo, do começo. Não é só medo não. É o que, então? É uma sensação estranha, indefinida. Mistura de dor com agonia, de falta com excesso. Põe a mão aqui: sente meu diafragma? Vê como ele pulsa, furando a blusa. Vi. Não quero ficar, tenho medo de ir. Não sei, não sei! E se a gente fumasse um baseado, só assim, pra aliviar a tensão das provas, hein? Você sabe que não pode, tem aquela encrenca toda da serotonina ou da falta dela, sei

lá. Última vez, prometo. Sem essa, você já prometeu antes, um milhão de vezes. Te juro. Você tem? Tenho um torpedo dos bons. Onde conseguiu? Com o irmão da Tristana. Cê tá brincando, então aquele pirralho tá trambicando drogas? Tá. Mas ninguém da casa dele sabe, só a irmã. Acho que minha cabeça vai estourar, tá faltando espaço nela pra tanta coisa, pros troços todos. É muita cobrança, cara. Exigência, liberdade demais, Max, obrigação de experimentar tudo, de ser feliz a todo custo, inventar o novo em cima do novo, em cima do inventado. O colégio, os cretinos todos cobrando: Pô, então você não conhece, nunca viu? Tá na internet, cara, a semana toda! Saber tudo, ser bom de verdade, ser o maior, o melhor, entende? Todo mundo acaba perdendo a noção do permitido e do impróprio. Esse aluvião todo de possibilidades, ofertas, não te angustiam? É, um pouco. Max, tá doendo muito. O que é que tá doendo tanto assim? A incerteza. Promete que não vai me deixar nunca? Pô! Claro que eu prometo. E você, promete ser só minha e de mais ninguém?

A mão corrupta e corruptora da máfia suspensa sobre a cabeça confusa da adolescente, da mulher. Mato? Não mato? Qual a diferença? Uma mulher a mais ou a menos sobre a terra abarrotada de mulheres. O braço forte do vício impedindo a retidão de seus passos, o reto caminhar rumo ao futuro não acontecido. Ou foram eles que chegaram atrasados?

A DECISÃO

Eles não sabem, Arlindo. Ninguém sabe. Nem precisa saber. Pra você eu conto. Você ainda não aprendeu a usar seus neurônios. Utiliza apenas os periféricos. Por isso não fala, e como não fala não oferece perigo. Você não mente nem engana. Ainda. E eu é que não sou bobo de destravar sua língua. Nesta casa, já tem gente falando além da conta. Falam besteira: o que deve e o que não deve ser pronunciado. Principalmente minha irmã. Acreditar ou não no meu segredo é problema seu. Eu mesmo levei trilhões de dias para acreditar. Bem, chega de lengalenga, vamos ao assunto: toda história tem começo meio e fim. Você gosta de histórias, que eu sei. Fica aí molengando sobre as patas, de olhos fechados, se fazendo de morto, mas prestando a maior atenção. Quando aconteceu, fiquei estarrecido. Era absurdo demais. Improvável. Inacontecível. Mas aconteceu. Funcionou, véi, te juro. Ao contrário de todo mundo, mas de todo mundo mesmo, estou salvo da degradação. Da grande humilhação.

Não foi uma decisão assim tão fácil, tipo: de Natal peço um notebook ou um celular novo? Sofri cara, ponderei pra caramba. Só depois de muito questionamento, de esquentar os miolos, medir as consequências (acredito que tenha sido um ótimo exercício para os meus neurônios), as perdas e os ganhos, tomei a decisão. Aliviado, comemorei com um copo duplo de coquetel de morango sem álcool.

Não sei para os outros, mas para mim a obrigação de mudanças sempre trouxe aborrecimento, angústia. Minha cabeça, embora grande em relação ao corpo, não comporta a enormidade das alterações que, perplexo, eu acompanho, participando ou não. Mudança de quarto, de colégio, de sala e, principalmente, de amigos. Responsáveis por nossa sanidade mental (a deles não), os grandes tentam esconder a verdade da vida. Dourar a pílula. Minha mãe é doutora em disfarces. Quanto pior é a coisa, mais ela faz de fácil. Acho que, bem no fundo, eu sempre tive vontade de afrontar sua ordem estabelecida de todas as coisas. Sua sabedoria redonda, fichada, boiando acima da verdade dos outros. Acho até que não é exagero afirmar que mesmo sendo desagradável, assim meio nojento, aquele acidente diário, pelo menos para mim, passou a ser o ponto alto das refeições lá de casa, antes tão normais, insípidas, absurdamente chatas. Comecei a esperar por ele assim como a vítima aguarda a chegada do algoz. No fundo, o comportamento inadequado do velho (segundo os padrões de minha família) me dava um prazer mórbido, porém verdadeiro. A cara de nojo dos outros passou a ser minha diversão predileta. Era nítido o desgosto de minha mãe, seu trejeito nervoso, quando, em plena mesa de refeição, o velho começava a levar a mão trêmula em direção ao bolso da calça. Estava dada a largada. Com movimentos irritantemente vagarosos, meu avô ia retirando o lenço de cambraia com as iniciais amarfanhadas. Do lenço branco, saltavam escuras e nojentas manchas de catarro seco. Ah!, que nojo, você tem vontade de dizer, Arlindo, eu sei. Não que eu tenha ódio de minha mãe, mas por alguma razão secreta, obscura, talvez ligada à minha falta de fé na higiene, à birra de nunca ter conseguido dormir uma única noite sem tomar banho, não sei, aquele passou

a ser meu momento de paz com o mundo. Em plena mesa, na frente de todos, da copeira bem treinada, e até de convidados quando havia, o velho enchia o pulmão de ar e, com uma disposição de dar inveja, assoava o nariz uma, duas, várias vezes. FUM! FUM! FUM! Disfarçando o risinho cínico, eu acompanhava o voo rasante das partículas de meleca sobre a mesa. Nossos pratos de comida, coitados, iam se encolhendo, escondendo-se uns atrás dos outros, e só não saíam correndo porque não tinham pernas. Era perceptível também o tremelique dos copos e talheres. De seu lugar de honra, na ponta da mesa, furioso, correndo o risco de se explodir, meu pai dizia, sacudindo o garfo na direção de minha mãe para deixar bem claro que a culpa era dela: Merda! Perdi o apetite. Por que esse cara não pode se esmoncar no banheiro como todo mundo? Esmoncar?! Taí uma palavra que nunca me foi apresentada, pensei, anotando-a mentalmente. De seu lugar, à direita do marido, ou à esquerda, não sei bem, com o olhar quase incandescente, porém a voz baixa e rouca de quando quer pôr o ponto final na discussão, mamãe retruca: Não sacode o garfo na minha direção, Natanael. Quando mamãe chama o marido de Natanael todo mundo sabe que as coisas estão pretas e ainda podem ficar pior. Nos momentos bons ele é apenas Nat. Em momentos como esse, minha irmã, que já fazia uso da irreverência franqueada aos adolescentes, tratava logo de se escafeder, terminando o almoço invariavelmente na sala de televisão. Com treze anos, Larissa se comportava como se fosse a dona do mundo. Não falava com ninguém de casa e passava o tempo todo com alguma coisa sobre os ouvidos. Quanto ao velho, coitado, beneficiado pela surdez, acho que nunca percebeu que sua maneira de agir à mesa tumultuava as refeições da família. Ou percebeu

e fez do transtorno sua vingança contra a decisão dos filhos de tirá-lo da casa onde passou a maior parte de sua vida, junto com a mulher que amava, sem ter que aturar cara feia de genro. Não sei. Acontecia sempre do mesmo jeito, com pequenas variações. Quando ele dava o sinal, minha mãe, que era viciada em boas maneiras, fazendo aquele olhar de *sinto muito*, *gente*, pegava na gaveta do aparador a caixa de lenços de papel Kleenex, folha dupla, com Aroma de Eucalipto e Menta, um luxo, segundo ela. Pai, aqui está o lenço, pega. Com um gesto seco, ele recusava. Não suporto essas modernidades, dizia irritado. Para o velho, só serviam os lenços de cambraia branca com as iniciais bordadas pela esposa, quer dizer, pela falecida, como a ela ele se referia.

Aquele avô, que eu conhecia pouco por morar longe da gente, aterrissou em nossa casa não de espaçonave como, ansioso, eu esperava. Chegou visivelmente cansado, numa carruagem antiga, puxada por cavalos lerdos. Tinha os cabelos brancos e caminhava arrastando os pés como se usasse patins. Depois de analisar com cuidado sua postura, tive certeza de que ele vinha de um tempo diferente do nosso. Tinha seu jeitão próprio de encarar o mundo, olhando tudo assim meio de esguelha, a crítica muda tão escancarada que nem a mim escapava. De todo jeito gostei de sua figura diferente. No começo, para deixar bem clara minha posição de membro da casa, tentei estabelecer um contato mais íntimo com meu avô. Mas ele nunca respondia minhas perguntas feitas com a melhor voz de educação. Então descobri que os ouvidos de meu avô eram tão ou mais velhos que o resto de seu corpo. A memória também parece que não era muito afiada. Quanto aos lenços, acho que nunca lhe ocorreu que aqueles pedaços de pano nojentos não eram capazes

de se auto-higienizar. Que alguém, humano, como ele próprio, era obrigado a meter a mão na meleca, ensaboar, esfregar. Eu é que não queria aquela função. Nessa hora ser criança era um alívio.

Tentando justificá-lo perante o marido, minha mãe dizia: Velho é assim mesmo, meu amor, com o tempo vai perdendo a noção das coisas, os hábitos de higiene. Acontece com todo mundo. Vai acontecer com a gente também. É só uma questão de tempo. Como minha irmã andava longe, ocupada em descobrir o invisível no visível das coisas, sobrava pra mim: E trate de respeitar seu avô, hein, menino! A diferença é culpa da velhice. Não se esqueça de que, um dia, você vai ficar igual a ele. É só uma questão de tempo.

Fiquei perplexo por minha mãe ser capaz de amaldiçoar o próprio filho. *Tempo*, foi o que ela disse e repetiu. Assim, descobri que naquela história complicada e aparentemente sem final feliz havia um vilão: o tempo. Eu tinha algumas informações sobre ele, o tempo. Gostava de ouvir as discussões filosóficas de meu pai com seus amigos, uns bobocas metidos a intelectuais, caras que usavam cabelos compridos e barbichas ridículas. O papo na biblioteca, entre copos de vinho ou licor, que eles iam rodopiando bem devagar nas mãos gorduchas ou descarnadas, era assim meio complicado, nebuloso, incompreensível para os meus dez anos. Muitas vezes, aqueles homens misturavam ideias com comida e até com gente. Falavam sobre sopa primordial, universos-bebês, Big Bang e sei lá mais o quê. E o tempo, sem direito ao descanso, sempre metido na confusão toda. Alguns afirmavam que o tempo iniciou sua andança ininterrupta e eterna quando um certo universo-bebê, aparentemente feito do nada, conseguiu sobreviver. Talvez fosse mais forte e esperto do que os outros, pensei. Por alguma razão, aquele

universo-bebê não só sobreviveu como começou a evoluir. Provocou mudanças que puderam ser anotadas, qualificadas. Desconfio que, assim como Eva, o tempo também teve seu momento de vilania histórica. Custava ter deixado tudo quieto como antes? Deu no que deu: empurrada pelas mudanças, a carruagem engrenou sua marcha e nunca mais o mundo teve sossego. Eu, por exemplo, andei fazendo meu balanço. Tudo que consegui contabilizar foram perdas. Depois que meu avô se mudou para minha casa, dando início àquela confusão toda à mesa, ao contrário de minha irmã, que anseia por ele, passei a desconfiar do futuro. Fiquei esquisito, meio nostálgico. Descobri que gosto muito de ter dez anos, que estou satisfeito na minha turma do 6º ano. Não desejo ser obrigado a mudar de casa nem trocar de pais (de avós sei que é impossível. Ninguém ia querer os meus). No entanto, sem escolha nem direito à opinião, vejo-me irremediavelmente empurrado para o futuro, um lugar escorregadio que não se mostra nem define. E como tudo que é desconhecido, acaba sendo suspeito, ou até perigoso. Antes, eu não tinha percebido. Agora reconheço a precariedade de minha condição. Estou permanentemente exposto a situações novas, a desafios que não solicitei e que nem sempre me agradam. Só existe uma certeza. E aquela, eu, como todo mundo, não desejo encarar. A morte. Conclusão: apesar da parafernália toda que colocaram em mim, ainda ficou faltando o botão da escolha. E tudo por culpa de quem? Do tempo, o dono da verdade. Aquele que nos arrasta, transforma, despersonaliza, deforma e transforma numa carcaça absurda, absolutamente indesejável. É contra ele que decidi declarar guerra.

Parabéns, dona Paula, seu filho é um garotão saudável, além de bonito. É bom de bola? É o melhor do time, doutor (minha mãe e seus exageros). Ótimo! No

que se refere à saúde, pode ficar tranquila, está tudo bem com ele. Suas taxas estão absolutamente normais. Não, doutor, o senhor está enganado. Tem que haver alguma coisa errada com meu filho. Confere aí o peso e a medida. Dou meu pescoço à forca se ele cresceu um centímetro que seja ou engordou um grama nos últimos meses. Por favor, veja aí, nas anotações do ano passado, doutor. O garoto parece que estacionou no tempo.

Preocupações de mãe, excesso de zelo. O tempo ninguém para, não, dona Paula. Seu filho evoluiu, sim, está cada dia mais esperto. Quanto ao crescimento, já falamos sobre isso. Ele ocorre em forma de surtos, com maior ou menor intensidade. Não há regra geral. Cedo ou tarde todos acabam tendo seu estirão definitivo. Então confere aí na ficha dele, doutor, eu faço questão de comparar!

Se pelo menos minha mãe conseguisse ser menos pé no saco, pensei desanimado. O médico, figuraça, ajustou os óculos sobre o nariz de tucano, espichou o queixo, abriu um pouco a boca. Depois começou a vasculhar as pastas de seu computador à procura de meus dados pessoais. Fiquei na minha, fingindo uma indiferença que estava longe de sentir. Se eu tivesse pressa, poderia ajudar o doutorzinho a encontrar logo o arquivo com as fichas do ano de 2000. Mas eu estava confiante no meu trabalho. Letra M. Vamos ver: Mônica Moreira Maia, Mário Reis, Marcelo Soares de Abreu. Aqui está! Ora, ora, não é que a senhora está com a razão? Impressionante, em doze meses não houve nenhuma mudança de peso ou altura. Mas daí a ficar alarmada vai uma longa distância. Vou prescrever algumas vitaminas e atividades físicas, principalmente corridas. Correr estimula o crescimento físico. E leite,

muito leite, ouviu, meu rapaz? Pelo menos dois litros por dia.

Arre! *Dois* litros?! Só se eu fosse um bezerro. Com a periferia dos olhos percebi que minha mãe estava adorando ter razão.

Seis meses depois, lá estávamos os três; minha mãe roendo as unhas. Naquele dia não respondeu nem a primeira pergunta da bisbilhoteira na sala de espera. O médico deliciosamente encabulado, e eu realizado. O médico, claro, culpou minha mãe, disse que ela não tinha levado a sério o tratamento prescrito por ele. Minha mãe, ofendidíssima, ameaçava trocar de médico. Tinha, sim, feito tudo o que ele pediu direitinho e até mais.

Apenas eu conhecia a verdade: o pacto estava funcionando. Tinha dado certo, Arlindo. Aleluia! Jamais vou ser um velho decrépito a esmoncar o nariz à mesa. Perturbar as refeições dos outros. Ninguém vai me excomungar, ter nojo de mim.

Perdi a conta de quantas horas passamos em salas de espera de consultórios médicos. A coisa mais importante que eu aprendi foi que elas são muito parecidas. Em todas há uma secretária de bunda grande e voz macia e um paciente curioso irrecuperável, além de revistas com a data de validade vencida, é claro. Mal a gente localiza uma cadeira e lá vem a pergunta fatal: E você, por que está aqui, meu garoto? Minha mãe também já sabia. O curioso ou a curiosa (as mulheres são mais frequentes) nem tinha terminado a pergunta, já minha mãe, que é uma excelente faladeira, desandava a dissertar sobre minha falta de aptidão para o crescimento. Isso me deixava pê da vida, porque era um segredo meu que não dizia respeito a mais ninguém. E por incrível que pareça, todo mundo tinha uma receita infalível para o problema. Vai que

alguma acabasse dando certo. Duas coisas ruins nas salas de espera dos consultórios: o ponteiro emperrado dos relógios e o cheiro conjunto do café e do chá que eles oferecem. Ah, eu estava me esquecendo dos mais novos que a gente, uns dois ou mais anos, e que querem a todo custo entabular um papo cabeça. Mas têm coisas legais também. Um bom exemplo são os tipos exóticos que perambulam por ali. Eu gosto dos diferentes, tipos com coragem pra afrontar a mesmice do mundo. O melhor que eu vi naquelas salas foi um fulano fantasiado de mensaleiro, com uma pasta preta toda brilhante, numa quarta-feira de cinzas. Camarada esperto, gostei da mensagem.

Apesar da apreensão perene de minha mãe, em casa, entramos num ritmo relativamente tranquilo. Meu avô passou a aceitar o lenço de papel Kleenex, folha dupla, com Aroma de Eucalipto e Mel, que lhe era oferecido à mesa. Só que agora o lenço servia para limpar a baba que começava a escorrer de sua boca frouxa. Na verdade, a tranquilidade do ritmo era apenas para os outros. Seguindo à risca as prescrições médicas, minha mãe decidiu fazer de mim um verdadeiro atleta. Mas não pense você que ela se contentava com o segundo ou terceiro lugar. Não, de jeito nenhum, sua meta era a primeira colocação. Para que a coisa fluísse, ela fez um cronograma dos mais rígidos. Acho que bem parecido com as atividades nos quartéis militares. Quatro horas da manhã, despertador. Enquanto eu tentava desesperadamente descobrir que porra de barulho era aquele, em plena madrugada, ela, toda alegrinha, vendendo disposição, adentrava meu quarto com um copo deste tamanho de vitamina de frutas com tudo que era porcariada dentro, inclusive ovo cru, com casca e tudo. Uma meleca fedida e pegajosa. Em resumo: antes que fosse iniciada a primeira aula do

colégio, eu já tinha atravessado, bem umas duas vezes, na piscina de água gelada, a distância entre Belém do Pará e Porto Alegre. Pelo menos era essa a sensação que eu tinha. Manter os olhos abertos, fixos no professor, virou tortura. E, quando, finalmente, o sinal anunciava minha libertação, lá estava ela plantada no portão do colégio, com a fantasia de atleta e à disposição de um verdadeiro profissional à procura da próxima medalha de ouro. Percorríamos a pé, em ritmo acelerado, a distância do colégio até nossa casa, onze quarteirões bem contados. Distância pequena, segundo minha mãe. Decididamente, eu não era um sujeito de sorte. Minha euforia com o resultado da determinação estava fadada a ter vida breve. Quem se encarregou de avacalhar com tudo foi a copeira. Será que existe, nesta porcaria de universo, algo que possamos verdadeiramente controlar? Ouvindo a empregada, comecei a duvidar de tudo, inclusive de mim mesmo. Para os meus planos, isso poderia ser danoso. O sucesso de minha empreitada dependia única e exclusivamente da confiança em meus poderes.

Corre aqui, dona Paula, a senhora não vai acreditar! No que é que eu não vou acreditar, menina? Vem aqui que eu lhe mostro. Vazio? Meu Deus! Que aconteceu com as bebidas do depósito? Quem foi que fez isto? Seu Ananias. Meu pai?! Não, de jeito nenhum. Que loucura é essa agora, criatura? Meu pai nunca bebeu. Pois é, mas agora bebe. E a causa eu sei. Sabe?! Sei, sim, senhora. Então fala logo. São os lenços de cambraia com as iniciais bordadas pela finada dona Felipa. Alcoolismo *versus* lenços de cambraia. Isso não faz o menor sentido. Desembucha logo, Eufrásia! A gaveta está vazia, dona Paula, os lenços ficaram velhos, foram rasgando, um a um, até acabar o último. Ele tem razão de sobra para beber. Não, ele não tem razão, não. Onde já se viu um

velho hipertenso enchendo a cara? Não há justificativa para o vício. Alcoolismo é um perigo, ainda mais na sua idade. Eu sei, dona Paula, mas o coitado bebe é de saudade. Nostalgia do tempo que tinha alguém se ocupando dele, mimando, entendeu? A senhora não tem tempo pra mais nada, só se ocupa do Marcelo. É sempre assim, a bola sempre acaba nas mãos da dona da casa. Não é só isso não, é tudo junto, somado. Onde foram parar as mãos que bordavam seus lenços? Seu Ananias bebe é de tristeza, de solidão. A senhora tá por fora, dona Paula, o que tem de idosos viciados em bebida... Homens e mulheres. Sem ninguém para se ocupar deles, os coitados acabam enchendo a cara pra se consolar.

Alguém tinha que dar um basta na bebedeira do velho. Mas quem? Quem naquela casa tinha tempo para se ocupar de meu avô? Sobrou pra quem? Pra minha mãe. Bordar ponto cruz, além de estar fora de moda, é muito trabalhoso. A Eufrásia ajuda, mas é meio devagar, leva um tempão danado para bordar uma única peça. Assim, para evitar acúmulo de tarefas, procedimento que pode degringolar em processo trabalhista, deliberou-se que aqui em casa não se põe mais a mesa. Cada um se serve na cozinha. Meu pai adorou fazer suas refeições quando e onde bem entende. Seus estudos de filosofia avançada nunca estiveram tão adiantados. Não sei como foi que algumas velhinhas de nossa rua tomaram conhecimento dos serões de bordados. Seja lá como tenha sido, a verdade é que nossa casa virou ponto de encontro da terceira idade em diante. Estão até falando em bazar beneficente. Aquele aparato todo acabou mexendo com a cuca de meu avô. Centro das atenções, o velho espichou o esqueleto, cresceu, virou um gigante. Deixou crescer um bigodinho ridículo e comprou camisas xadrez na

loja do Nassib. E as velhinhas, eu já saquei, chegam eufóricas, cheias de ânimo, brincos e colares. Agora, meu avô é o dono absoluto do espaço, monopoliza a atenção de todo o mundo.

Que se danem meu raquitismo e a suposta anemia. Até eu me esqueci de mim. E sem que ninguém percebesse, completei onze anos e desandei a crescer. Agora meu problemaço é de outra natureza: no momento, todas as garotas que eu conheço querem alguém que se pareça com o Príncipe William, sejam elas parecidas ou não com a Kate Middleton, e, pobre de mim, não estou nem mesmo para Príncipe Harry, um ruivo de cabelos espetados mais feio que a morte. Sendo genuinamente brasileiro como sou, estou mais para príncipe africano que inglês. Daí, nenhuma menina da minha escola me dá moral. Ih! será que na África tem príncipes? Questão a ser pesquisada no Google.

NEBLINA

Admito: estou num daqueles momentos nebulosos que a esmagadora maioria dos escritores considera crítico, para não dizer catastrófico. No vasto universo das letras, poucos são os beneficiados com regalia absoluta, poderes de inspiração e tranquilidade em tempo integral; que aceitam sem desespero a intermitência. Apenas os estradeiros de longas distâncias, aqueles que têm intimidade com a trilha, que confiam no retorno, conseguem desfrutar, sem sustos nem estremecimentos, hiatos de descanso na borda do caminho. São os corajosos, capazes de vestir o camisolão da doença. Doença?! Como assim? Doença, sim, senhor, é preciso aceitar, reconhecer: somos psicóticos, sujeitos expostos a mudanças bruscas de humor, de situação. Nas veias de cada escritor transita livre o simulado vírus da psicose. Essa é a verdade pressentida, mas nem sempre aceita. Portanto, a inspiração que vagabunde o quanto quiser, mude de lugar, estação, ela também merece férias. Enquanto isso, eu vou energizando a casa para o seu glorioso retorno. À grande e desavisada leva de artistas comuns cabe a ansiedade, o pavor do fracasso irremediável e derradeiro.

Falar é bravata, serenidade é viver a situação. Pois é, o meu é tempo de ociosidade, de tela em branco, de bocejar inércia enquanto na janela o burburinho de atividades múltiplas vai passando. De mente branca e plana. Vazia. Nem sombra daqueles frenéticos arroubos literários que nos caem como gotas de orvalho frio sobre as pálpebras pesadas em plena madrugada.

Confesso: faz tempo que minha produção deixa a desejar, tanto em quantidade quanto em qualidade. Tal situação não é de domínio público... ainda. Na rua, olhares respeitosos, quase beirando o temor, deferência que tanto massageia o ego dos artistas, nos envaidece e aparta do comum, continuam a me seguir. Ainda detenho o cobiçado troféu de autor consagrado: ali vai um escritor dotado de grande talento, um inspirado, um quase deus, afirmam gestos admirativos, cabeças inclinadas em minha direção. Contudo, a perdurar em mim a inércia, fatalmente acabarei no ostracismo. Sei disso muito bem. Conheço os sintomas. Rareiam-se os convites para eventos literários, conferências, entrevistas. Nos jornais, fotos, comentários... de outros.

A causa eu não sei bem. Existe relação entre uma coisa e outra? Não sei. Acho que ando meio confuso. Atrelar um fato ao outro. As duas são formas de se multiplicar, perpetuar além de si mesmo. Seja lá qual for o motivo, só agora, depois da intimação, do susto que me deixou paralisado (vou, ou não, atendo ou não à solicitação absurda?), começo a perceber. Faço parte da grande leva. Eu, como a esmagadora maioria da classe, sou vítima, refém. Ainda detenho nas entranhas a literatose, doença altamente contagiosa que costuma atacar os novos talentos. Não fui exceção. Como os outros, seminaristas convictos, fiz da literatura minha religião, meu martírio consentido, o sacerdócio, a sina, meu tudo; razão e motivo de viver. Com fé e devoção, fui o mais submisso dos escravos; escrever compulsivamente era minha doutrina. Todo o resto... é... era resto. Raras, raríssimas concessões. No máximo, o cumprimento rápido e mecânico, quase inconsciente, de um apelo da matéria, mera e apressada satisfação de um instinto, coisa fugaz, sem importância nem consequências. Uma trepada boba, entre os partos de duas

explosões criativas. Na memória, dividindo o espaço com o emaranhado de tipos fabricados pela fertilidade de minha imaginação, não encontro seu rosto. Não encontro fiapos de sua roupa íntima, um fio de cabelo desgarrado, o perfume. Nem seu ou de outro qualquer. Vestígio algum de corpos macios. Nem a mais vaga lembrança dos rostos (que nem foram tantos assim) com os quais dividi o apressado travesseiro. Bem, talvez eu não esteja sendo rigorosamente verdadeiro. Talvez, assim meio nebulosa, esmaecida em brumas passadas, permaneça a presença de uma figura rara. A dos saltos espetaculares que a obrigavam a caminhar pelo quarto precariamente mobiliado com a fidalguia de uma princesa. Subjugada, se bem me lembro. Não sei exatamente o quê, mas algo na fisionomia da mulher me entristece. Essa me ficou retida na memória por uma razão simples: sua fidalguia congênita. Vejo-a, ainda, tirando a roupa devagar, peça a peça, os gestos falsos, estudados, como a dona do estabelecimento que a empregava deve tê-la instruído a fazer. Esperei, numa passividade agitada, enquanto um enxame de ideias me borbulhava a cabeça. Escritor é assim, uma banalidade qualquer pode, de repente, acenar-lhe com a miragem de um texto incomum, possibilidade que nem sempre acontece. Depois que a moça terminou de se despir, pedi que ela desfilasse pelo quarto nu, com as sandálias douradas, altíssimas. De algum lugar, alguém abriu um tapete vermelho, só pode. Impressionante a altivez, a seriedade e profissionalismo da moça, a convicção no desempenho de um papel que absolutamente me escapava. Tão perfeita a simulação que até o vaivém de suas nádegas firmes deixava de ser o foco de minha atenção. Devo ter feito alguns apontamentos, não me lembro bem. É quase certo que aquela mulher figure como personagem central de algum de meus contos ou

até mesmo de um romance. É tudo. Daquela, que me chega sem anúncio prévio, empanturrada de cobranças, exigências, nada, nem a mais leve recordação.

O tempo, sua passagem. O tempo é bom conselheiro. A julgar por meu atual estado de espírito, ouso acreditar que, talvez, sem buscar, perceber ou desejar de forma consciente, o tempo tenha tomado para si a tarefa de me fornecer a necessária imunidade contra a opressão do vírus sublime. Sim, porque pela primeira vez, desde que me enveredei pelo caminho escorregadio da literatura, a fuga da inspiração me deixa indiferente. Deixei de sentir, na garganta seca, o frio cortante da lisa lâmina da angústia. Sinto dificuldade em reconhecer esse estranho ocioso que agora me habita e com o qual convivo sem atritos, indiferente ao que os críticos possam dizer. Evaporou-se a ansiedade, a agonia de antes. Em outros tempos, valha-me Deus! O menor sinal de declínio na produção me levava direto ao centro do inferno. Miolos em brasas. Insone e descabelado, cego e surdo a qualquer possibilidade de saída, eu só encontrava refrigério nas barbas macias de Baco. Sem constrangimento nem pudor, adquiri o costume de me alojar no colo do deus e ali consumir rios de uísque, em fúnebres e perdidas noites, bares afora. Passou a fase. Espero que sem maiores danos. Não bebo mais, nem me desespero. Há histórias piores do que a minha. Não cheguei a tanto, mas em casos agudos há até os que, sem rumo nem prumo, buscam, sem eficácia ou com resultados meramente temporários, suporte nas drogas pesadas. Pobres diabos! Endividados, desacreditados, desmemoriados, fodidos todos, acabam com as mãos calejadas, reclusos em Fazendas de Recuperação ou na sarjeta da literatura barata, de qualidade duvidosa.

Individualmente estou tranquilo, porém temeroso em assumir sozinho a responsabilidade pelo declínio

de uma função que acredito de utilidade pública. Além disso, o dom que me possui é bem de herança. Um dia, há de emergir das sombras o cobrador. Então, decido: assim, meio de soslaio, ventilo o assunto com um dos companheiros de letras. Esparramado na cadeira do jardim, um ouvido atento ao que eu digo, e o outro em si mesmo, o camarada coça a cabeça e, com olhos repentinamente cavos, mira longe o infinito escuro. Tenta, sem sucesso, disfarçar a preocupação. Por fim, vomita a sentença irrevogável:

É grave, gravíssimo, meu irmão. Não o fato em si, afinal não há exceção, somos produtos da mesma forma. Quem disser que não, é mentiroso. Ninguém escapa, todo camarada que se decide pela fantasia torna-se refém de caprichos, vira escravo da força bruta do estro. Dengosa, caprichosa. Mulher. Cabe a nós, os escolhidos, os benditos, ou malditos, sei lá, a espinhosa tarefa de contornar as arengas, bajulá-la, acariciar-lhe os peitinhos sensíveis para que, fogosa, ela volte ao aconchego de nossos lençóis. Você sabe muito bem, não é louco a esse ponto, sabe que sem o calor da inspiração, adeus obra de arte. Um relato puro não tem valor, qualquer um faz. Conseguir que a caprichosa volte à sua cama só depende da habilidade de suas mãos; bem acarinhada, ela volta de quatro, miando. Sempre voltou. Na sua historinha particular, irmão, o perigo está no descaso, na indiferença. A indiferença, essa, sim, é perigosa. Você sabe, não ignora que escrever é tudo que, às vezes brilhantemente, outras nem tanto, damos conta de fazer. Foi com essa finalidade que, com um chute no traseiro, Deus ou o diabo, depende do ângulo de visão do camarada, nos enxotou para o mundo: Vai, vai, filho, viver de fantasia, vai! E, tontos que somos, viemos... para o Brasil. Missão difícil, grandíssima roubada! Uma merda. Antes ser flanelinha nos semáforos da vida.

Viramos referências. Antídotos. Angariamos responsabilidades que nem sei se nos são de direito. Sem o ópio da ilusão, sem o fel de nossas palavras, das denúncias sociais e administrativas, que seria desse nosso povinho desassistido, crédulo e desmemoriado, hein, companheiro? Pensa bem, camarada, tudo isso não é razão suficientemente forte para você continuar na luta, ir em frente com ela?

É, olhando por esse prisma, reconheço, assumo a temeridade de minha indiferença. O momento político não é dos melhores: populismo inconsequente, corrupção administrativa, falta de decoro, negociatas podres, tentativa de selar a boca da imprensa. O leão rugindo forte. Isso para citar alguns dos problemas. A lista não acaba nunca. Ainda assim, para desespero de meu amigo, dou de ombros.

No dia seguinte, mais para desencargo de consciência que ambição profissional, subo ao terraço onde costumo trabalhar. Sou recebido por lambidas amistosas de um sol morno, íntimo. Ligo o computador e ali fico ouvindo o murmúrio agônico da cidade, sons temerosos que se desprendem dos homens e numa corrida desenfreada buscam alcançar, lá nas alturas, a complacência de um Deus atarefado, distante, indiferente e até, quem sabe, descrente. Ouço gritos, gemidos, orações, preces desesperadas, súplicas, blasfêmias, imprecações. O nervoso tilintar de copos. Distantes tacadas na mesa de bilhar. Gritos eufóricos nos ringues de disputas. Ouço sons de metralhadoras soturnas enquanto sinto em minhas narinas arfantes o nauseabundo cheiro das drogas baratas, consumidas a céu aberto por jovens e crianças abandonadas à própria sorte. Da pólvora gratuita que ceifa vidas na porta das bocas de fumo. Do gás lacrimogênio. Bato com força a mão contra o tampo da mesa. Mais ágil do que eu, o inseto se

escafede. Talvez seja um Aedes aegypti fêmea suspeito, irritado com o descaso das autoridades sanitárias e da população desleixada.

Penso em cigarro. É isso. O cigarro pode ser o mote que me falta. Ataca-me a memória a figura cativante do velho Graça e seu siamês, o cigarro. Com gestos estudados de galã de filmes hollywoodianos, coloco o cigarro entre os lábios. Acendo o isqueiro, protegendo a chama com a mão em concha. Inspiro com prazer malicioso a nicotina e, depois, com o queixo erguido, dilato o peito, liberando pelo nariz a fumaça forte e áspera, bem devagar. De olhos semicerrados acompanho, no ar saturado, contornos indecisos, esboços preguiçosos de desenhos mal feitos executados pela inexperiente fumaça azulada. Escrever é isso, é perseguir sem trégua o esboço de uma ideia fugidia. O improviso na trajetória, a indefinição nos contornos do desenho, a falta de compromisso com a realidade é um convite explícito à divagação, à invenção. Todo escritor fuma, ou deveria, já nos ensinou o velho Graça e outros. É isso aí, camarada, de todos os meus descuidos, e são muitos, nunca ter-me rendido à sedução do fumo talvez seja o mais grave.

Finalmente, meu ouvido atento capta o ruído que eu esperava com a ansiedade de namorado de primeira vez. Apartado do resto, o riso cristalino de uma criança. Meu filho. Criação iniciada por mim num gesto de insensatez, ou de egoísmo até. Com a babá, acaba de chegar do passeio. Impulsionado por um sentimento indefinido, mistura enxerida de fraqueza e ternura, levanto-me num salto. Sem culpa nem remorso, desligo o computador e, num alvoroço adolescente, desço, quase correndo, as escadas estreitas, em caracol.

Espontâneo como o jato de uma cascata, o garoto atira-se em meus braços abertos, preenchendo no salto

o vácuo que eu nunca havia percebido. E, filhote de voo curto retornando ao ninho, ali fica, numa atitude plena de sossego e liberdade, a cabeça aquietada no meu ombro, uns ralos e macios fiapos de cabelo alourado acariciando minha orelha áspera. Meus batimentos cardíacos se amiúdam, aceleram, alinhando-se ao ritmo da criança. Sem uma ordem expressa, posso garantir que meu coração inchado de amor se torna exageradamente carinhoso e sensível como o de uma mãe. A certeza absurda me invade a mente: toda a minha vida pregressa não foi mais que a preparação meticulosa para a emoção daquele encontro.

Novo demais, sem condições de ser expresso em palavras, o significado daquele momento verdadeiro carrega um vaticínio não exatamente favorável à minha carreira: senão para sempre, pelo menos momentaneamente, sou um caso perdido para a literatura. Há em minha consciência um hiato, um tratado de paz entre mim e as questões prementes desse nosso mundinho conturbado. Que se dane minha obrigação antagônica de, a um só tempo, advertir e aliviar as tensões do dia a dia do leitor. O pêndulo da balança fez a escolha: que coisa no mundo poderia se equiparar em importância, sonoridade e graça ao riso espontâneo de meu filho? Filho que não planejei, fruto de um momento de irresponsabilidade, que, no entanto, acaba de se transformar em prioridade máxima na vida de um solteirão convicto. A ele, meu filho, entrego, incondicionalmente, o conjunto inteiro de minha energia, a vocação para o absolutismo. Que se dane o resto, penso sem dor de consciência. Egocentrismo? Não sei. Quem é pai certamente há de ter a resposta. Aconchego ao meu peito largo o calhamaço fofo de papel em branco que a babá acaba de me entregar. Não, eu não tenho a pretensão dos direitos autorais

daquela obra, não cabe somente a mim a prerrogativa de escrever a verdadeira história de um crédulo e indefeso iniciante. Não, de jeito nenhum. Cada um é autor da própria história, escrita com o material que lhe é oferecido. Não, não sou canalha ao ponto do abandono. Da recusa. A responsabilidade sobre a cria é minha, furtar-me a ela seria desleixo imperdoável. Cabe a mim, por direito e dever de pai, oferecer os instrumentos que, lentamente, irão moldando a obra que se inicia. De minha presença ou ausência, do carinho ou da indiferença, depende o perfil negativo ou positivo do trabalho em andamento. Pode até ser que eu não consiga. Que meu esforço redunde em estrondoso fracasso. Pode ser que, diante das condições adversas de seu nascimento, aquela criança já tenha nascido sob a égide da condenação. Tudo é possível. Sair atrás de novos estímulos, motivações, também. Descarto a possibilidade do cigarro, que, se um dia foi charme, hoje é veneno. Arregaço as mangas e vou em frente.

CONFISSÕES

De um ex-drogado? Ex-drogado! Sei. De iludidos o inferno está cheio. Qual é, cara, quem pode garantir? Depois da primeira dose, nenhuma fiança vem com selo de garantia. Quanto à intenção, concordo. Nada está mais presente na vida de um dependente químico que a intenção. E já é meio caminho. Contabilizo, dia a dia, em uma caderneta de capa escura, meu tempo de abstinência. Nesta não há embromação: hoje, 5 de dezembro de 2010, não fiz uso de nenhum tipo de droga. Há dois anos e dois meses, tomei a iniciativa. Desde então, venho fazendo meus apontamentos. Neste espaço de tempo, período curto em quaisquer outras circunstâncias, porém longo, longevo no tocante às drogas, nunca deixei de registrar. Às vezes, relativamente calmo; outras, em franco desespero; a letra, uma garatuja trêmula, ilegível. Ainda assim, registro. Tomar nota, como tantas outras atitudes, não passa de tentativa, desejo de domar o cavalo que, afoito, desenfreado, galopa no meu peito magro, descarnado pela incessante batalha travada contra o vício. Fome. Longa, profunda, dolorida fome. Não de horas ou dias. Fome de anos, décadas, de uma vida inteira. Meu corpo todo, cada milímetro de mim, cada poro; a mente, a vontade. Eu inteiro vivendo na precária condição de refém, possuído pela obsessão, tomado, dominado, contaminado por ela. Um verme nojento, um traste imprestável. Nenhuma tentativa que eu possa fazer tipo ouvir alguém, ocupar o tempo, matar a carne com exercícios pesados, esmurrar a parede até a mão sangrar, nada supera em força e determinação a

dependência ancestral da droga. Nada. Anterior a tudo que possa existir, ela vem com a força e determinação de um rio caudaloso em dia de enchente ou de um tsunami depois do terremoto. Necessidade que rói os ossos, raspa a carne, perfura a alma. Dói. Dói muito. A dor maior vem da liberdade. Suposta liberdade. Sou livre. Extirpar a ânsia pela droga é trabalho meu. Se eu quiser, posso, num estalar de dedos, assim como quem opera um cancro maligno, me livrar da porra da dependência. Sou livre, pô (é assim que os outros veem a questão), só dependo de minha vontade. Parece pouco, não parece? Você é um homem, ou não passa de um projeto? A responsabilidade é minha. É assim que a gente pensa no início, antes que a decadência comece a ofuscar a ilusória sensação de felicidade.

Nem tudo pode ser contabilizado. Quantas vezes fui à janela hoje, hein? Vinte? Trinta? Cem vezes? Um milhão de vezes? Como um foragido da justiça, abro uma fresta estreita na cortina. Em todas elas, ele estava lá: mosca negra, mancha destoante na ordem natural das coisas. Na organização de um mundo que se quer perfeito. O vendedor. O aliciador. O diabo em cascos e chifres e cheiro e maldade. Anônimo para muitos, perfeitamente identificável para nós, os malditos usuários. Malditos, sim, não há outra qualificação. Porque se não houvesse comprador, não haveria vendedor. Como uma sentinela atenta e zelosa, faça chuva ou sol, lá está ele. Na face asquerosa, o risinho cínico do diabo; incansável na espera, inesgotável na criatividade. Ele sabe, tem experiência no ramo. É só uma questão de tempo, de densidade, de circunstâncias. Às vezes, meio disfarçado, o diabo mira, com sarcasmo indisfarçável, as janelas dos condomínios ao seu redor. Em muitas delas ele se reconhece espreitado; olhos cavos, fundos, ansiosos, sofridos vigiam-no dia e noite.

Olhos de fogo. Congestionados, insones, desvairados, acompanham os movimentos tranquilos do traficante. Ele se reconhece, sabe que é o visgo, que cedo ou tarde atrairá a mosca, amputará suas patinhas frágeis. Indiferente ao meu, ao seu sofrimento, contabiliza, eufórico, cada recaída, cada novo consumidor. Ainda te mato, com requintes de sadismo tiro teu couro, centímetro a centímetro, maldito aliciador de mentes crédulas! Eu, mosca aprisionada, urso enjaulado, tigre esfomeado, rosno de minha janela. Sou a ameaça velada, aquela curtida no vinagre do rancor. Um dia, quando tiver perdido o último fiapo de esperança no desligamento que me propus, te estrangulo, maldito, te mato com a derradeira força de minhas mãos trêmulas de cobiça pelo que você oferece a preços exorbitantes. Quando não houver mais solução, dou cabo de sua vida. Sua morte será o bálsamo que há de anestesiar, anular em mim a tortura. Não está direito, você sabe. Rir assim, descaradamente, da desgraça do outro é crime hediondo, inafiançável perante Deus e os homens. Seu carrão importado, sua casa de luxo, tudo isso fere as leis da decência humana.

Vinte de dezembro de 2010. O Natal chegando, cobrando mudanças. Onde é que eu posso mudar? Nem toda mudança é boa. Permanecer na estagnação, também não. Pronto, dei um basta. Matei em mim a ânsia insuportável. A fome, a sede. O tremor incontrolável. Matei. Mas não deixei barato. Depois da transação, da euforia de ter comigo quatro polpudos saquinhos de crack, o que não é grande coisa, mas é tudo que eu posso no momento, executei o vendedor, meu salvador, o traficante, a sentinela. Uma estocadazinha boba, porém firme, e a lâmina entrou macia, atingindo em cheio o pulmão do desgraçado. Trabalho limpo, digno de um profissional. Fiquei admirado de ninguém

ter percebido nada, nadinha. Fui um transeunte como muitos outros na avenida movimentada, num dia ensolarado, enfeitado, ocupado com a alegria própria da época. Apesar do tremor nas pernas, da ansiedade de guardar em segurança minha carga preciosa, a fortuna, continuei andando em passos normais enquanto o homem se curvava e golfadas de sangue alagavam o asfalto negro. Pessoas horrorizadas passavam, outras paravam, contritas, desalentadas. Curioso, parei por um instante. E, com uma frieza que jamais desconfiei em mim, olhei para trás. Vi o corpo se contorcer, cada membro lutando contra a sentença irrevogável, as unhas azuladas se cravarem no vazio, o olho saltar num horror desmedido e, no momento derradeiro, pronto para recolher definitivamente no escuro da morte, cruzar com a fria indiferença de minha confirmação. Sim, sou eu o teu algoz. E daí, vai se abrir com quem? Antes de atingir a esquina, sorri para uma criança. Ajudei a velhinha capenga a cruzar a rua. Eu caminhava leve, com a sensação do dever cumprido. Foi muito bom parecer um cidadão normal caminhando para o trabalho. Trabalho limpo.

De minha janela, no alto, frio como a morte, como o traficante vai estar daqui a pouco, assisti a tudo. Mal posso acreditar que aquilo esteja mesmo acontecendo. Meu cachimbo novinho cheio de pedrinhas brilhantes. Acendo o fósforo e começo a exalar a fumaça tão familiar e tão distante na saudade. Imediatamente, a sensação de energia renovada começa a invadir meu corpo trêmulo de excitação. Enquanto olho ostensivamente pela janela, um clarão de eletricidade me percorre da cabeça aos pés. Entre uma tragada e outra, vejo a multidão, o corpo esticado no centro da curiosidade. Relaxado e tranquilo, acompanho a chegada do corpo

de bombeiros, do carro da polícia. De cima, mãos lavadas, firmes, acompanho tudo. Trabalho limpo para um iniciante. Estreei bem, posso garantir. Mais um ser embrutecido, vocês devem estar pensando.

NECESSIDADE DE SER DIFERENTE

O escuro do quarto, em oposição ao brilho policromo de uma ideia. Sem essa, Helô, mais uma palavra maçante. Eu sei, eu sei. Policromo é uma palavra que a galera desconhece, eles vivem no raso, águas profundas ninguém busca. No colégio, a preocupação maior dos meninos é inventar pegadinhas. A do momento é aquela: Irmão (ir mão)! Voltar mão. Riem de babar daquela besteira. Acontece que faz algum tempo que eu venho me preparando para o lado áspero das coisas. Estou tentando crescer de mãos dadas com o desafio, sem medo dele nem de nada. Estou de olho no meu primeiro emprego. Sei que não é fácil, menor não pode trabalhar, é lei, e encontrar vaga por meio de um projeto também não é fácil. Até eu conseguir uma vaga vai ser amanhã. Quanto mais cedo a pessoa desiste de contar com facilidades, mais chances ela tem de se dar bem na vida. Mas, voltando ao assunto: eu concentrava nela, na ideia, toda a energia de meu corpo frágil, da mente em formação. Recorrer a Ele, estabelecer uma parceria verdadeira haveria de dar certo. Ele, sim, pode tudo, Sua vontade é soberana. Se pedir com insistência e determinação, dia e noite, vou ser atendida. Pode até demorar um pouco, afinal de contas Ele é uma Pessoa ocupada, mas um dia há de me atender. Conheço histórias de milagres, casos difíceis, complicados, que foram misteriosamente resolvidos.

A ideia que me parecia brilhante não veio assim do nada, teve origem num acontecimento. Aconteceu no dia anterior, e surgiu em tons de presságio. Nem cogitei a possibilidade da coincidência, realidade

pura, coisa que eu não tinha condições de aceitar. Nunca passava por aquela rua, que era assim mais movimentada, cheia de caras desocupados batendo papo pelas esquinas; por isso nem sabia da existência da oficina mecânica. De repente, bem no início do quarteirão, piscando um brilho metálico, novinha em folha, a tabuleta: OFICINA SÃO TOMÉ. Logo abaixo, em letras menores, mas que me pareceram enormes: *Precisa-se de mecânicos*. Assim mesmo, no plural. Emprego. Meus neurônios dispararam e a imagem adquiriu forma. Aquele era o grande milagre pelo qual eu vinha clamando desesperadamente, todas as noites, com fé inabalável. Podia ver meu pai lá dentro da oficina, junto com os outros empregados, seus colegas, homens trabalhadores, dignos de serem chamados de amigos. Daquele assunto o pai entendia. O Gol seminovo que ele comprou, e depois teve que vender, nunca dependeu de oficina. Meu pai sozinho resolvia todos os problemas do carro. Aquela foi uma fase em que eu quase senti orgulho dele.

Joelhos ossudos fincados no ladrilho frio, dolorido. Mãos postas, olhos fechados. Lábios que se moviam freneticamente. Bêbada de sono, a cabeça caía sobre o colchão macio. Começava tudo de novo. A fé inabalável. O milagre fazendo corpo mole, demorando a acontecer. Durou meses a cantilena. Um dia perdi a paciência.

Filho da puta! Bosta! Shit! (esse eu tinha aprendido com os americanos, nos filmes). Que vá tudo pro diabo! Que mais? Tenho que perguntar ao Tom Boca Suja, ele sabe, possui um repertório invejável de xingamentos e palavrões. Nisso ele é muito bom. O melhor da turma. Nas matérias, coitado, anda sempre no vermelho.

Eu pisava com uma força furiosa a calçada esburacada. Raiva de ter nascido onde nasci; de não

ter escolhido melhor meus pais. De minha mãe, que fez vista grossa aos defeitos do candidato a marido. Raiva da vida boa dos colegas, da liberdade que eles tinham de andar pelas ruas sem precisar se esconder de nada; dos professores moralistas, com mania de bons costumes (o pior era saber que eles estavam certos). Raiva do ar de tranquilidade das pessoas na porta de suas casas. Ódio do boteco em frente à entrada da viela onde moro. HORROR a meu pai. Descrença de mim mesma, que nem de rezar direito sou capaz. De Deus, não, a culpa não é Dele, a errada sou eu, uma palerma que aceita a situação sem reagir.

Tomei a decisão no caminho entre a escola e a casa. No espiar do último fôlego. Meu estado era de absoluta exaustão. Eu estava cansada, enojada de ter que inventar mentiras, desculpas esfarrapadas para não fazer o trajeto com os colegas, um grupo pobre feito eu mesma, mas com uma grande diferença: o direito à alegria, à liberdade de serem eles mesmos. Saíam juntos do colégio e iam tranquilamente pelo caminho, abraçados como irmãos, brincando de empurrar o companheiro para dentro da boca aberta do bueiro, chutando o lixo na calçada, gozando o outro quando uma nova paixão secreta ficava visível, chupando picolé, um completando o dinheiro curto do outro. Exercendo a solidariedade. Rindo de tudo e de nada. Não vou mentir, não. Uma vez um deles pegou uma caixa de morangos de um tabuleiro, na porta do Empório Verde Vida, loja recém-aberta e cheia de frescuras. O gerente saiu lá de dentro que nem uma flecha. Quem cometeu o delito?, berrava, possesso. Se não aparecer o culpado, eu chamo a polícia. Todo mundo mudo. Curiosos começaram a aparecer de tudo que era lado, uns a favor, outros contra o gerente, um chato assumido que só gastava seu sorriso com quem

tinha os trejeitos sacáveis de ricos em início de carreira. No fim, os meninos fizeram uma vaquinha e pagaram a caixa de morangos, que misteriosamente não estava com nenhum deles. O colégio foi notificado. Durante um mês, o grupo todo ficou sem recreio, isolado, cada um num ponto diferente. O ladrão nunca apareceu.

Enquanto isso, eu fazia o percurso sozinha, numa agonia de morte, implorando a Deus para que meu pai não estivesse na porta do boteco com o copo de cachaça na mão, o corpo cambaleando sobre as pernas moles, na companhia de amigos inconvenientes, bêbados incorrigíveis, homens que me olhavam de um jeito que me envergonhava; aquela risadinha cínica no canto da boca mole. Pavor de que alguém da escola presenciasse a cena humilhante. Aquilo se repetindo, dia após dia, era de matar.

No colégio, a verdade que deveria ser mantida a todo custo era outra. Eu tinha confeccionado com os fios de minha imaginação fértil a própria história. O pai era mecânico e trabalhava na Oficina São Tomé, logo abaixo do colégio, numa rua mais comercial, onde nenhum dos colegas morava. Todos os dias ele ficava esperando por mim. Fazíamos juntos, de mãos dadas, o trajeto para casa, onde a mãe e meus irmãos já estavam prontos, esperando para o almoço. Uma família unida e solidária, que se preocupava, defendia uns aos outros. Falei tanto disso que acabei, eu mesma, acreditando na possibilidade de a ficção vir a tornar realidade. No escuro de meu quartinho apertado, a figura surgia iluminada. A fé era tamanha que todas as noites, enquanto pedia ajuda aos santos conhecidos e por conhecer (priorizando Santa Rita dos impossíveis) para que o pai pegasse aquela vaga, eu conseguia ver o milagre da transfiguração que tanto almejava. Metido num macacão azul, todo sujo de graxa, os braços

manchados, as unhas escuras. Um trabalhador como os outros pais. Quer dizer, nem todos, mas a maioria. Um homem correto que suava para pagar as contas no fim do mês. Que não vendia o carro da família para saldar dívida de boteco. Era delicado com a mulher e os filhos. Aos domingos, íamos à igreja e depois ao parque, onde os brinquedos eram de graça. A cada dia, eu acrescentava um novo detalhe à história, conforme acontecimentos narrados pelos colegas ou cenas de filmes a que assistia pela televisão.

Equilibrava-me, como podia, sobre o fio da navalha. Na pele, iam ficando as cicatrizes. O meu é um caminho minado. No campo das mentiras, bombas mal enterradas podem explodir a qualquer momento. Se os amigos descobrissem a verdade eu ia ter que fugir de casa, mudar de cidade, ir para um orfanato, apesar de não ser exatamente órfã.

Domingo era o pior dia. Contraditório: monótono, porém turbulento. Comprido, repetitivo. Perigoso. Rico apenas em sobressaltos. A mãe não ia para o trabalho. O pai ficava em casa, esvaziando a garrafa de cachaça, vigiando tudo com olhos de fogo. Um limpando e o outro sujando.

Seu porco imundo, quer parar de cuspir no chão?, minha mãe berrava, com a voz que ela guardava para usar quando estava no último degrau da falta de paciência. Furioso, meu pai, que também não era de deixar por menos, investia contra a mulher.

Megera! Você só pensa em limpeza, limpeza.

Em que mais eu poderia pensar, hein, seu pau d'água miserável? Cinema, teatro, passeios com os amigos e as crianças? Essas são coisas que custam dinheiro e o nosso ninguém melhor que você sabe para onde é que vai. Essa não foi a vida que eu escolhi. Pensei que estivesse me casando com um homem,

enquanto casava com um cachaceiro de porta de boteco de quinta categoria.

Pau d'água, é? Quem provoca é porque gosta de apanhar. Toma, sua vadia, vaca vagabunda! Porrada é tudo que você merece, não entendo porque ainda não te matei, vontade é o que nunca me faltou.

Por favor, pai, não bate nela, não. Ela não vai mais reclamar, né, mãe? Deixa que a gente te ajuda a limpar. A gente limpa tudinho pra você, mãe. Vizinhos olhando pela janela, balançando a cabeça em sinal de desaprovação, enquanto a vergonha tingia nossos rostos assustados. Era apavorante pensar que um dia, por alguma coincidência cruel, alguém da escola viesse a saber de tudo, pudesse presenciar uma cena daquelas.

Íamos crescendo assim, os irmãos e eu, crianças assombradas, aparando pancadarias, temendo o pior. Confiando em mudanças que não aconteciam. No dia primeiro de cada mês, eu media minha altura num prego que eu tinha fincado na porta de meu quarto. Apesar dos maus tratos eu estava crescendo, e quando fosse grande o suficiente não ia ter medo de enfrentar aquele homem, ia obrigá-lo a sumir de nossa casa, deixar a gente em paz. Mas agora, de um momento para outro, perdi o controle da situação. Todas as manhãs, quando chego ao portão da escola, sinto o chão deslizar debaixo de meus pés. O coração dispara, as mãos gelam e uma tremedeira absurda nas pernas ameaça me fazer desabar de quatro no chão. Fico gaga, muda.

Nada no mundo acontece por si só, há sempre um antecedente, uma causa. O antecedente que desencadeou a metamorfose em mim foi Miguel, um colega transferido de outra cidade. Não me lembro de ter visto, em toda a minha vida, uma única pessoa que me despertasse tamanho interesse quanto o novo

colega de classe. Cabelos cacheados como os anjos, só que pretos. Olhos negros, grandes e profundos. O nariz e a boca nem são assim tão perfeitos. Além disso, começava a brotar na sua testa longa, marca da inteligência aguçada, uma verdadeira plantação de espinhas vermelhas, exuberantes, porém não muito bonitas. A voz também é meio estranha, às vezes grossa, outras, fina. Mas no contexto geral, estes são detalhes irrelevantes. A verdade é que, diante dele, me sinto uma verdadeira rainha, alguém que merece atenção, que é ouvida e atendida. Miguel me dirige a palavra de um jeito que ninguém nunca antes tinha dirigido. Com ele eu consigo rir, apesar de tudo. Durante o recreio, com a desculpa de que ele vem de outra escola, nos debruçamos sobre as lições, tão próximos um do outro que, de vez em quando, nossos braços se tocam. Deus do céu, aquilo é uma descarga elétrica ou o quê? Meu coração dispara como um foguete amalucado. Não tenho como negar: Miguel, Gui, como é chamado pelos colegas, é único no mundo. *Unique*. Imbatível em beleza, distinção, sabedoria e delicadeza. Um príncipe, se eles andassem no meio da gente. Mas é também um tormento a mais na minha vida tumultuada. Frequentar as aulas é estar no céu e no inferno ao mesmo tempo. Não ir é o inferno na sua crueldade pura.

Por que você não conversa com seu pai, diz que quer voltar do colégio com a turma? Ele não ia deixar, Miguel. Mas se ele é tão compreensivo quanto você diz...

É, mas em alguns assuntos ele é mesmo radical. E se uma tarde dessas eu fosse estudar na sua casa? Não! Falei e percebi que tinha quase gritado. Miguel me olhou espantado com minha reação exagerada. Eu também sou pobre, Heloísa, não precisa ter vergonha de sua casa.

Não é isso, não, mas eu não quero que você vá lá e pronto.

Tá bom, se é assim tão complicado, eu não vou. Será que não dá pra você confiar em mim, de verdade?

Eu confio, mas não quero falar sobre isso.

Uma parte do meu coração que nunca tinha doído começou a latejar. Miguel querendo se igualar a mim para que eu não me sentisse tão mal. Meu pai era um daqueles desempregados que não querem trabalhar. Minha mãe, diarista. Quer dizer, antes minha mãe era professora, mas depois, com a necessidade de pagar as contas da casa sozinha, foi obrigada a deixar a sala de aula. Como diarista podia ganhar mais. Foi uma decisão difícil para ela. Agora, com a vida miserável que vem levando, o humor sempre alterado, eu nem sei mais quem minha mãe é. A situação do Miguel é muito diferente. Seu pai faz parte da equipe de gerentes do Bradesco, gerencia a única agência bancária de nosso bairro. Sua mãe a gente vê de vez em quando. Às vezes ela busca o filho no colégio. Um dia chegou ao cúmulo de falar comigo.

Olá, Heloísa, o Gui me disse que vocês estudam juntos. Isso tem sido muito bom para ele. A gente está sempre mudando de cidade e os meninos têm uma certa dificuldade em enfrentar turmas novas. Qualquer dia vá até nossa casa.

Fiquei muda de espanto. Então ela sabia de mim? *Eu* era útil ao Miguel? Na minha cabeça ele não precisava de mim para absolutamente nada, estudar comigo era apenas desculpa pra gente ficar mais tempo juntos. E ver o Miguel com medo de alguma coisa estava acima de qualquer esforço de minha parte. Na porta da escola, a turma caiu matando:

A sogrinha gosta dela, convidou ela pra ir na casa dela! Leva a gente junto, Helô? Ele deve ter uma mega

casa. Vocês sabiam que gerentes de banco ganham presentes milionários?

Não, ninguém sabia, todo mundo aqui é filho de ameba... Nem morta eu vou.

A situação só piorando. Complicando. Eu andava confusa, irritada. Sentia nas desculpas esfarrapadas que ia inventando uma falta total e absoluta de solidez. Como se não bastasse a insistência de Miguel, agora os amigos, que já tinham percebido o que vinha rolando entre a gente, também me puxavam pelo braço, faziam ameaças de me levar com eles, à força. Milena, a melhor amiga, teve uma ideia. Eu vou com você até a oficina e peço pro seu pai. Eu pedindo, ele deixa. Lá em casa é assim. A gente sempre dá um jeito de arranjar um testa de ferro. Eles ficam com vergonha de falar *não* para os amigos dos filhos, ainda mais se o testa de ferro for alguém atrevido. Os pais são assim, sensíveis às critícas dos adolescentes. Pai nenhum quer ser chamado de careta, ultrapassado.

Não dava mais pra segurar aquela barra. Dia e noite pensando no problema. Meu rendimento na escola andava baixo. Eu não conseguia comer nem dormir direito. Tinha dores horríveis no estômago. Emagrecia como uma anoréxica. E a paixão só aumentando. Até o medo de meu pai e de seus amigos bêbados diminuiu. Naquele dia, enquanto voltava para casa, decidi pela rebeldia. Ia dar um basta naquela situação. Eu não tinha outra saída senão enfrentar os problemas, reagir contra a ameaça velada da turma do boteco, a vergonhosa conivência de meu pai. Ia bater de frente com os vagabundos, ser capaz de atirar a verdade na cara deles, xingá-los se fosse preciso. Eles não eram donos de minha vida, não tinham o direito de me torturar daquele jeito. Tomada a decisão, senti um grande alívio, de agora em diante as coisas iam

mudar. Enlevada com a ideia, nem olhei para o outro lado da rua para saber se eles estavam lá.

Fui atingida pela voz babenta de meu pai. Heloísa, vem cá! Vou não; que que você quer? Alto lá, menina, eu sou seu pai. Que que o SENHOR quer? Vem cá, meu amigo quer te conhecer melhor.

Amparada pela decisão de abandonar a covardia, atravessei a rua, de cabeça erguida. Parei em frente ao pai. Pronto, estou aqui. Tá vendo esse moço bonito? É o Rogério, meu amigo, ele gostou de você, te achou bonitinha. Quem? Esse bêbado aí? O homem em questão, um quase velho feio e encardido, mal parava nas pernas. Seu amigo! É, tá bom, dá pra entender a amizade de vocês. São iguaizinhos, beberrões que passam o dia inteiro na vagabundagem. Que foi que você disse? Isso que você ouviu, pai. Nunca percebeu? Foi preciso ouvir da própria filha? Sua atrevida! Pois vamos acertar as contas é aqui mesmo, no meio da rua, sua pestinha desaforada. Puxou à mãe no gosto por uma boa surra!

Não! Apanhar no meio da rua era demais. Aquilo não estava incluído no pacote. Ficava muito além de meu propósito de enfrentamento da situação. Antes que ele conseguisse me agarrar, saí em disparada em direção à entrada da viela. A última lembrança parece cenas de um filme violento: o carro cada vez mais próximo e gritos estridentes de freios desesperados. Pessoas paralisadas, sem ação, os olhos esbugalhados de susto.

A dor. Leve. Mais forte. Aguda. O teto branco, imaculadamente limpo. Não é o teto encardido de meu quarto. A música suave, das igrejas. O anjo branco, de voz apaziguadora. O peso nas pálpebras. A nebulosa ausência de tempo. Presenças sutis, movendo-se em

bruma de éter. A sombra macia que comparece sem se mostrar.

A música mudou. Vozes infantis impregnam o ar adormecido. Doces. O coral dos anjos. De repente, a agitação intempestiva de um som diferente. Ranger de freios alucinados. O desespero. Coriscos rasgando as trevas da memória longamente adormecida. Morri e estou no céu. Já é uma vantagem. Foi vantagem até o momento em que me veio à memória a existência de Miguel. Miguel não era anjo, nem alma. Existia em outra dimensão. Perdido para mim, portanto. Tudo perdido, tudo. Caí num choro convulso, desesperado. Passos apressados nos corredores do céu. A porta é aberta pelo anjo.

Calma, Helô, calma! Miguel?! Você também morreu?! Não, que ideia, eu estou vivo. Vivo? Que pena! Como assim, que pena? Então você queria que eu tivesse morrido? Queria. Quer dizer, acho que não tenho esse direito. Quem foi que morreu, Helô? Eu. Eu morri, Miguel. Não, você não morreu, não, andou perto, mas não morreu. A prova disso é que você acaba de acordar. Graças a Deus você acordou. A gente esperava pelo milagre, todos os dias. Rezava para que acontecesse logo. Você está muito fraca, não pode ficar falando. A enfermeira precisa saber. Vou chamá-la. Não, nada de enfermeira. Preciso saber de tudo, entender. Quanto tempo faz que estou aqui nesse lugar? Quase um mês de hospital, tomando soro e mais nada. Sua mãe foi em casa, mas não demora. A gente vem se revezando, todo mundo ajuda. Amanhã é o dia da Milena. *Todo mundo*? Quem é todo mundo? A galera do colégio, claro. Então, todo mundo sabe? Que vergonha, meu Deus. Sabe, mas não precisa sentir vergonha, Helô, há situações que escapam ao nosso controle. Você não fez nada. Não tem culpa. Seu pai era alcoólatra, sabia

disso, tinha que ter procurado ajuda. *Era*, como assim, ERA? Sua mãe está vindo, ela te conta tudo. Não posso esperar por ela, eu preciso saber agora, entende? Conta você mesmo, Miguel, agora! Você não pode ficar assim, sofrer grandes emoções, é perigoso no seu estado. Os médicos precisam saber que você saiu do coma, tomar providências, fazer novos exames, essas coisas. Só depois que você me contar tudo. Bem, eu não queria... Seu pai não teve a mesma sorte que você... Meu pai morreu? Pode falar. Seus ferimentos eram graves demais, Heloísa. Ele... ele não resistiu, foi isso. Fala tudo, pode falar, a culpa foi minha, não foi? *Matei* meu pai. Não, de jeito nenhum. Foi um acidente. Você saiu correndo, tentando atravessar a rua no meio do trânsito caótico da hora do almoço. Tinha o direito de se defender. Qualquer um no seu lugar faria o mesmo. Ele foi atrás, tinha bebido muito e estava furioso, queria te agarrar de qualquer jeito. Você sobreviveu porque foi atirada em cima do capô de outro carro. Bateu com a cabeça, ficou muito mal, mas sobreviveu. Já seu pai teve o azar de cair. Estava bêbado, tropeçou nas próprias pernas. Caiu... E o carro passou por cima dele. Foi isso que aconteceu, sinto muito. Eu acho que vou vomitar. Espera um pouquinho, vou pegar uma toalha. Não, não vou vomitar, não. É isso mesmo, Helô, você precisa ser forte e os médicos precisam saber que está acordada. Vou tocar a campainha. Só mais uma pergunta, Miguel, como é que eu estou, muito feia? Não, que ideia, você está linda! Um pouco mais magra, só isso.

Agora, livre do hospital, tenho um novo problema. Luto contra o pecado mortal, imperdoável, que me persegue dia e noite: o alívio pela morte de meu pai.

Esta obra foi composta em ITC Usherwood Std
no ateliê da Cânone Editorial; a impressão se fez sobre
papel Pólen Soft 80g, capa em Cartão Supremo 250g/m^2,
em 2013.

Na esperança de encontrar algo que dê sustentabilidade à incômoda imprecisão que sua vida é, inicia com a maconha, passa para a cocaína, o ecstasy. Finalmente se fixa no crack. A primeira sensação, um quase orgasmo, implanta-se na vontade do adolescente, que vai ter que buscá-la com frequência cada vez maior. Ele ainda não sabe que a primeira volúpia é única, irrepetível. A droga passa a ser seu passaporte, o documento que lhe escancara as fronteiras, franqueia o trânsito. Graças a ela, pode frequentar os salões requintados do céu, comer do manjar reservado aos deuses. Depois... vem a alucinação.
O embarque no túnel sem freios que desce direto ao submundo do inferno.

ISBN 978-85-8058-041-9
9 788580 580419